



UNIDADES COMPACTAS

Busca por moradias individuais afeta mercado de imóveis na PB

Maior número de pessoas morando sozinhas tem influenciado a demanda junto às incorporadoras. *Página 17*

Foto: Carlos Rodrigo



Bibliotecas mantêm fortalecido o interesse pela leitura no estado

Equipamentos gerenciados pelo Governo da Paraíba promovem o contato com os livros em espaços com internet gratuita, climatização e cabines individuais de estudo, mantendo acervo com milhares de volumes disponíveis para empréstimos, além de se tornarem cenários para atividades culturais.

Página 5

Crianças compõem 34,6% das vítimas de afogamentos em João Pessoa

Nos últimos três anos, 45 de das 130 ocorrências registradas no Hospital de Trauma foram com menores. Além dos riscos do mar, as piscinas também representam um perigo, especialmente em casa.

Página 7

Estado implantará novos sensores para monitorar a qualidade do ar

Especialistas definirão nível de pureza atmosférica a partir de dados coletados pelos equipamentos. Rede orientará decisões nas áreas de saúde, planejamento urbano e meio ambiente.

Página 20

Projeto promove a inclusão por meio de atividades esportivas em JP

Escolinha criada pelo Comitê Paralímpico Brasileiro busca democratizar o acesso às modalidades adaptadas, fortalecer a autoestima dos participantes e revelar novos talentos.

Página 21

Herança emocional é um legado invisível que passa por gerações

Caderno Pensar debate como o conjunto de sentimentos, crenças, traumas e comportamentos transmitidos inconscientemente pelos antepassados e cuidadores moldam a forma como um indivíduo lida com as emoções no presente, influenciando relacionamentos e escolhas na vida adulta.

Páginas 29 a 32

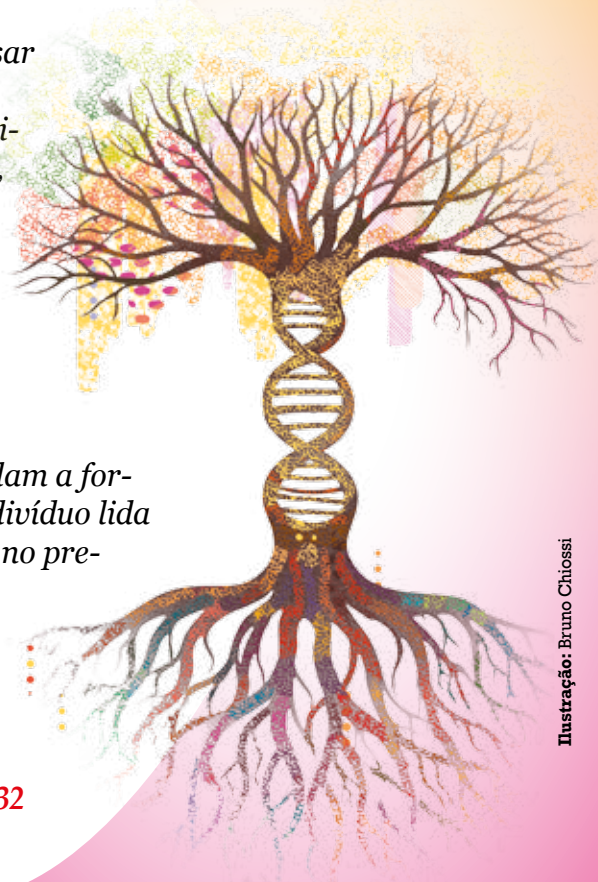


Ilustração: Bruno Chiossi

■ “José Maria dos Santos, paraibano nascido em João Pessoa, foi jornalista e escritor de repercussão no país que a Paraíba cultural desconhecia”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Nonato apazigua, alguém que encontramos nos versos de Drummond, Manuel Bandeira. Nas crônicas, ele nutre o grau fascinante de concisão”.

Kubitschek Pinheiro

Página 10

■ “O jornalismo não se resume ao domínio de ferramentas. Ele exige critério ético, apuração rigorosa e, sobretudo, o compromisso social”.

Angélica Lúcio

Página 26

Epidemia machista

O assunto está na ordem do dia de casas e apartamentos, escolas e associações classistas, salas e tribunas oficiais, praças e delegacias, meios de comunicação... Enfim, onde houver pessoas conscientes dos direitos e deveres do povo e da nação, a violência de gênero, principalmente contra a mulher, pelo escandaloso número de ocorrências, em nível nacional, está motivando debates calorosos, na esperança de se encontrar uma solução rápida e eficaz.

Ao que parece, não há mais limites, no Brasil, quando se trata de agredir ou assassinar mulheres. Elas são humilhadas, espancadas ou mortas dentro de suas residências, nos locais de trabalho, nas ruas, nos elevadores, nos supermercados, nas academias de ginástica, nos hospitais... Até mesmo dentro de delegacias — e não por policiais, mas por maridos ou ex-maridos que não temem sequer a presença de autoridades policiais.

A ministra Cármen Lúcia, do Supremo Tribunal Federal (STF), é uma das vozes que se alteiam, constantemente, em desfavor desse absurdo, classificando a violência contra a mulher, embora com outras palavras, como um grave surto, ou melhor, uma epidemia de feminicídio que escandaliza e traumatiza o país inteiro, e que, por esse motivo, carece de um freio urgente. Em resumo, uma tragédia social ainda sem perspectivas de fim.

Ao participar, recentemente, de uma aula magna, Cármen Lúcia fez uma espécie de protesto que repercutiu bastante: “[Homens] parem de nos matar, porque nós [mulheres] não vamos morrer”. Significa dizer que as mulheres estão se mobilizando cada vez mais para o enfrentamento da violência, e que não vão abdicar de suas conquistas por conta de sicários entorpecidos pelos venenos do machismo estrutural.

A violência de gênero, a cultura do feminicídio, enfim, tudo de mal que se pratica contra a mulher deve ser profundamente discutido e analisado, para que se encontrem os mecanismos mais eficientes para se demolir essa “construção histórica e cultural de dominação e desigualdade” (palavras da ministra do STF), sob cujos tetos e paredes mulheres são violentadas e impedidas de adquirir a cidadania plena.

A implosão da discriminação que encarcera a mulher numa prisão cujas grades são constituídas de raiva, desprezo e rivalidade, entre outros subprodutos do preconceito, passa por uma conversa franca e constante sobre essa questão nos ambientes sociais, a começar pela família. A violência não espera por nada nem por ninguém. Agora mesmo, no espaço de leitura deste editorial, várias mulheres, certamente, foram violentadas pelo país afora.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

A boate Pasárgada

O espírito empreendedor e a ousadia empresarial de Marcos Pires, herdados de seus pais, Adrião e Creusa Pires, estiveram na origem da boate Pasárgada, empreendimento que marcou a vida noturna de João Pessoa na década de 1970. Concebida desde o início como uma iniciativa de duração limitada, a casa funcionaria por apenas um ano, conforme anunciado por seu idealizador.

A proposta, no entanto, ultrapassava o simples entretenimento. Tratava-se de uma estratégia de *marketing* destinada a promover o futuro Parque Residencial Pasárgada, a ser construído no mesmo terreno, na Avenida Epitácio Pessoa. A iniciativa antecipava, de forma inovadora, a associação entre lazer, consumo e valorização imobiliária, algo ainda pouco usual na realidade local daquele período.

Entre setembro de 1977 e dezembro de 1978, período em que esteve em atividade, a boate consolidou-se como referência no gênero não apenas na capital paraibana, mas em todo o Nordeste.

Mais do que um espaço de diversão, Pasárgada representou um marco no processo de modernização da vida noturna da cidade, introduzindo padrões estéticos, de conforto e de sociabilidade até então inexistentes no circuito local.

Seu projeto arquitetônico contou com a participação do então jovem arquiteto Luciano Agra, que mais tarde viria a ocupar a Prefeitura de João Pessoa, e do pernambucano Jorge Ho Chi Minh. Edificada abaixo do nível do solo, a boate apresentava soluções arrojadas para a época. O salão principal, em formato oval, era circundado por quedas d’água e possuía piso transparente sobre um lago artificial, conferindo ao ambiente uma atmosfera sofisticada e singular, em sintonia com tendências observadas em grandes centros urbanos do país.

O funcionamento restrito às noites de sexta-feira e sábado contribuía para o caráter seletivo da casa e reforçava sua imagem de exclusividade. O serviço oferecia uísque escocês e vinhos importados, e, aos frequentadores que permaneciam até a madrugada, era servido um prato de espagete como cortesia, detalhe que se incorporaria à memória afetiva de uma geração.

Destaca-se, ainda, o fato de ter sido a primeira boate da Paraíba a dispor de siste-

ma de ar-condicionado, elemento que simbolizava não apenas conforto, mas também a incorporação de novos padrões de consumo e lazer. A inauguração teve repercussão nacional, com cobertura da revista *Manchete*, que enviou seu fotógrafo oficial, Idalécio Wanderley, acompanhado de modelos de destaque no cenário brasileiro, entre elas Rose Di Primo.

No mesmo período, a marca Pasárgada esteve representada no concurso Miss Paraíba de 1977, por meio da candidata Luciana Cantisani, classificada entre as finalistas, ampliando ainda mais sua visibilidade social.

Encerradas suas atividades ao final de 1978, conforme previsto, a boate foi desmontada para dar lugar ao Parque Residencial Pasárgada, empreendimento pioneiro no estado ao introduzir apartamentos do tipo duplex. O sucesso de vendas confirmou a eficácia da estratégia concebida por Marcos Pires, consolidando o episódio como exemplo de visão empresarial e de compreensão antecipada das dinâmicas de mercado.

Mais do que um espaço de convivência noturna, a Pasárgada inscreveu-se na história da cidade como experiência inovadora, em que o efêmero foi utilizado como instrumento de construção duradoura, contribuindo para redefinir hábitos, expectativas e padrões de lazer na capital paraibana.

“

Mais do que um espaço de diversão, Pasárgada representou um marco no processo de modernização da vida noturna da cidade

Foto Legenda

Edson Matos



Vistoria heroica

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

De opúsculo a livro

José Maria dos Santos, paraibano nascido em João Pessoa, precisamente em casa e cartório na antiga Rua da Baixa, núcleo que, como parada do bonde, virou o Ponto de Cem Réis, foi jornalista e escritor de repercussão no país que a Paraíba cultural desconhecia.

O pai, negro liberto e premiado com cartório por sua participação na guerra do Paraguai, cedo o encaminhou à Escola Militar, daí sua participação na campanha final de Canudos e, de 1902 a 1903, no conflito do Acre. Num conto antológico reunido em coletânea organizada por Graciliano Ramos, a visão ou sensibilidade do aluno da Escola Militar vem se revelar no escritor de expressões opulenta, versátil, solicitada pelo narrador do ensaio histórico ou do conto antológico: “O pavor que nos infundia a desolação espalhada pelas ruínas de Canudos, onde tínhamos visto tanta gente morrer na ferocidade dos combates. Pareceu-nos cada vez mais triste aquela região devastada, que, naquele instante, sob a luz forte do meio-dia, estendia-se à nossa frente num extenso entulhamento de escombros calcinados”.

Mas é no jornalismo, iniciado em Manaus, que a pesquisa de Flávio Ramalho de Brito vem encontrá-lo, 120 anos depois, daí se consagrando no Rio e São Paulo, seja nas redações ou como o escritor, empenhado em demonstrar como o presidencialismo copiado da Constituição norte-americana conflita com a tradição democrática do povo brasileiro, disseminada nos 50 anos do Segundo Reinado. Seu livro aborda a participação das elites republicanas paulistas nas lutas abolicionistas — sejam nas ruas ou na proteção aos escravos salvos da caça sangrenta dos capitães de mato, pela grande empresa libertadora dos caifazes — lideradas pelo fazendeiro Antônio Bento, aliado ao Luiz Gama. E a quem veio juntar-se a cúpula do Partido Republicano Paulista com

“

Empenhei-me em trazer à luz esse paraibano ausente dos quadros e galerias

lances que nos parecem inéditos.

Há 25 anos, motivado por uma série de opúsculo que A União Editora dedicou aos paraibanos do século XX e tocado pela leitura do conto selecionado por Graciliano Ramos, empenhei-me em trazer à luz esse paraibano ausente dos quadros e galerias do Instituto Histórico e da Academia Paraibana de Letras. Valendo-me das informações e dados a mim confiados pelo poeta e biógrafo Eduardo Martins, cheguei não mais que a um perfil carente de pesquisas, como bem viu o confrade José Octávio, embora enriquecido na abertura pela primeira análise e interpretação de Tarcísio Butity, um estudioso da História e da Política fortemente surpreendido pela leitura de *A política geral do Brasil*, o primeiro grande livro de JMS.

Por tudo isso e com pequenos acréscimos que fui colhendo nestes 25 anos, animei-me a converter a *plaque* em livro, tendo em vista uma nova geração de leitores. Se, com a publicação do livro, conseguirmos ao menos fazer com que José Maria dos Santos volte a caminhar entre nós — discreto, mas vivo —, já terá valido a pena o gesto de chamá-lo de volta.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA – PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO Uma publicação da EPC

Av. Chesf, nº 451 — CEP 58.082-010 — Distrito Industrial — João Pessoa (PB)

Gisa Velga
GERENTE – EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)

ASSINATURAS IMPRESSAS: anual R\$ 404,25 / semestral R\$ 202,12 / número atrasado R\$ 4

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor, exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

LIFESA

Laboratório terá fábrica de insulina e canabidiol

Unidade de Caaporã é fruto de política nacional de fortalecimento do SUS

Maria Beatriz Oliveira
obeatriz394@gmail.com

Fundado há mais de 60 anos, o Laboratório Farmacêutico da Paraíba (Lifesa) é uma empresa, ligada ao Governo do Estado, fundamental para a promoção da saúde pública de qualidade na Paraíba. Isso acontece por meio da produção de remédios e outros insumos de saúde, que são distribuídos de forma gratuita nas unidades do Sistema Único de Saúde (SUS) de 32 municípios. E, neste ano, os serviços serão ampliados, já que o Lifesa ganhará uma nova fábrica de medicamentos.

A nova unidade de produção do Lifesa deve ser instalada no município de Caaporã, a 54 km da capital João Pessoa, e permitirá a fabricação de medicamentos como a insulina e o canabidiol (CBD). “Estamos em fase de consolidação de uma transferência de tecnologia de produtos derivados de cânabis em que o nosso parceiro se compromete a instalar, com recursos próprios, uma fábrica aqui na Paraíba e transferir toda a tecnologia de produção e o *know-how* para um projeto de saúde pública já em andamento. Nele, o Lifesa irá treinar médicos, farmacêuticos e enfermeiros para o melhor entendimento sobre prescrição, dispensação e uso dos canabinoides, que serão distribuídos pela Secretaria de Estado da Saúde [SES-PB] diretamente e gratuitamente aos usuários do SUS”, explica o diretor-presidente da empresa, Luciano Piquet.

O gestor descreve, ainda, o cenário que permite essa ampliação. “O Governo Fe-



Foto: Divulgação/Lifesa

Instituição fornece medicamentos e outros insumos de saúde a 32 prefeituras da Paraíba

deral lançou um programa para que os comprimidos e líquidos medicamentosos passem a ser produzidos no Brasil porque, hoje, 80% dos medicamentos disponíveis no SUS são importados, algo que tem um alto custo aos cofres públicos. A fábrica do Lifesa fará parte dessa produção nacional e será algo fantástico, porque o mercado do SUS é garantido”, afirma.

O programa federal ao qual o diretor-presidente se refere é a Estratégia Nacional para o Desenvolvimento do Complexo Econômico-Industrial da Saúde, lançada em 2023. A expectativa dos gestores é que, até o fim deste ano, sejam investidos R\$ 42 bilhões em seis programas estruturantes, com o intuito de expandir a produção nacional de itens prioritários para o SUS e, conseqüentemente, reduzir a dependência do Brasil de insumos, medicamentos e vacinas estrangeiros. Essa expansão será feita, sobretudo,

mediante a atuação dos laboratórios oficiais brasileiros.

O Instituto Butantan e a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) são os exemplos mais conhecidos de laboratórios oficiais. Ambos foram fundamentais para o controle da crise sanitária da Covid-19 no Brasil. No entanto, o Lifesa também é um exemplo de instituição pública que produz medicamentos, vacinas, soros e insumos para o SUS, garantindo o acesso da população a recursos de saúde essenciais e reduzindo a dependência de produtos externos.

Luciano esclarece, ainda, que, embora o foco de laboratórios públicos como o Lifesa seja o atendimento ao SUS, isso não impede a parceria com empresas privadas para a troca de conhecimentos e o auxílio na produção de fármacos. “Por meio do Marco Legal de Ciência, Tecnologia e Inovação, podemos fazer parcerias e transferência de tecnologia entre indús-



Foto: Reprodução/Facebook @Juniano Piquet da Cruz

O Lifesa treinará médicos, farmacêuticos e enfermeiros para prescrição, dispensação e uso dos canabinoides

Luciano Piquet

trias nacionais, estrangeiras e laboratórios oficiais como o Lifesa, que, por sua vez, vai produzir para o SUS”, aponta.

Empresa investe em tecnologias inovadoras

Para além da produção de comprimidos e líquidos medicamentosos, o Laboratório Farmacêutico da Paraíba desenvolve estudos voltados à produção de novos fármacos. Atualmente, a empresa tem trabalhado em uma pesquisa, com apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq), para a detecção do papilomavírus humano (HPV), principal causa de câncer de colo de útero. “Essa pesquisa envolve 10 mil mulheres paraibanas que estão sendo testadas com um novo exame biomolecular, de patente do Lifesa, que pode detectar previamente o aparecimento do câncer de colo de útero com 99,9% de eficácia, se comparado ao tradicional exame papanicolaú”, detalhou Luciano Piquet.

De acordo com um relatório divulgado em 2023 pelo Instituto Nacional de Câncer (Inca), o câncer de colo do útero é o terceiro tipo de câncer mais incidente em mulheres, sendo a taxa de mortalidade da doença de 4,5 óbitos a cada 100 mil mulheres. Esse número pode ser reduzido com o diagnóstico precoce, algo que se torna possível com o exame biomolecular do Lifesa.



Foto: Reprodução/Instagram @Fapesq pb

Teste em desenvolvimento antecipará detecção do HPV

Diferentemente do papanicolaú, que detecta a contaminação do vírus HPV por meio da visualização de lesões genitais, o teste biomolecular consegue antecipar se a mulher tem mais probabilidades de desenvolver o câncer de colo do útero ou não por meio da identificação dos genótipos do patógeno

de alto risco oncogênico, ou seja, aqueles que têm maior potencial de evoluir para câncer.

Com a antecipação da doença, o tratamento torna-se mais simples e a mulher diagnosticada tende a ter menos complicações, podendo continuar sua vida normal com mais rapidez e sem necessidade de gran-

des cirurgias ou radioterapia e quimioterapia. O Ministério da Saúde implantou o teste no SUS no ano passado como uma tecnologia 100% nacional, vista como um marco para a saúde da mulher. A expectativa é que, até o fim de 2026, todos os estados do Brasil já tenham implementado o novo método de rastreio do câncer de colo do útero em toda a rede pública de saúde nacional.

Outra pesquisa desenvolvida pelo Lifesa é a criação de um aparelho que funcionaria de forma semelhante ao bafômetro. Porém, em vez de captar e medir a concentração de álcool no sangue, o equipamento seria utilizado para identificar doenças como diabetes e hipertensão.

“Temos trabalhado em conjunto com pesquisadores de toda a Paraíba para criar esse aparelho que detectará, por meio de biossensores, doenças cardiológicas e metabólicas. É algo que funcionará por meio de nanotecnologia e nossa expectativa é que, dentro de um ano, estejamos realizando, junto à Agência Nacional de Vigilância Sanitária, a fase de testes desse produto”, finaliza Piquet.

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

Para as Hienas do Império

Ei, Washington. Deixa que o povo cubano te apresente uma certidão de nascimento, uma espécie de raio-x da alma, para que nunca mais ouse falar em “libertar” quem já nasceu livre. Mas, já que insistes, com a tua arrogância de xerife decrepito, em apontar baterias para a ilha, senta aqui no banco dos réus. Porque o mundo inteiro está cansado das tuas ameaças e do teu histórico sórdido.

Vamos falar de moral? Tu, que ainda estranhas o gosto amargo do fumo cubano depois que o tiraste da boca dos camponeses para dar aos teus industriais? Tu, que transformaste Havana no teu “prostíbulo preferido” antes de 1959, onde a máfia de Chicago e os tubarões de Wall Street dançavam ao som da miséria e da exploração? **Foi-se o tempo em que os marinheiros bêbados ditavam as regras na ilha.** O povo cubano varreu essa vergonha para o mar junto com os capachos da ditadura de Batista.

E, hoje, com que autoridade falas em democracia? Com que cara de pau ameaças intervir, tu que há 66 anos submetes um povo inteiro ao bloqueio mais longo e cruel da história moderna? **66 anos, Washington, 66 anos a apertar o cerco, a estrangular a economia, a proibir remédios e alimentos.** Isso não é estratégia de guerra? Isso não é terrorismo de estado? Queres ver a fome em Cuba? Dá uma volta nos teus bairros de lata, nos guetos onde o sonho americano virou pesadelo e *crack*. Depois, sim, tenta dar lições de humanidade.

Os revolucionários cubanos não usam coletes à prova de balas. Eles aprenderam com Fidel, aquele que respondia aos teus aviões espões e às 638 tentativas de assassinato com a única armadura que lhe interessava: um colete moral. Quando um jornalista, num voo para a ONU, insinuou que ele usava proteção por baixo da farda, o Comandante tirou o casaco e disse: **“Tenho um colete moral, é forte, tem-me protegido sempre”.** Essa é a diferença: enquanto o teu poder se assenta no aço dos porta-aviões e na ganância dos teus monopólios, o poder de Cuba assenta na dignidade de um povo que preferiu o risco da liberdade à segurança da submissão.

Viste a fragilidade da tua narrativa quando um punhado de médicos cubanos chegou a uma aldeia remota e devolveu a visão a centenas de pobres que tu abandonaste à própria sorte? Viste o ridículo das tuas sanções quando, em plena pandemia, os teus governadores imploravam por vacinas? Enquanto os teus *think tanks* planeiam desestabilizações, **Cuba envia brigadas médicas para os confins do mundo.** Enquanto os teus generais sonham com a “doutrina da fruta madura” de John Quincy Adams, que via Cuba como uma maçã prestes a cair no teu colo, os agricultores cubanos inventam maneiras de cultivar alimentos em solos férteis de solidariedade.

Sabes qual é o teu maior medo, Império? Não são os nossos fuzis velhos, nem os nossos carros dos anos 50. O teu maior medo é o exemplo. É que um país pequeno, sem um único poço de petróleo que lhe pertença de raiz (porque tu também tentaste roubar isso), consiga ter uma taxa de mortalidade infantil mais baixa que a tua e erradicar o analfabetismo enquanto tu empurras os teus jovens para as escolas com policiais armados. Tu tens medo que o mundo perceba que não precisamos de ti para ser felizes. Que um povo que canta em vez de rezar, que partilha o pouco em vez de acumular o muito, é uma afronta ao teu deus mercado.

Portanto, ameaça à vontade. Envia os teus navios para Guantánamo, essa terra cubana que ocupas ilegalmente. Acirra o bloqueio até o último parafuso. Multiplica as campanhas de desinformação nas tuas radiopiratas. Mas nunca, nunca peças a um cubano que troque a sua dignidade pela tua esmola.

Porque, enquanto o teu poder, Império, se mede pelos débitos da tua dívida externa e pelo número de guerras que começa, o de Cuba mede-se pelo suor dos seus filhos e pela memória dos seus mártires. Como bem sintetizou Fidel, e como repetimos bem alto para quem ainda não entendeu: **“Não necessitamos que o império nos presenteie com nada”.** E mais: **“Se o que pretendem os imperialistas, para que haja paz, é que deixemos de ser revolucionários, não deixaremos de ser revolucionários, jamais dobraremos a nossa bandeira”.**

Afasta as tuas mãos, hiena. O colete que veste este povo é feito da mesma fibra com que José Martí sonhou: a fibra da nossa América inteira. E essa, saiba, não se fura com balas.

Colunista colaborador

Foto: Carlos Rodrigo

Rafael Arruda

Coordenador de Urologia do Hospital Edson Ramalho

“A andropausa, para algumas pessoas, é uma progressão natural da vida”



Segundo urologista, o fenômeno, causado pela queda de testosterona, tem levado mais homens a buscar tratamento

Emerson da Cunha
emerson.auniao@gmail.com

Com o envelhecimento populacional, é comum que as pessoas busquem ter uma melhor qualidade de vida à medida que os anos passam. Os homens são historicamente um gênero que demora a buscar cuidados médicos e de saúde. No entanto, nos consultórios de Urologia, um assunto tem feito parte da preocupação masculina: a andropausa. Geralmente relacionada com a menopausa, a andropausa é a redução de testosterona no corpo do homem, fenômeno que pode aparecer principalmente a partir dos 60 anos, mas cujos cuidados preventivos podem acontecer desde o início da vida adulta. Para falar sobre o tema, convidamos o médico Rafael Arruda, que é coordenador de Urologia do Hospital do Servidor General Edson Ramalho e presidente da Sociedade Brasileira de Urologia (SUB) – Seccional Paraíba. Nesta entrevista, ele explica os sintomas, cuidados, efeitos, formas de tratamento e de prevenção a esse fenômeno.

Entrevista

■ Algumas pessoas podem achar ou entender que a andropausa está para os homens assim como a menopausa está para as mulheres. É isso mesmo? Há diferenças?

Sim. Se você fizer uma analogia entre o que a andropausa e a menopausa causam ao corpo de forma fisiológica, respectivamente, ao homem e à mulher, sim, são bem semelhantes. A diferença é maior, porque todas as mulheres vão entrar na menopausa. Os homens, não. Se você pegar dentro do universo masculino, menos de 30% a 40% desses pacientes, após os 50, 60 anos de idade, vão entrar na andropausa. Por outro lado, todas as mulheres após os 45, 50 anos de idade, depois desse período do climatério, vão evoluir 100% para menopausa. Então, o déficit hormonal da mulher vai ocorrer em todas. E, como nem todos os homens vão entrar na andropausa, o que a gente verifica é que o déficit de testosterona vai aumentar. O que a gente sabe hoje é que se pode reduzir até 1% por ano [de testosterona] depois dos 40 anos de idade. Em resumo, o homem pode entrar na andropausa, mas numa forma bem mais lenta e bem mais progressiva. A mulher, não. Quando há aquela mudança brusca no corpo da mulher, geralmente ela sente mais que o homem.

■ Você acabou de dizer que a andropausa não acontece para todos os homens. Como ela vai aparecendo?

Ela aparece de forma progressiva e lenta no corpo masculino. A andropausa é o déficit hormonal [de testosterona]. Hoje, o termo andropausa está sendo substituído, dentro do academicismo da Urologia, da Medicina, pelo termo “Daem”, que é o Distúrbio Androgênico do Envelhecimento Masculino. O Daem vai diminuindo os níveis de testosterona cerca de 1% ao ano, após os 40 anos, e a gente espera que, depois de 60, 70 anos, alguns pacientes talvez necessitem dessa reposição de testosterona, porque chegou em um nível tão baixo que já está começando a causar efeitos no corpo dele. Ele vai começar a sentir indisposição, cansaço físico; vai começar a engordar, vai ter uma

gordura visceral e insônia; ele pode ficar irritado, vai perder a libido e vai ter problema em relação à sua vida conjugal, à sua vida sexual e à autoestima. Isso pode levar à depressão e à ansiedade. E toda essa questão que a andropausa pode causar no corpo masculino, a gente vai vendo, ao longo dos anos, que pode ter um pico geralmente após os 60 anos de idade.

■ Em que momento se avalia a necessidade de reposição hormonal de testosterona? Ela é a única forma de lidar com a andropausa?

Não. A reposição é um dos fatores. Na andropausa, a gente vai ter vários fatores e alguns cuidados. Mudança de hábito de vida é fundamental. Pacientes obesos, que têm a apneia obstrutiva de sono, tabagistas, pacientes etilistas crônicos — ou seja, que têm o consumo exagerado de álcool —, pacientes que não fazem atividade física, pacientes cardiopatas, diabéticos ou hipertensos: esses homens têm que ter muito mais cuidado. Porque os danos que essas doenças inflamatórias e esses hábitos de vida que ele está praticando causam ao organismo são muito maiores e muito mais associados à andropausa. Os pacientes que estão com déficit hormonal e que ainda produzem todos esses fatores de risco para o seu próprio corpo terão muito mais sintomas e muito mais efeitos deletérios do que os pacientes que apenas estão entrando numa andropausa natural. Mudar de vida é fundamental. Você pode, apenas com isso, manter um nível de testosterona apto para ter uma vida normal sem precisar de reposição. Mas, mesmo fazendo todos esses cuidados, se os seus níveis de testosterona forem menores que os níveis fisiológicos — em média, de 280 nanogramas por decilitro [ng/dl] a 300 ng/dl, no homem acima de 50 e 60 anos —, aí você vai precisar de reposição. Nesse caso, portanto, a reposição é um dos pontos do tratamento.

■ Há exames de rotina para detectar a andropausa?

O certo sempre, depois dos 40 anos, é procurar o urologista, que

vai pedir alguns exames hormonais associados e passará a verificar. Se você chegar pela primeira vez ao consultório, você vai pedir os exames básicos e a gente vai avaliar seu nível de testosterona basal. Por exemplo, imagine que sua testosterona está em 500 ng/dl. Daqui a um ano, quando você voltar, a gente vai comparar, mesmo sem sintomas. Porque existem situações em que, mesmo quando está assintomático, a gente precisa tratar, como quando o nível de testosterona é muito baixo, porque isso vai começar a prejudicar. Vários estudos mostram que níveis muito baixos de testosterona podem levar a uma diminuição da expectativa de vida do homem. Um déficit muito grande de testosterona pode reduzir em torno de cinco a 10 anos a expectativa de vida. Então, quando eles [os níveis] ficam abaixo de 280 ng/dl em pacientes assintomáticos, esses pacientes precisam de tratamento. Pode ser só mudança de vida, pode ser só uma indução de testosterona com algum outro hormônio. Não precisa ser efetivamente o uso da testosterona, porque temos que ter uma certa cautela com isso. O paciente tem que estar ciente de que é reposição e não anabolização, não é para tomar quem está com nível normal de testosterona. É para repor, para aqueles pacientes que não têm testosterona e precisam tomar porque é definitivo. Quem não produz hoje não vai produzir daqui a 10 anos, então vai ter que ingerir a vida inteira. Quando o homem usa testosterona em níveis de que não necessita, isso pode agravar algumas situações no corpo. Até mesmo prejudicar de modo que ele, no futuro, entre na andropausa precoce. Se você usa testosterona com 20, 30 anos, você pode se transformar em um homem hipogonado [com produção baixa de hormônios sexuais] daqui a cinco ou 10 anos, por exemplo, se não conseguir reverter o eixo hormonal. Por isso, tem que ter muita cautela em relação ao uso de testosterona e reposição hormonal. É preciso identificar realmente quem são esses pacientes que estão na andropausa, se têm sintomas, se não têm, como estão os níveis hormonais. O que eu recomendo, depois dos 40 anos, é já procurar um médico urologista ou um clínico que consiga fazer esse atendimento, como um endocrinologista, para acompanhar esses níveis hormonais.

■ Na clínica em que o senhor recebe os pacientes, tem percebido se a andropausa se tornou uma preocupação maior para a qual os homens têm olhado?

Sem dúvida, tem aumentado a procura do homem em relação à sua vida sexual e à questão da andropausa. Hoje, no consultório, grande parte dos pacientes me procura [para saber] a respeito de mudança de hábito sexual, ou porque não está com uma libido tão boa. O que a gente vem observando na prática, é que está crescendo progressivamente a busca do homem para dar melhor performance à sua quali-

dade de vida, tanto na questão estética quanto na melhor disposição física e em relação à sua vida conjugal e sexual. Isso realmente é um avanço. Pelo menos, houve alguma melhora, porque, trazendo o homem ao consultório médico, mesmo que seja para uma crise da andropausa, você termina investigando todas as outras doenças, prevenindo diversas enfermidades, tirando o paciente de hábitos não saudáveis, orientando a mudar alguns hábitos de vida, à redução de peso, [a tratar a] obesidade. Então, a gente consegue ter esse controle. Se ele não vem ao consultório, é muito pior. E muitas pessoas estão se interessando mais pelo envelhecimento com qualidade de vida, querendo envelhecer bem, aproveitar sua vida familiar, ver seus filhos crescerem, seus netos. E, se você não tem essa saúde para estar no dia a dia, não vai conseguir realmente [viver esses momentos]. Mas, hoje, a gente consegue dar uma melhor qualidade de vida. É possível se tornar um idoso com uma vida muito melhor do que era 15, 20 anos atrás. Para isso, a pessoa tem que ter noção, procurar modificar algumas coisas e, principalmente, buscar ajuda médica. Se você não consegue descobrir o que está acontecendo com o seu corpo, a gente também não consegue dar uma solução para isso. Por isso, a gente precisa estar em conjunto, observando, conversando. Sempre, nas minhas consultas, eu procuro saber de todos os pacientes como está a vida sexual, como está em relação à andropausa, se está tendo alguns sintomas, como ele está lidando com isso, se está satisfeito, se não está, se está conseguindo ter uma vida familiar adequada com a parceira. É sempre importante questionar isso dentro da anamnese de uma consulta médica.

■ Falando sobre o acesso do homem à clínica. Para quem está preocupado com a andropausa ou com outras questões do corpo masculino: a que serviço ele deve se dirigir no âmbito da saúde pública?

A porta de entrada sempre é o PSF [posto de saúde da família], que é onde ele será triado e onde serão vistas outras patologias, vão verificar a pressão, vão ver se tem diabetes e o paciente vai fazer uma série de exames. Lá, ele vai ser orientado, vai falar suas queixas e, assim, será direcionado para o nosso tratamento ou para uma consulta médica com a gente da Urologia. E não só para a gente da Urologia, mas para Cardiologia, para Endocrinologia e assim vai. O que a gente vê hoje é que esses pacientes têm muito mais oportunidades de cuidar da sua saúde.

■ A andropausa pode causar infertilidade?

Sim. Dependendo da idade do homem, geralmente, a produção de espermatozoides pode encerrar alguma relação de diminuição. Ao contrário da mulher, o homem não tem uma vida útil em relação aos seus espermatozoides. Tem pessoas

que podem ser pais com 60, 70 anos de idade de forma normal. A andropausa vai atrapalhar porque vai ter um déficit de testosterona. Quando o nível de testosterona do seu organismo reduz, isso inibe também a produção intratesticular de testosterona na formação de espermatozoides e a quantidade de espermatozoides é menor. Isso pode tornar o homem um pouco mais infértil.

■ E é possível prevenir a andropausa?

É possível diminuir o dano que a andropausa vai causar. A andropausa, para algumas pessoas, é meio que uma progressão natural da vida. Mesmo tendo um envelhecimento saudável, vai chegar a um ponto em que o nível de hormônio estará reduzido, que pode ocorrer naqueles 30%, 40%, 50% de casos. E o que você pode fazer para não entrar na andropausa? Não usar anabolizante ou não fazer uso de testosterona de forma equivocada. Esses pacientes que utilizam hormônio sem a necessidade provavelmente ficarão dependentes dele, caso não seja modificado e interrompido naquele momento. Pacientes que usam algum tipo de hormônio, algum tipo de droga ilícita, podem chegar à andropausa. Essas substâncias podem atingir ou mexer no eixo da neuro-hipófise e causar também um dano que leve à andropausa. Algumas doenças também [podem causar um dano]; por exemplo, a torção testicular na infância, quando você pode perder um testículo. Outras doenças infectocontagiosas também podem modificar a questão do parênquima testicular [tecido responsável pela produção de espermatozoides e testosterona], levando à andropausa precoce. Se você tem uma vida saudável, não consome drogas nem cigarro, não é obeso e não tem esses hábitos de vida que possam alterar seu eixo hormonal, a tendência é que você possa prevenir a andropausa nesses primeiros anos de vida. Mas, após os 60 anos, quando você começa a ter o envelhecimento da andropausa, a tendência é que você consiga minimizar esses danos com essas mudanças de hábito de vida mesmo. Eu acho que, para lidar com a andropausa, é importante ter a noção do que pode acontecer no corpo masculino e não se culpar. Às vezes, o homem culpa a mulher, culpa todo mundo e não quer apenas aceitar uma coisa que é natural. Assim, temos que orientar ao homem para que entenda que, mesmo que não ocorra em todos, pode acontecer na sua vida. Esse é um mecanismo natural da vida do ser humano: vai haver essa redução dos hormônios, mas tem tratamento. Tem como tratar, tem como conseguir uma qualidade de vida muito grande. As terapias de reposição hoje estão cada vez melhores, mais acessíveis também e com um tempo de duração melhor. É preciso saber que existe o problema, identificar esse problema, cuidar da saúde e, a partir disso, obter uma qualidade de vida mais adequada de acordo com o que você quiser.

CONHECIMENTO

Bibliotecas seguem vivas no cotidiano

De estudo para concursos a atividades culturais, equipamentos mantidos pelo estado ampliam seu papel na sociedade

Emerson da Cunha
emerson.auniao@gmail.com

O servidor público Eduardo Rafael mal pôs os pés na biblioteca estadual Juarez da Gama Batista, no Espaço Cultural, e já correu para junto dos assentos da entrada, em busca da edição, do dia, de *A União*, colocado em cima de uma pequena aparadeira. Com o periódico em mãos sentou-se, instalando o jornal em uma mesa para apreciar atentamente as notícias, caderno após caderno. Essa é sua rotina às terças e quintas, em companhia do sogro, após deixar a mulher e a filha na fisioterapia, perto dali, no bairro de Tambauzinho. “É muito boa a biblioteca, uma referência no estado, com livros para quem quiser estudar, até para concurso, e também a leitura do jornal”, relata Rafael.

O espaço também agrega pessoas mais jovens, como o feirante Levi Andrade, que frequenta o espaço com o objetivo de estudar para concurso. Ele, inclusive, consulta as publicações do acervo no local. “Sem dúvida, a biblioteca tem muita importância, porque amplia esse contato com conhecimento, com livros que eu não conseguiria ter. Já indiquei para muitos amigos, que começaram a ler, com mais frequência, por causa disso”. Ele está lá de domingo a domingo, esforçando-se para conquistar uma vaga de trabalho no setor público. Além do espaço e do silêncio, aproveitada o acesso gratuito à *internet*, tanto nos computadores quanto via *wi-fi*, a climatização e a privacidade.

Sobre outra mesa, perto dali, uma *Bíblia* ganhava novos tons enquanto Amanda Melo colore cada linha e cada versículo da página aberta, com lápis de cor. Ela também aproveita a biblioteca para se concentrar nos estudos e consultar o acervo. “Normalmente, eu tiro um tempo sem celular, nem trago para cá. Eu tenho um momento fixo de leitura, de estudo e os livros ajudam muito a pesquisar. Normalmente, os livros que eu pego são teológicos, sempre algo relacionado à *Bíblia*”.

Ambiente

Além da finalidade principal, que é promover o contato com os livros, os espaços oferecem, ainda, *internet* gratuita, climatização e espaços individuais de estudo

Maior do estado

Os três fazem parte da média de 130 pessoas que frequentam, diariamente, a biblioteca Juarez da Gama Batista, também conhecida como “Biblioteca do Espaço Cultural”, a maior da Paraíba. Ela guarda um acervo de mais de 200 mil volumes, entre livros, jornais e outros periódicos, cordeis, fitas cassete e *VHSs*, parte deles acessíveis para empréstimos quinzenais, renováveis por mais 15 dias. São cerca de 2.400 m², com mais de 50 mesas e 18 baias individuais para estudo, além de 36 cabines. O complexo todo pode comportar até 600 pessoas por turno.

A biblioteca Juarez da Gama Batista foi criada em 1859, sediada no antigo Lyceu Paraibano, sede também da antiga Faculdade de Direito, no Centro de João Pessoa. Depois, ocupou o local onde atualmente está localizada a biblioteca estadual Augusto dos Anjos, na General Osório. Há 45 anos a instituição passou a ocupar a atual sede, no Espaço Cultural. É a mais antiga biblioteca estadual do estado.

“A biblioteca, hoje, não é apenas um espaço de guarda. É um espaço que pode abrir possibilidades não só de estudo, mas também de lazer”, ressalta a bibliotecária, gerente-executiva de Educação Cultural e coordenadora do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas e Comunitárias, Tatiana Cavalcante, que coordena o espaço ao lado do bibliotecário e gerente operacional Salieri Coelho.

Ela destaca, ainda, a mudança na forma como esses ambientes são percebidos:



Com acervos numericamente amplos e variados, espaços públicos reforçam seu papel para a formação crítica da população

“Eu vejo mais, hoje, como um instrumento cultural de formação. Já tive a prática de utilizar a biblioteca como espaço para estudar para concurso, mas hoje a adoto como um espaço de lazer, onde busco uma espécie de terapia mental por meio de uma boa leitura. E também procuro conduzir outras pessoas para esse fim, não só emprestando livros, mas trazendo a literatura de forma mais dinâmica, para que possa ser realmente apreciada, e não encarada como obrigação”, explica.

Nesse novo contexto, a biblioteca deixa de ser apenas um espaço receptivo de leitura e estudo e passa a assumir um papel mais propositivo. Esses locais tornam-se palco para diversas atividades, como clubes de leitura, oficinas e lançamentos de livros. No âmbito do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas e Comunitárias, que conta com cerca de 120 bibliotecas cadastradas, esses espaços são fomentados, justamente, como centros de produção cultural, especialmente em cidades menores.

“Alguns gestores municipais estão percebendo a importância desse equipamento dentro do município. Muitas vezes não há teatro, cinema ou palco para *shows*, mas há uma biblioteca que pode abarcar tudo isso. Dentro dela, é possível realizar sarau musical, sarau literário, contação de histórias, formações, apresentações teatrais e até sessões de cinema, como muitos já fazem”, conclui Cavalcante.

Localização central

No Centro de João Pessoa, alunos dos ensinos Fundamental e Médio de diversas escolas públicas da região costumam reunir-se, após as aulas da manhã, para fazer um lanche rápido e aproveitar a tarde de estudos na Biblioteca Augusto dos Anjos, localizada na Avenida General Osório, que fica nas proximidades do *shopping* popular conhecido como “Terceirão”. De acordo com a coordenadora da biblioteca, Kátia Silva, essa é uma das rotinas observadas entre os frequentadores.

O espaço conta, atualmente, com mais de 30 mil volumes disponíveis para empréstimo quinzenal, com possibilidade de renovação pelo mesmo período. O prédio que abriga a biblioteca possui características neoclássicas e tem sua pedra fundamental datada de 1874. Ao longo da história, já sediou a Escola Normal, o Tribunal de Justiça, o jornal *A União* e também a biblioteca Juarez da Gama Batista, atualmente localizada no Espaço Cultural José Lins do Rêgo.

Apesar da presença de alguns estudantes, Kátia relata que um dos principais desafios é atrair ainda mais jovens da rede pública, não apenas em função dos recursos tecnológicos disponíveis, mas para estimular a leitura, a pesquisa por meio dos livros disponíveis no local. “Geralmente, quando chegam à biblioteca, querem ir direto para o computador ou saber a senha do *wi-fi*. Precisamos mostrar a eles a história, os livros e a literatura”.

A biblioteca funciona de segunda a sexta-feira, das 8h às 16h. O espaço dispõe de um salão de estudos com 10 mesas e diversas cadeiras, além de uma área voltada ao público infantil, com um acervo específico de cerca de 10 mil livros.

Apesar dos desafios, a coordenadora acredita que a busca por preparação para provas ainda impulsiona a presença dos estudantes. “Diante de exames como o Enem e concursos, o estudante ainda procura muito a biblioteca”, afirma. Ela também ressalta a importância da leitura tradicional: “Se você não lê e não pesquisa, acaba ficando para trás, inclusive nas provas. Mesmo com *iPads* e livros digitais, não é a mesma coisa que ler um livro físico, segurando-o nas mãos”.

Acervo específico

Outra importante biblioteca estadual é a Durmeval Trigueiro Mendes, que se destaca pela característica do seu acervo. Trata-se de um espaço de porte médio, localizado na Fundação Casa de José Américo, formado, inicialmente, a partir da biblioteca pessoal do próprio José Américo de Almeida.

Por essa origem, grande parte das obras data da primeira metade do século passado, reunindo exemplares raros e edições esgotadas, indisponíveis no mercado editorial. O acervo inclui uma coleção expressiva de biografias, folhetos de literatura de cordel e histórias em quadrinhos, com foco especial em José Américo, autores paraibanos, cultura regional e a história da Paraíba.

Ao todo, são cerca de 50 mil títulos, entre enciclopédias, dicionários, periódicos, folhetos, plaquetas, coleções especiais e obras raras. Segundo a gerente do espaço, a bibliotecária Nadígila Camilo, a biblioteca é classificada como de categoria especial, o que implica em

consulta exclusivamente no local, sem possibilidade de empréstimo.

“As bibliotecas são espaços democráticos de livre acesso à informação. A utilização desses espaços possibilita a ampliação do conhecimento e coloca o indivíduo em uma posição mais crítica, tanto do ponto de vista pessoal quanto social. Apesar de ser um ambiente de organização permanente do saber, a biblioteca também atua como meio no processo de ensino e aprendizagem para o desenvolvimento do indivíduo”, destaca Camilo.

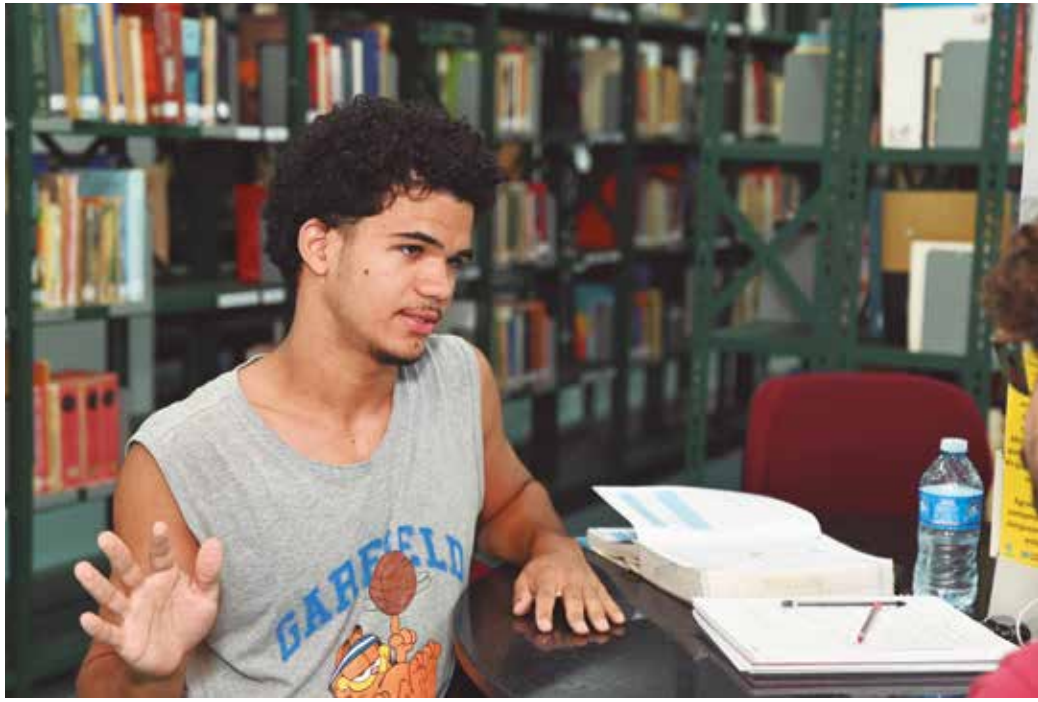
No campo das pesquisas, a biblioteca conta com uma equipe multidisciplinar preparada para atender tanto às demandas das equipes de estudos da Fundação quanto da sociedade em geral. Entre os temas mais procurados estão José Américo de Almeida, cultura regional e história da Paraíba.

A Biblioteca Durmeval Trigueiro Mendes funciona de segunda a sexta-feira, das 9h às 16h. Também são oferecidas visitas guiadas aos sábados, domingos e feriados.



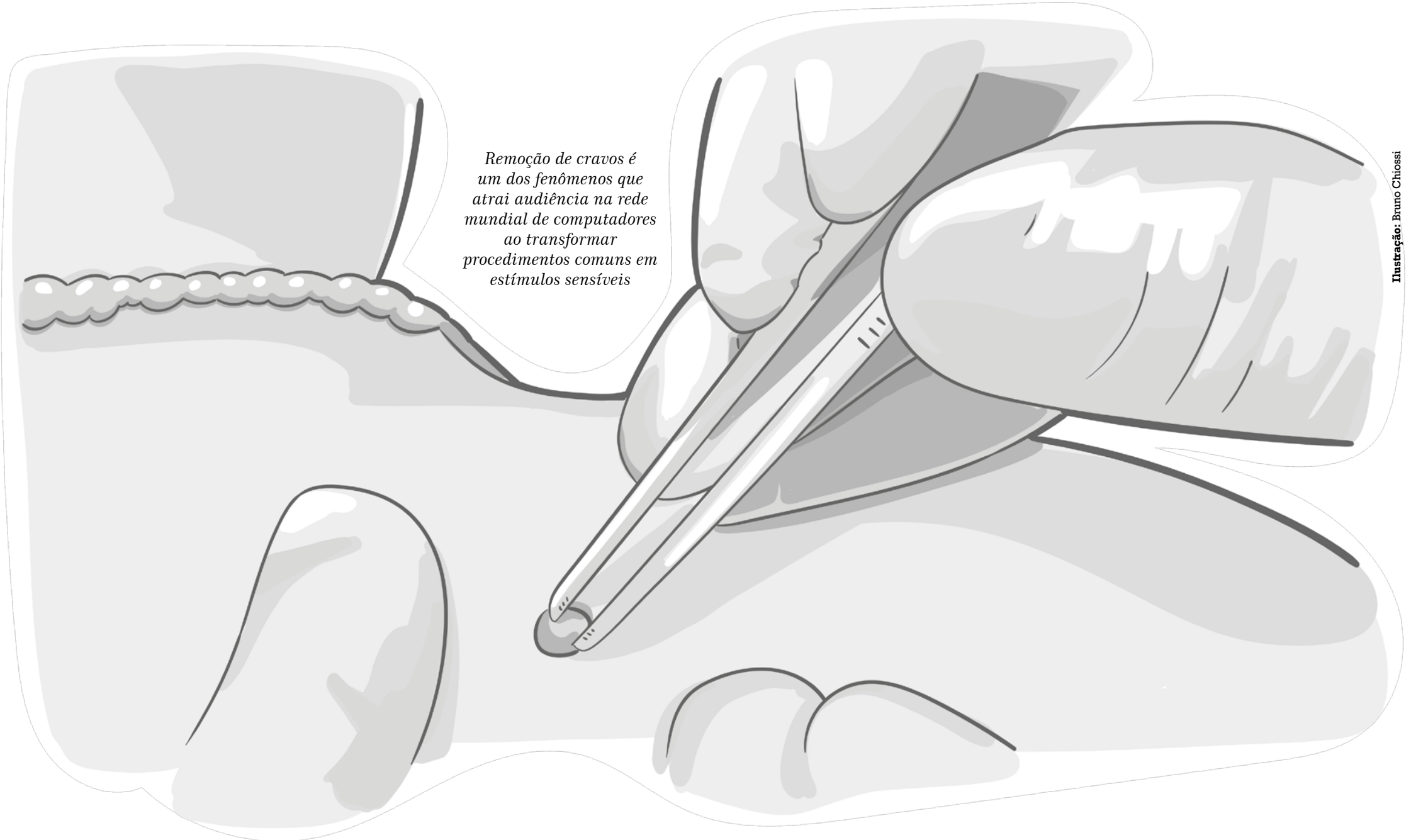
Hoje, a adoto como um espaço de lazer, onde busco uma espécie de terapia mental por meio de uma boa leitura

Tatiana Cavalcante



Para passar em um concurso, Levi Andrade frequenta a biblioteca do Espaço Cultural diariamente

Fotos: Carlos Rodrigo



CULTURA DIGITAL

Vídeos ASMR provocam relaxamento

Fenômeno global transforma estímulos simples em experiência sensorial nas pessoas que criam comunidades virtuais

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Um plano fechado mostra uma unha do pé encravada enquanto mãos com luvas utilizam pinça e espátula para levantar a borda da unha presa na pele e remover a causa da inflamação. O vídeo seguinte foca um poro obstruído, enquanto um extrator metálico pressiona a pele ao redor até que o cravo seja expelido, pipocando na tela celular. Na sequência, um tapete escurecido pela sujeira passa por inúmeras sequências de água, produtos químicos e esfregões até que as cores originais do tecido reapareçam.

Esses tipos de vídeos de atividades ordinárias da vida, que aparecem nas redes sociais causando relaxamento ou repulsa, têm um nome: Resposta Sensorial Meridiana Autônoma, cuja sigla, em inglês, é ASMR. Para quem sente o efeito calmante desses vídeos, a reação é descrita como um formigamento prazeroso no couro cabeludo e na nuca, acompanhado de relaxamento profundo, sonolência e uma leve sensação de bem-estar.

Mas nem todo mundo reage da mesma forma. Enquanto alguns relatam calma imediata, outros experimentam indiferença ou até nojo. Ainda assim, os números mostram que o interesse é massivo. Vídeos com a hashtag #ASMR acumulam bilhões de visualizações no TikTok. No YouTube, canais dedicados a sussurros, sons repetitivos e cenas organizadas reúnem milhões de seguidores e bilhões de visualizações ao longo dos anos. O que começou como um relato isolado em fóruns *on-line* tornou-se um dos gêneros mais consumidos da *internet*.

A comissária de bordo Grazielle Waltz, de 34 anos, é parte dessa audiência. Ela tem uma rotina corrida e estressante, com tempo cronometrado para tudo. Seus vídeos favoritos para relaxar são justamente os de desen-



Foto: Arquivo pessoal

São reações pelas quais não temos controle direto, porque são respostas do Sistema Nervoso Autônomo

Robert Costa

cravamento de unha. “O que mais me atrai é a suavidade do processo e aquela sensação de alívio visual quando a unha fica limpa e totalmente desobstruída”, relata, complementando: “Ver tudo organizadinho e resolvido me dá uma sensação muito boa, quase terapêutica”.

Para Grazielle, o prazer proporcionado pelos vídeos é essencialmente visual, estando mais ligado à aparência de limpeza e cuidado do que aos sons em si. Ao mesmo tempo, ela afirma que alguns conteúdos produzem o efeito contrário. Segundo Grazielle, algo que muitas pessoas apreciam, mas que não funciona para ela, são os barulhos de unhas batendo em embalagens ou raspando produtos. Em vez de relaxá-la, esses sons acabam provocando estresse.

Influência virtual

Para o neuropsicólogo Robert Sérgio de Almeida Costa, professor de Psicologia com mestrado em Neurociência Cognitiva e Comportamento pela Universidade Federal da

Paraíba (UFPB), a rede mundial de computadores foi decisiva nesse crescimento dos vídeos de ASMR. “A *internet* facilita a propagação em larga escala de práticas que, quando compartilhadas, constroem grupos e verdadeiras comunidades com suas características e seus adeptos”, afirma. Segundo ele, as redes sociais ampliam comportamentos coletivos que já fazem parte da organização humana há milênios.

O termo “ASMR” foi documentado pela primeira vez em 2010, pela norte-americana Jennifer Allen, em fóruns virtuais. Ela descreveu uma sensação de relaxamento profundo desencadeada por estímulos específicos, como vozes suaves e movimentos delicados. “Allen não é cientista, mas percebeu que outras pessoas compartilhavam sensações semelhantes e iniciou um movimento que, anos depois, tornou-se objeto de es-

tudos científicos”, explica Robert Costa.

Do ponto de vista neurocientífico, ele define o fenômeno como “uma resposta fisiológica sensorial autônoma”, ou seja, involuntária. “São reações pelas quais não temos controle direto, porque são respostas do Sistema Nervoso Autônomo”, detalha o especialista. Esse sistema regula funções vitais, como respiração, pressão arterial e digestão. Robert Costa explica que a ASMR provoca um baixo nível de excitação fisiológica. “ASMR é uma experiência sensorial complexa com baixa excitação, que acarreta relaxamento profundo”.

No cérebro, segundo ele, há ativação de áreas relacionadas ao sistema de recompensa e prazer, com liberação de dopamina em níveis baixos e constantes. Estudos publicados desde 2015, utilizando técnicas como resso-

nância magnética funcional e eletroencefalografia, identificaram padrões específicos de ativação cerebral em pessoas que relatam sentir ASMR. “É um fenômeno real e mensurável”, afirma o neuropsicólogo. Ao mesmo tempo, ele ressalta que se trata de um campo ainda em construção científica.

Em vídeos considerados repulsivos por alguns, como extração de cravos ou remoção de carrapatos, o mecanismo pode inverter a sensação. “Se está assistindo, nosso sistema de avaliação percebe que não há perigo real”, explica Robert Costa, complementando que a resolução previsível pode superar o nojo e ser interpretada como recompensa.

De acordo com o especialista, essa diferença de reação tem explicação. Os seres humanos costumam buscar previsibilidade. “O cérebro ama organização. Isso reduz a carga cognitiva da incerteza

ou de erros. Se o cérebro sabe o que vem a seguir, ele pode relaxar”. Padrões repetitivos e organizados ativam circuitos neurais de recompensa e reduzem a ativação da amígdala, região associada ao estado de alerta e à resposta de luta ou fuga. Em termos simples, ele resume: “A ASMR é entendido pelo cérebro de quem sente quase como sendo a sensação de ser cuidado por outra pessoa”.

■ **Formigamento, tranquilidade e bilhões de vizualizações explicam o sucesso de um dos gêneros mais populares da internet**

Não sentir satisfação também é comum

Consumo

Exposição repetida reduz intensidade das sensações e pode causar dependência, levantando debate sobre o uso excessivo como regulação emocional

aliviar sintomas de ansiedade. Grazielle, no entanto, diz que seu caso é diferente. “Pra mim, a ASMR é mais entretenimento mesmo, como se fosse uma série. Eu não uso, necessariamente, pra dormir ou aliviar ansiedade, é mais porque eu gosto de assistir”, ex-

plica ela, contando que assiste praticamente todos os dias, sempre que o algoritmo sugere novos vídeos. Relembrando, ela associa a experiência a uma sensação antiga, dos tempos de criança: “É uma coisa parecida com aquela sensação da infância, de tirar a cola seca da mão”.

Dependência e tolerância

Robert Costa, por sua vez, pondera que o consumo frequente desse tipo de conteúdo levanta a hipótese de dependência e que o uso excessivo pode levar à tolerância.

“O cérebro se acostuma com o estímulo e para de responder com a mesma intensidade”, explica. Ele ressalta que não se trata de dependência química, mas pode haver uma dependência comportamental para sono ou controle do estresse. “Nesses casos, recomenda-se um período de

abstinência para o cérebro recuperar os efeitos”, esclarece.

Redes neurais

Para a ciência, o fenômeno também demonstra que, quanto mais uma pessoa se expõe aos estímulos da ASMR, maior tende a ser o fortalecimento de certas redes neurais. Nesse contexto, os vídeos e sons satisfatórios passam a funcionar como um gatilho aprendido pelo cérebro. Para o especialista, a popularização desses vídeos mostra como a tecnologia pode alterar a forma como reagimos a estímulos que evocam cuidado, proximidade e previsibilidade. “Estamos, portanto, criando novas formas de suprir necessidades biológicas de conexão e calma em um mundo cada vez mais isolado fisicamente, urgente e hiperestimulado”, conclui o especialista.

AFOGAMENTOS

Crianças compõem 34,6% das vítimas

Quase metade dos atendimentos concentra-se no verão; além do mar aberto, piscinas também representam riscos

Iris Machado
irmschdo@gmail.com

Nos últimos três anos, 34,6% dos casos de afogamento registrados pelo Hospital de Emergência e Trauma de João Pessoa envolveram crianças, dado equivalente a 45 de todas as 130 ocorrências no período. Quase metade desses atendimentos (49,1%) aconteceu nos meses de dezembro a março, durante o verão. Além dos riscos do mar aberto, piscinas também representam espaços propícios a acidentes do tipo, especialmente dentro de casa.

“Os casos de afogamento infantil acontecem mais no ambiente domiciliar, envolvendo crianças das quais os adultos se descuidam um pouco. Essa é, de longe, a principal falha: deixar que crianças permaneçam em um ambiente de risco, como no caso de uma piscina, sem que haja vigilância permanente. Não se deve descuidar em nenhum segundo”, pontua o diretor-geral da unidade, o médico Laécio Bragante.

Como explica o especialista, em situações mais graves, afogamentos podem ocasionar sequelas irreversíveis, a depender do tempo de exposição e do volume de água no pulmão da vítima. “Na inundação da



Foto: Leonardo Arriel

Segundo o diretor-geral do Hospital de Emergência e Trauma de João Pessoa, vigilância permanente dos filhos é fundamental para prevenir acidentes

via aérea, a situação de morte é iminente. Se houver uma perda de sentido e acontecer uma vazão de água na via aérea, impedindo a oxigenação sanguínea, há riscos de agressão ao organismo como um todo, mas, principalmente, ao cérebro, ao coração e aos rins”, levanta.

Na família da bancária Rita de Cássia Melo, todo cui-

dado é pouco para assegurar o bem-estar da filha, Ana Vera. Aos dois anos, a menina adora explorar os arredores e descobrir novas experiências. Nos momentos de lazer, no entanto, a energia dela requer um acompanhamento frequente para prevenir possíveis acidentes. “O que mais me preocupa é ter algum descuido, algo

chamar minha atenção. Até mesmo durante uma olhada no celular, pode acontecer algo. Basta você se virar e a criança está caindo, mexendo no que não deve. Na piscina, não há somente o risco de afogamento; a criança pode cair na beira e bater com a cabeça. Então, seja piscina, seja praia, até mesmo em *shopping* ou parque de di-

versão, eu não confio. Quem é mãe não descansa, porque está supervisionando o tempo inteiro”, considera.

Mesmo pequena, Ana Vera compreende as orientações dos pais e os perigos em situações desconhecidas. Quando ela insiste, ciente de que pode cair ou escorregar, Rita e o marido estão por perto, com o protetor solar e os

chinelinhos dela em mãos, a fim de evitar eventuais quedas. “Saber nadar não elimina nenhum tipo de risco. Recentemente, coloquei Ana na natação, mas ela só conseguiu ir a três aulas. A gente ainda está tentando descobrir o que realmente a traumatizou. Só de olhar para o biquíni, ela já diz que está com frio”, revela.

Bombeiros recomendam uso de coletes e cercamento da piscina

Em 2024 e 2025, o Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba (CBMPB) registrou 143 afogamentos no estado. Trata-se da segunda maior causa de óbitos de crianças na faixa etária de um a quatro anos, segundo o capitão Denilson Costa. Esse foi o caso da pequena Bella Ohana Oliveira Barbosa Carvalho de Brito, de três anos, que morreu afogada na piscina de casa, no bairro Alto Branco, em Campina Grande, em fevereiro deste ano.

“A gente não fala só em piscinas, mas também em baldes e bacias, tudo que é recipiente. É fundamental colocá-los em locais altos, de difícil acesso, porque já ocorreram casos de bebês e recém-nascidos se afogarem em bacias. É no descuido que acontece o acidente. Basta a face estar submersa. Quando se fala em piscinas, a gente tem uma gama maior de riscos: pode haver o afogamento propriamente dito, quedas e acidentes em mergulhos. As pessoas costumam entrar em piscinas de cabeça, sem conhecê-las. Muitas vezes, são acidentes trágicos, até permanentes, que deixam a vítima tetraplégica”, lembra.

O maior número de ocorrências é verificado no período do verão. Nessa época do ano, a mistura do consumo de bebida alcoólica com as confraternizações em família



Foto: Arquivo pessoal

Em dois minutos, uma pessoa submersa perde a consciência. A partir de quatro minutos e meio, ocorrem danos cerebrais irreversíveis

Capitão Denilson

ções absorvidas, de modo a reduzir as chances de broncoaspiração. Ao mesmo tempo, deve-se acionar o Corpo de Bombeiros e informar a localidade do acidente, o intervalo aproximado em que a vítima esteve submersa e os sintomas apresentados. “É muito comum que as vítimas estejam espumando, soltando a água pelo nariz e pela boca. Às vezes, as pessoas tentam colocar a mão dentro da boca da vítima ou fazer a compressão cardiopulmonar, no tórax, sem saber se ela precisa ou não. Isso acaba agravando a situação e gerando lesões que não eram para existir”, alerta.

Também é preciso estar atento aos equipamentos de proteção. O bombeiro aconselha os banhistas a preferirem coletes de espuma, em vez de boias de braço ou circulares, que podem estourar e virar com o movimento da água. Outra instrução é instalar cercas ao redor da piscina ou uma manta sobre sua superfície.

A maioria das pessoas que se afogam, de acordo com Denilson, sabe nadar. A melhor e mais segura forma de salvar vidas, ele ressalta, é a prevenção. “Pelo menos um dos pais tem que estar de olho, o tempo todo, no filho. Jamais se deve colocar outra criança para proteger uma criança. A piscina é um lugar de risco”, reforça o capitão.

Tratamento da água exige cuidados para evitar explosões e reações tóxicas

Antes de entrar em uma piscina, a primeira coisa a se fazer é observar o estado da água, como explica a presidente do Conselho Regional de Química da 19ª Região (CRQ XIX), Raquel Lima. O cheiro forte de cloro e a irritação imediata dos olhos ou da garganta podem indicar a presença de subprodutos nocivos. “Se a água estiver muito turva ou leitosa após o tratamento, isso indica que a reação química está inadequada. Se aquela piscina tiver algumas espumas na borda, isso está associado ao excesso de algicidas ou a contaminantes orgânicos”, aponta.

Ao todo, quatro tipos de substâncias são utilizadas para tratar piscinas: desinfetantes, controladores de alcalinidade, algicidas e agentes floculantes ou clarificantes. Entre os desinfetantes, o mais comum é o cloro, responsável pela destruição de bactérias, vírus e algas criadas pelo processo de oxidação. Quanto à alcalinidade, os controladores aumentam ou diminuem o pH da água, conforme a necessidade, a exemplo do bicarbonato de sódio — conhecido como “barrilha” — e do ácido muriático.

Já os algicidas de manutenção combatem a proliferação de algas, enquanto os clarificantes e floculantes facilitam a limpeza do ambiente, ao formar flocos capazes de agrupar as partículas durante o processo de filtração. No entanto, o manuseio desses compostos acompanha

um alerta: sem o conhecimento necessário, a combinação de substâncias incompatíveis causa reações violentas e gases tóxicos.

“Aplicar vários tipos de produtos diferentes, ao mesmo tempo, com o intuito de gerar uma maior eficiência, pode, pelo contrário, anular [seus efeitos] ou causar até mesmo um processo de explosão. A gente tem um exemplo prático disso: misturar cloro com ácido muriático. Isso vai gerar o gás cloro, uma mistura muito perigosa, porque é irritante para as vias aéreas e pode causar insuficiência respiratória. O hipoclorito de sódio [água sanitária] com a amônia também é uma mistura perigosíssima, porque produz cloroaminas e dicloroaminas, que são irritantes respiratórios intensos. Outra coisa que a gente não pode fazer é misturar cloros diferentes entre si. Isso pode causar incêndios e explosões, por causa da decomposição oxidativa, que é uma reação muito perigosa”, frisa.

Em determinadas ocasiões, esses erros são letais. No mês passado, uma professora de natação morreu e quatro alunos foram internados devido ao contato com a piscina de uma academia em São Paulo (SP). A instrutora, Juliana Faustino Bassetto, de 27 anos, havia percebido odor e gosto anormais na água do ambiente. A suspeita é que ela tenha sofrido uma intoxicação após inalar uma mistura tóxica dos produtos usados na manutenção do local.

Nas situações desse tipo,

a química aconselha levar a vítima a um local ventilado, com o intuito de impedir exposições adicionais. Também não é adequado adentrar áreas contaminadas sem máscaras, luvas e óculos de proteção. “Se houver contato com os olhos ou com a pele, é preciso lavá-los abundantemente com água. E, se a pessoa sentir falta de ar, chiado no peito, tosse persistente, náuseas, ardor nas vias aéreas ou nos olhos, deve ir a um hospital imediatamente, porque sintomas leves podem evoluir horas depois para um caso mais grave”, recomenda.

Doses e aplicações

Para Raquel, comportamentos simples no tratamento da água são suficientes para prevenir possíveis riscos à saúde. Isso começa na dosagem dos produtos, que deve seguir as quantidades indicadas no rótulo de cada um e jamais ser estipulada por conta própria. Usar recipientes improvisados, em vez dos materiais-padrão, ainda pode provocar reações perigosas diante do calor ou da luz.

Outro cuidado necessário é medir o pH da água antes de introduzir o cloro e confirmar a concentração ideal da substância. Esses compostos devem ser aplicados em ambientes ventilados, para que os gases liberados se dispersem no ar. E, após o tratamento da água, os banhistas precisam aguardar pelo menos 24 horas até mergulhar na piscina.

PAIXÃO DE CRISTO

Interior tem espetáculos grandiosos

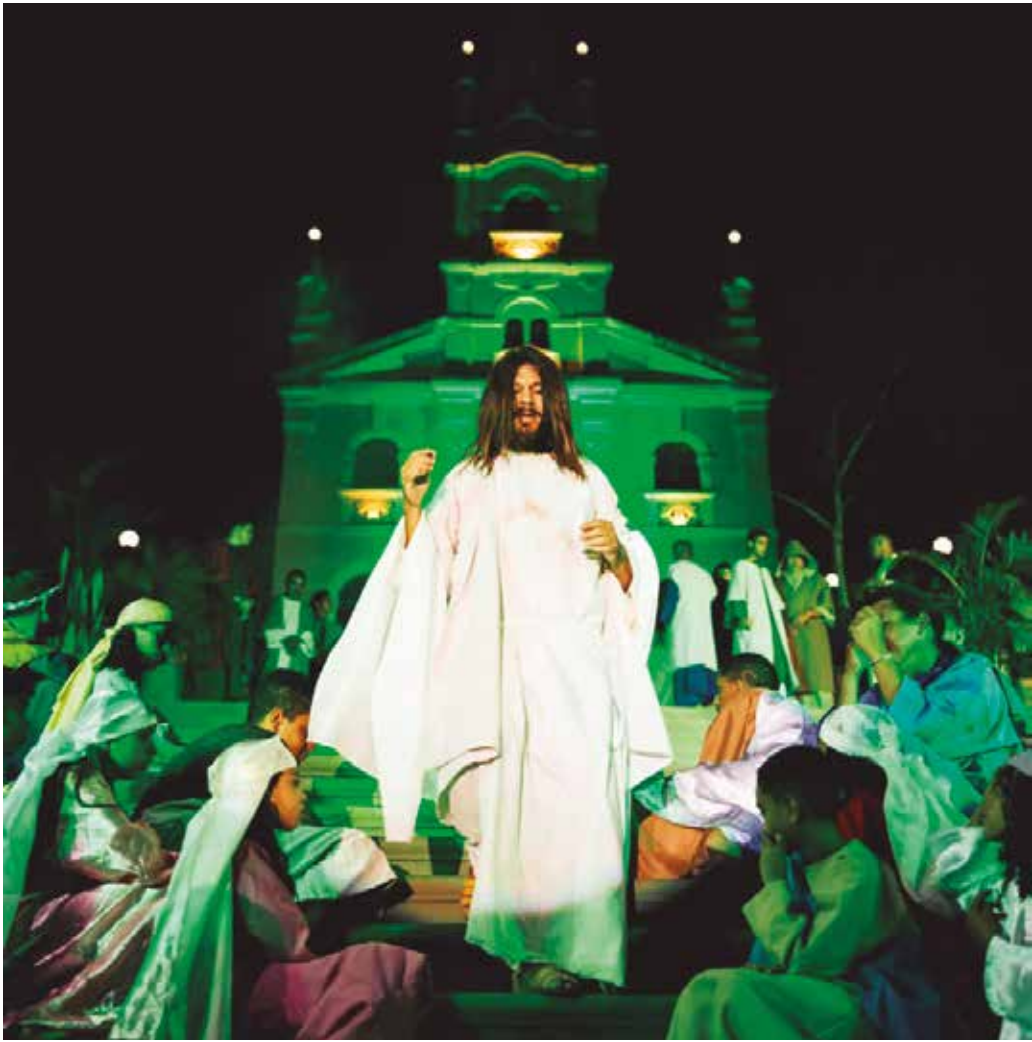
Pilões e Cuité preparam-se para sediar suas tradicionais encenações religiosas ao ar livre durante a Semana Santa

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Com a aproximação da Semana Santa, chegam também os espetáculos da Paixão de Cristo, presentes em diversos municípios paraibanos e muito apreciados pelo público religioso. No interior do estado, os municípios de Pilões, no Brejo, e Cuité, no Agreste, disputam o título de maior espetáculo de teatro a céu aberto na Paraíba.

Em Pilões, a Paixão de Cristo do Teatro Padre Mateus será encenada no dia 3 de abril, no Largo da Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus. O material de divulgação do evento o aponta como o maior e mais antigo teatro a céu aberto do estado, dado reforçado pelo vice-presidente do Teatro Padre Mateus, Neto Aprígio.

“O Teatro Padre Mateus é realizado há mais de 50 anos no município de Pilões, toda tradicional Sexta-Feira Santa,



Apresentação do Teatro Padre Mateus acontece diante da Igreja do Sagrado Coração de Jesus

Foto: Divulgação/Teatro Padre Mateus

em frente à Igreja do Sagrado Coração de Jesus. Temos um elenco de mais de 80 atores e figurantes, e a nossa história é considerada o maior teatro ao ar livre gratuito da Paraíba”, declarou.

Segundo Neto, o público do espetáculo varia de cinco mil a sete mil pessoas e o elenco é sempre formado por moradores locais. “Todos os anos, esse teatro é apresentado com atores amadores do nosso município e da região. Nós gostamos de dizer que não somos profissionais, como vários outros espetáculos que fazem a encenação da Paixão de Cristo — e hoje, na Paraíba, temos muitos desses. No nosso teatro, os atores são todos de Pilões e da região e somos todos amadores”, afirmou Neto.

“Nossa apresentação vai desde o início, quando os anjos anunciam a chegada de Jesus, e passa pelos sermões, por Jesus sendo entregue às mãos do Sinédrio,

por Pilatos e Herodes, até a crucificação e a ressurreição do Nosso Senhor Jesus Cristo”, completou.

Ainda de acordo com Neto, o investimento para a realização da Paixão de Cristo de Pilões gira em torno de R\$ 50 mil a R\$ 90 mil, custo dividido entre a Prefeitura Municipal e patrocinadores privados, como comerciantes e empresários da região. O espetáculo também recebe apoio do Governo do Estado.

■ Todos os atores da montagem pilonense, de acordo com Neto Aprígio, são amadores e oriundos da região

Exibição cuiteense contará com novos efeitos e cenas, diz diretor

Já em Cuité, as apresentações da Paixão de Cristo de 2026 estão previstas para os dias 2, 3 e 4 de abril, no Teatro Olho D’Água da Bica, também descrito como o maior teatro ao ar livre da Paraíba. “A gente está com uma grande expectativa de público”, revelou o diretor da encenação, Ismael Moura, atual secretário de Cultura do município.

“Tivemos, em 2025, uma média de cinco mil pessoas por noite. Neste ano, investimos mais em inovações — teremos novos efeitos e novas cenas. O elenco é 90% cuiteense, mas contaremos, mais uma vez, com a atriz Giselle Tigre interpretando Maria”, pontuou Ismael, acrescentando que o ator Bruno Goya também integra o elenco da edição de 2026, depois de quatro anos sem fazer parte do espetáculo.

“Ele fará novamente o papel do soldado romano que açoitava Jesus”, adiantou o diretor, citando, ainda, mais uma atração nacional da montagem: o ator Nill Marcondes, que interpretará Lúcifer.

Para a realização do projeto, Ismael revelou que conta com o apoio do Governo da Paraíba, da Prefeitura Municipal de Cuité e de pa-

Atração Segundo as autoridades locais, peça encenada no Teatro Olho D’Água da Bica costuma atrair visitantes de outras cidades e até de estados vizinhos, como o Rio Grande do Norte

tracinadores do comércio local. “Estamos com uma previsão de ter um apoio bem superior ao do ano passado. Ainda não conseguimos saber 100% desses valores, mas estamos na esperança”, frisou.

De acordo com a consultora em Desenvolvimento Territorial Silvia Guimarães, que já atuou como secretária de Turismo de Cuité, o espetáculo atrai não só a população local, como também visitantes de cidades próximas e até de outros estados. “Quando estive secretária, eu mesma apliquei uma pesquisa sobre o perfil da demanda turística”, relatou.

O levantamento apontado por Silvia mostra que a maior parte dos turistas vinham de dentro da Paraíba, mas havia muitos do Rio Grande do Norte. Entre os paraibanos, a maior parte era das cidades de Nova Floresta, Picuí, Barra de Santa Rosa e Campina Grande. Além disso, 57% eram mulheres.

Na capital Em João Pessoa, a Fundação Cultural da capital (Funjope), responsável pela produção da Paixão de Cristo na cidade, confirmou que o espetáculo deste ano terá a cantora, multi-instrumentista e atriz Lucy Alves no papel de Maria. A cantora Wanessa Camargo e o ator Bruno Fagundes também integram o elenco da edição de 2026 da montagem, que será apresentada nos dias 2, 3 e 4 de abril, no Centro Cultural São Francisco, com direção de Everaldo Vasconcelos.

“Estou muito feliz com a possibilidade de dar vida a Maria na Paixão de Cristo, um espetáculo que já tem tradição na capital. Estou muito grata de viver essa experiência, que é diferente para mim e que mexe não só com a minha fé, mas com a de todos nós”, disse Lucy. “O

texto e a direção de Everaldo são muito sensíveis e todo o elenco está muito afinado. Sinto-me profundamente tocada, honrada e muito feliz de estar na minha terra, com os meus. Em uma pro-

dução aqui, feita por gente daqui. Por mais que essa história seja tão conhecida por todos nós, é sempre emocionante assistir a ela, e ainda mais emocionante participar dela. Esse é mais um de-

safio e estou muito, muito honrada mesmo”. Novos detalhes sobre a Paixão de Cristo de João Pessoa deverão ser divulgados pela Prefeitura Municipal a partir desta semana.



Foto: Divulgação/Paixão de Cristo de Cuité

Edição deste ano dispõe do apoio do Governo do Estado, da prefeitura e do comércio local

Ministério da Cultura e Bradesco Seguros apresentam

Ana Rosa

Helena Ranaldi

Fernanda Nobre

TRÊS

Edward Albee

MULHERES

ALTAS

Direção

Fernando Philbert

Tradução

Gustavo Pinheiro

Produção Geral

Bruna Dornellas Wesley Telles

03 a 05 de abril

TEATRO PAULO PONTES

Vendas: Symplá

Apresentado por

Lei Rouanet

bradesco seguros

MAC

Midia

EBC

Gráfica JB

Apelo Cultural

Apelo Gastronômico

Ilmone & Capperi

Garden

Marietta

Produção Local

inena

Produção

Wb produções

Realização

Arte Estúdio e Entretenimento

Ministério da Cultura

Governo do Brasil

MÚSICA

Concerto de foles

Fundada há 15 anos, a Orquestra Sanfônica Balaio Nordeste apresenta-se hoje, na Usina Cultural Energisa

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Instrumento nuclear da música nordestina, a sanfona ganha protagonismo e camadas de interpretação coletiva, genuína, sob a batuta da Orquestra Sanfônica Balaio Nordeste, grupo que reúne músicos de diferentes gerações em torno da valorização do forró e da formação artística profissional. Com circulação internacional e comemorando seus 15 anos de existência, a orquestra resfolega seus foles hoje, às 17h, na Sala Vladimir Carvalho da Usina Cultural Energisa, em Tambiá, com o *show Esquenta São João*. A entrada para o evento é a doação de 2 kg de alimentos não perecíveis.

A agenda de 2026 coincide com a antecipação do calendário junino, propondo transformar o espaço em um ambiente festivo típico. “A gente quer fazer um grande arraia”, comenta o maestro fundador da orquestra, professor Lucílio Souza. O repertório reúne clássicos do forró e composições mais recentes com o objetivo de contemplar diferentes públicos. “Tocamos o melhor do nosso forró tradicional, mas também músicas mais atuais que o público conhece e canta”, ele acrescenta.

Em sua origem, o grupo está diretamente ligado às atividades da Associação Cultural Balaio Nordeste (ACBN), entidade voltada à qualificação de artistas populares e à promoção do forró, a propósito, na última quarta-feira (18), a associação juntamente com o Fórum de Forró de Raiz, o Comitê de Cultura da Paraíba e a Secretaria de

Cultura de Estado da Paraíba (Secult), formalizou pedido de reconhecimento do forró como Patrimônio Imaterial da Humanidade junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Foi nesse ambiente que surgiram, ainda nos anos iniciais da instituição, oficinas e cursos voltados à população, além de festivais realizados em João Pessoa. “As pessoas que estavam aprendendo, desenvolveram esse desejo de querer montar uma orquestra. Houve várias tentativas, terminou a coisa não acontecendo”, lembra o maestro. O projeto só se aprumou quando Lucílio, que é natural de Pernambuco, mudou-se para a capital paraibana e foi convidado pela presidente da associação, a artista plástica e artesã Joana Alves, a liderar a iniciativa.

A criação da orquestra de sanfonas só veio a ocorrer em 2011, quando o maestro reuniu os músicos e estruturou o grupo a partir de uma proposta artística e pedagógica. Desde então, a orquestra mantém uma relação direta com a associação, que cede espaço para ensaios e integra os músicos como associados, objetivando diversificar as possibilidades musicais e oferecer um espaço de qualificação contínua.

Com 15 músicos em cena e uma equipe técnica que totaliza 18 integrantes, o naipe vai além da sanfona, incorporando flauta, percussão e voicais, em escolha que amplia a paleta sonora sem descaracterizar o protagonismo do instrumento. “A base é a sanfona, mas temos outros elementos que enriquecem a sonoridade”, diz Lucílio.

Quem canta é a paraibana Helayne Cristini, que entrou no grupo há cerca de cinco anos. “A gente ensaia todos os dias, o ano todo. É um trabalho de fortalecimento do nosso forró de raiz, trazendo, acho que unanimemente, compositores paraibanos”, explica. “Os *shows* eram só instrumentais e, daí, o maestro Lucílio me chamou pra colocar voz na orquestra. A princípio era só de um ano, mas acabou que, nessa história, eu já estou há praticamente cinco anos”.

De acordo com o maestro, a

definição do repertório tem caráter coletivo, com escolhas que consideram tanto a diversidade etária do grupo quanto a recepção do público. “A gente troca ideia com os músicos, pergunta a opinião deles sobre o que é que a gente tem na atualidade”, pontua o sanfoneiro. Afinal, a orquestra é composta por músicos que vão dos 19 aos 60 anos, o que amplia o leque de referências.

Ainda assim, há critérios definidos para a seleção das músicas. “O ponto principal é que seja o forró e uma música que não incentive as pessoas a agredirem mulheres, essas coisas todas. Em algum momento da nossa história recente, tem músicas que infelizmente entram nisso. Então esse cunho apelativo, sexual, a gente não faz, sempre com respeito e fazendo uma música que contemple todas as faixas etárias”.

Sanfona pelo mundo

Ao longo de sua trajetória, a orquestra também acumulou experiências fora do país. O grupo realizou apresentações na França, passando por cidades como Paris, Lille e Estrasburgo, além de participar de um festival no Peru voltado à música tradicional da América do Sul. A recepção, segundo o maestro, foi marcada por grande interesse do público estrangeiro pela música brasileira.

“As pessoas chegavam para dizer que não entendiam a música, mas que ela trazia alegria”, relata Souza, para quem esse tipo de retorno reforça o alcance da linguagem musical para além das barreiras linguísticas.

A proposta estética da Balaio Nordeste difere de modelos tradicionais de orquestras sinfônicas e também de formações de acordeão comuns na Europa. Enquanto estas costumam executar repertório erudito, o grupo nordestino prioriza a música popular. “A gente não queria fazer uma orquestra de sanfonas com cara de orquestra sinfônica. A gente quer exaltar a música nordestina”, explica Lucílio.

Tal decisão dialoga com o papel histórico da sanfona no Brasil. Dife-

rentemente do contexto europeu, onde o instrumento pode estar no qual à música erudita, aqui ele está presente nas mais diversas manifestações populares. A adaptação desse instrumento a uma formação orquestral, segundo Lucílio, representa um desafio técnico e estético, já que a base sonora concentra-se em um único tipo de timbre, o que “traz uma sonoridade muito singular”.

A trajetória do maestro reflete convergência semelhante entre formação acadêmica e prática popular. Iniciado na música ainda na adolescência, começou estudando clarinete em bandas filarmônicas, vindo a graduar-se em Regência, com ênfase em canto coral, e aprofundando-se na sanfona sob orientação do mestre Camarão.

“A minha formação é de Regência, mas a paixão pela música popular me levou para a sanfona”, resume. Já em João Pessoa, concluiu a licenciatura em sanfona e passou a atuar como músico e educador.

Para os próximos meses, a orquestra prepara uma série de projetos. Entre eles, a gravação de um EP e a celebração dos 15 anos do grupo, com evento programado para agosto. Também está em planejamento uma nova turnê pela Europa, com apresentações entre o fim deste ano e o início de 2027. “É um trabalho que eu me sinto muito feliz, porque é um resgate das nossas raízes; uma preservação da nossa cultura, do forró — que, diga-se de passagem, possui uma herança negra”, conclui Helayne Cristini.

ONDE:

■ SALA VLADIMIR CARVALHO (Usina Energisa, R. João Bernardo de Albuquerque, nº 243, Tambiá, João Pessoa).

A orquestra sanfônica prepara a gravação de um EP, um evento em comemoração aos seus 15 anos e uma nova turnê pela Europa

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

Russell e os cálculos do fim do mundo

O historiador M. James Penton observa que muito raramente se reconhece as influências de outras religiões e personagens nos conceitos defendidos por Charles Russell, fundador das Testemunhas de Jeová (TJ). Ele tem razão. Os críticos tradicionalmente costumam desacreditar seus ensinamentos. Existem livros inteiros e várias páginas na *internet* com refutações das doutrinas das TJ. Internamente Russell é considerado o homem que restaurou o antigo cristianismo primitivo. Uma figura distinta e irretocável. As TJ acreditam que, algum tempo após a morte de Jesus, o cristianismo acabou tomado por falsos profetas que deturparam suas ideias. Foram anos de obscurantismo e apostasia. Desde a antiguidade até o século 19, a humanidade esteve privada da verdade. Apenas em 1870, através de Russell e de seus seguidores, o verdadeiro cristianismo pôde ser definitivamente restaurado.

O mérito de Russell residiria no uso do “método adequado” para a compreensão das escrituras, buscando estabelecer harmonia entre os seus diversos livros e capítulos. As TJ argumentam que não são intérpretes da *Bíblia*, porque o livro se autointerpretaria. O núcleo básico das ideias de Russell deve muito a dois proeminentes teólogos protestantes norte-americanos: George Storrs e Nelson Barbour. James Penton atribui maior peso ao primeiro — o

ex-ministro da Igreja Metodista Episcopal. Suas contribuições foram realmente decisivas. De Storrs, Charles Russell herdou a crença no condicionalismo, isto é, a convicção de que os seres humanos não possuem almas, assim como a ideia de que os mortos estão inconscientes e que aguardam pela ressurreição; a doutrina do resgate de Cristo; a esperança na restituição do paraíso na Terra e a prática da comemoração da morte do salvador, no dia 14 de nisan de cada ano.

Storrs também acabou envolvido pela obsessão por cálculos do fim do mundo e por certo tempo seguiu William Miller, líder religioso batista, que teria previsto que o segundo advento de Cristo aconteceria de 1842 a 1843. Essa crença baseava-se em Mateus 24, no trecho em que Jesus diz que o Sol e a Lua se apagarão e haverá uma queda de estrelas no céu antes do fim. Miller acreditava que isso ocorreu respectivamente em 1780, quando houve um eclipse solar, e em 1833. Podemos imaginar a ansiedade e o frenesi coletivo que a expectativa iminente do fim do mundo produziu em seus seguidores.

O cientista Martin Gardner no seu livro *O umbigo de Adão* conta que Miller pensava que a geração que testemunhou tais acontecimentos também veria o fim. Os seus seguidores tinham origens diversas e dispersaram-se após o fracasso das previsões. Essas ideias foram incorporadas pelos Ad-

ventistas do Sétimo Dia e, posteriormente, ganharam nova roupagem com as Testemunhas de Jeová.

É com o pregador adventista Nelson Barbour que Russell se convencerá que o segundo advento será invisível. Barbour dividiu a história em três fases e passou a acreditar ser possível criar um cronograma que revelaria, passo a passo, as intenções de Deus para com a humanidade. Seria possível através de cálculos matemáticos estabelecer um paralelo entre a *Bíblia* e o devir histórico. Isso deixou Russell muito entusiasmado. A parceria com Barbour durou até 1878, ano em que o livro *Three worlds* estabeleceu como data para o arrebatamento dos escolhidos para o céu.

Como nada aconteceu, vários seguidores decepcionaram-se e os amigos seguiram caminhos diferentes. Russell deu nova interpretação para a profecia, passando a considerar que os que “morriam no senhor”, a partir de 1878, seriam ressuscitados no céu. Enquanto Barbour preferiu refazer os cálculos. A dissolução definitiva entre ambos deu-se com divergência sobre a doutrina do resgate de Cristo e a expiação dos nossos pecados. Barbour abandonou a ideia e publicou artigo revendo um novo ponto de vista na revista *Herald of the Morning*, o que Russell acharia inaceitável. O desacordo levou a um debate público, cujo as consequências é assunto para outro artigo.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | Colaborador

Razão e sensibilidade

Os movimentos alemães do idealismo e do romantismo, desenvolvidos entre o final do século 18 e o início do 19, influenciam o pensamento moderno e articulam-se na problematização do sujeito, da natureza, da arte e da liberdade, estabelecendo os princípios de uma nova interpretação de racionalidade e experiência. Nesse contexto, o livro *Idealismo e Romantismo*, publicado em 2024, escrito pelo professor e filósofo Humberto Schubert Coelho (1982), defende a interdependência entre essas duas tradições e destaca sua influência para a filosofia contemporânea.

No idealismo, destaca-se a centralidade da subjetividade como princípio constitutivo da realidade. A partir da filosofia crítica do filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804), especialmente na *Crítica da razão pura*, publicada em 1781, estabeleceu-se a tese de que o conhecimento não deriva apenas da experiência, mas resulta da atividade sintética do sujeito transcendental. Como afirma Kant, “os conceitos sem intuições são vazios; as intuições sem conceitos são cegas”. Nesse argumento, ele apresenta a mediação entre sensibilidade e entendimento.

Essa reconfiguração do conhecimento inaugura uma nova ontologia, na qual o mundo fenomênico é condicionado pelas estruturas da subjetividade. A tese também é desenvolvida pelo filósofo alemão Johann Gottlieb Fichte (1762-1814), para quem o “eu absoluto” se põe a si mesmo como fundamento de toda a realidade. Em sua *Doutrina da ciência*, publicada em 1794, Fichte sustenta que o mundo objetivo é produto da atividade do sujeito, afirmando que “o Eu põe a si mesmo e, ao pôr-se, põe também o não-Eu”.

Além disso, Fichte fun-



Fichte: o mundo objetivo é produto da atividade do sujeito

damenta o conhecimento e a ética na atividade do “Eu absoluto”. Parte da autoconsciência (o sujeito) para derivar toda a realidade (o “não-eu”) de forma *a priori*, superando a separação kantiana entre sujeito e objeto. Essa formulação reforça a ideia de que a realidade é inseparável da ação do sujeito, concebido como princípio dinâmico e criador. Por sua vez, o filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) desenvolve essa intuição em um sistema dialético, no qual a realidade é compreendida como processo racional em constante desenvolvimento. Na *Fenomenologia do espírito*, publicada em 1807, Hegel afirma que “o verdadeiro é o todo”, indicando que a verdade só se realiza no movimento histórico do espírito, no qual sujeito e objeto reconciliam-se. Em contraposição ao racionalismo iluminista, o romantis-

mo alemão surgiu como uma valorização da sensibilidade, da imaginação e da experiência estética. Esse movimento não rejeita a razão, mas busca ampliá-la, incorporando dimensões da existência que haviam sido marginalizadas. Nesse sentido, o poeta, filósofo, médico e historiador alemão Friedrich Schiller (1759-1805) propõe, em suas *Cartas sobre a educação estética do homem*, publicada em 1795, a reconciliação entre o impulso sensível e o impulso formal por meio da arte e da beleza, a fim de harmonizar razão e sensibilidade humanas, isto é, integrando liberdade e forma na experiência estética. De modo semelhante, o poeta e filósofo alemão Friedrich Hölderlin (1770-1843) expressa, em sua poesia e reflexão filosófica, a busca por uma unidade originária entre homem e natureza, frequentemente perdida na modernidade.

A relação entre idealismo e romantismo revela-se mais complementar do que antagônica. Ambos os movimentos compartilham a busca pela totalidade e pela unidade do real, ainda que por vias distintas. O idealismo privilegia a razão sistemática como meio de apreensão da totalidade, enquanto o romantismo enfatiza a via estética, simbólica e intuitiva. Essa diferença metodológica não implica oposição radical, mas, antes, uma tensão produtiva que enriquece a compreensão da experiência humana.

Como observa Hegel, a arte — dimensão central para os românticos — constitui uma forma de manifestação do espírito absoluto, ainda que não seja sua forma mais elevada. Essa convergência entre razão e sensibilidade possui implicações decisivas para a compreensão da modernidade e da contemporaneidade e do século atual. A tensão entre ciência e arte, universalidade e individualidade, objetividade e subjetividade permanece como uma das forças estruturantes do pensamento contemporâneo. Nesse sentido, a busca por uma harmonia entre idealismo e romantismo, ao integrar razão e sensibilidade, sugere a necessidade de uma reinterpretação do conhecimento e da cultura.

Sinta-se convidado à audição do 560º. Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 22 das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5 ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante o programa, comentarei algumas peças do compositor e pianista austríaco Johann Nepomuk Hummel (1778-1837), que tratam do Classicismo, do Romantismo e do Idealismo germânico.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Nonato e seus blue guedes

Sem exaltação, o jornalista Nonato Guedes é o registro de agudeza de espírito, de um homem de uma aprendizagem feita para se multiplicar, permitindo-se que todos aprendam, pois, não precisa acumular os detalhes que escapam. Detalhes, é coisa do Rei Roberto.

Nonato veio da estrada, está nela, construindo ao lugar sinal, atravessando o tempo de se chegar a conhecer o melhor dos mundos. Seu texto já é do mundo, mas ele, como eu, ainda estamos na estrada.

Nonato apazigua, alguém que encontramos nos versos de Drummond, Manuel Bandeira. Nas crônicas, ele nutre o grau fascinante de concisão que implica na longa demorada da maturação do texto. Ele senta e escreve. É o dom.

Ele dribla a dispersão, o acaso, sendo o seu texto explicitamente referido a um acontecimento político e determina que, ao longo do tempo, em qualquer sistema fechado ou aberto, o repórter deu conta do recado. Seria ele, o repórter professor? Nada, ele é propensão, o pendor do jornalismo e é o carimbo que vale.

A irreversibilidade está nele, a expansão desse tango dos vocábulos, que dribla tudo, até o Brasil de hoje, com seus políticos mentirosos e ligações perigosas.

Uma das coisas que me fascina em Nonato Guedes é o hábito de leitura. Como a aranha que taciturna tece o seu fio guiando-se pelo prazer de existir. Sem ler, não se chega a lugar nenhum, apesar de não haver mais livros a serem escritos. Está tudo aí. Ele é seduzido pelo que lê, a matéria-prima do bom jornalista e assim, admite ser proferido, indicado.

Nonato ultrapassa IA, muito embora a IA tem salvado a lavoura de muitos profissionais. Assim, Nonato Guedes intervém de forma a reafirmar o prazer do texto, como dizíamos nos anos dourados.

Eu o conheci exatamente da maneira que cheguei perto de muitas pessoas — “olá, eu sou Kubitschek Pinheiro, sertanejo etc” — era a necessidade de conhecer gente, cujo ritmo nos chama para crescer, dando a possibilidade, dizia meu pai, de ficar perto dos inteligentes e marcar expressão.

De resto, Nonato é essa indicação fundamental de um homem, como se o próprio nome “Nonato Guedes”, tivesse, tem, terá esse sentido à fonte com a sua composição, pela condição de operário, reflexo de tudo o que se vê e se aplaude.

Meu caro Nonato Guedes, escrevo essa carta de amor para dizer que em nossa amizade não tem ida nem regresso, jamais aborrecimentos. Somos a viagem do sertão e do mar, de modo a unir famílias, a graça do mundo, as relações, ligações, descolar os sentidos, reparar e dividir na construção, esse *modus operandi*, de ter em dia as imagens do que somos, seremos.

Estamos bem na foto, claramente nesse período em que festejamos sua vida, os longos dias de trabalho, sempre a despertar em nós a força que nunca seca, e é sempre possível fazer a flexão de um abraço que Deus cuida de nós.

Feliz aniversário como manda a tradição, do que é fundamental, por meio de um uma alegria que não desanda. Estamos aí, estamos aí.

Nascemos todos os dias, com as dores e alegrias e que possamos definir uma certa espera, um telefonema, sem precisar de estarmos juntos todos os dias, como acontece comigo com o mano, o nosso Lenilson Guedes.

Não, Nonato, entrelaçar um signo é coisa do destino, admirando-o como o faço, com respeito e atenção pelo mestre que é você.

Kapetadas

- 1 – As bombas do Oriente Médio chegaram nas bombas de gasolina.
- 2 - Sucesso é ter paz.



O colunista (E) com Nonato Guedes, referência do jornalismo

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

Historiador paraibano lança novo livro

Vencendo “uma batalha após a outra” e sempre respeitado como um dos mais influentes da cultura e da história paraibana, nossa relação existe há muitos anos. Além do que a considero quase familiar, até pela afinidade que nos tem unido no campo da pesquisa em cinema e da própria historiografia, a sua mais vibrante vertente. Esse é o meu amigo e historiador paraibano José Octávio de Arruda Mello que sempre conheci.

Nesta semana, não sendo diferente, mais um contato para o lançamento do seu mais novo livro, após me ter consultado sobre uma obra importante do cinema mundial: *As pontes de Toko-Ri* — uma produção de 1954 baseada em romance de guerra da Coreia, dirigida por Mark Robson, com atuações do galã William Holden e da bela Grace Kelly.

Como sempre, além de um convite para o lançamento de seu livro pela Editora Ideia (ocorrido na sexta-feira passada), Zé Octávio deixou na portaria do meu prédio um exemplar de sua recente obra, intitulada *A historiografia de Varnhagen aos Rodrigues*. Um amplo relato sobre a nossa história, que ele decidiu estender

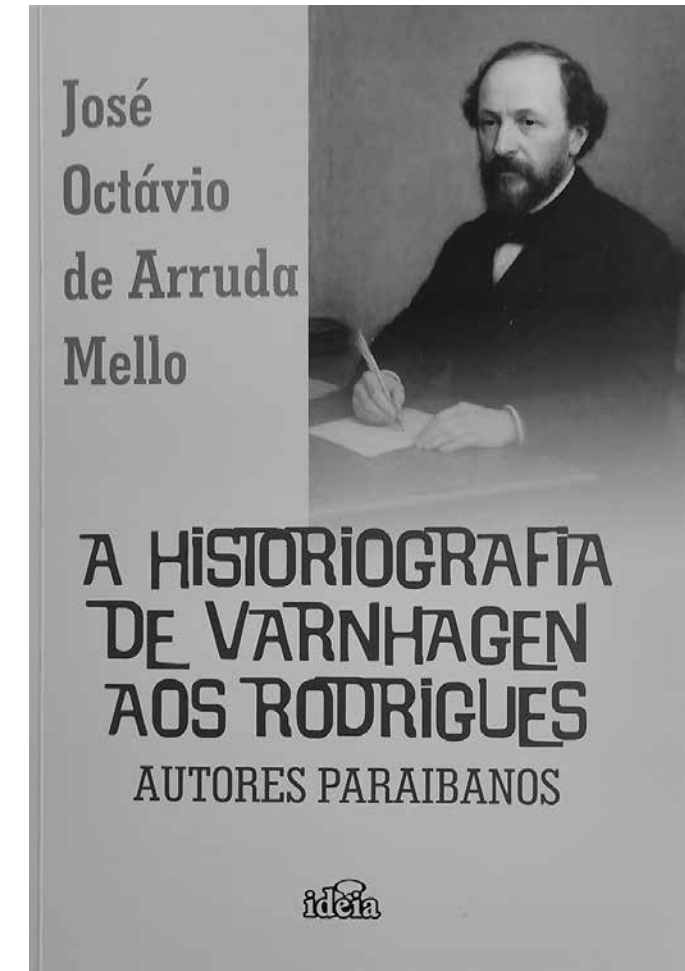


Foto: Divulgação/Ideia

Livro de José Octávio de Arruda Mello foi lançado na sexta

para além dos limites locais, indo em busca de domínios nacional e internacional. Mas sempre agregando valores nossos, quando se refere ao também historiador José Honório Rodrigues.

Lendo o seu novo livro, vejo que o amigo Zé Octávio não me esqueceu. É quando faz referência a um dos períodos bastante crítico da vida brasileira, evocando fatos sobre a Ditadura Militar que existiu durante



APC: Zezita é homenageada na FCJA

A ex-presidente da Academia Paraibana de Cinema e atriz Zezita Matos foi agraciada nesta semana, durante as solenidades realizadas na Fundação Casa de José Américo. O evento foi organizado para homenagear o Dia Internacional da Mulher, que já faz parte do calendário da FCJA todos os anos.

Zezita Matos recebeu o título destinado às mulheres empreendedoras na Paraíba, pelos trabalhos que vem realizando, em todos esses anos, no campo do teatro e do cinema. A APC congratula-se com a sua confrade.

“FAZENDO FIGA”

Totonho é pré-indicado ao Prêmio da Música

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Beats de motosserra intercalados ao *mix* reforçado de coco, embolada, *rap* e *funk* renderam ao grupo paraibano Totonho e os Cabra a pré-indicação ao Prêmio BTG Pactual da Música Brasileira nas categorias de Melhor Artista, Melhor Disco de Funk e Melhor Música. O anúncio definitivo dos indicados acontecerá na próxima quarta-feira (25), em cerimônia no BTG Pactual Hall, em São Paulo, com início às 21h. No mesmo dia, também às 21h, Totonho vai se apresentar na General Store, Centro da capital, com o *show Fazendo figa*.

Totonho conta que recebeu a notícia na quarta-feira passada (18). “Estavam procurando meu contato, porque eles só conversam com os artistas, não conversam com a gravadora”, comenta o compositor. “A primeira coisa que eles perguntaram é se eu era independente. Depois eu fui lá ver quem ganhou esse prêmio, sabe? Alcione, João Bosco. É uma coroação”.

Entrando em oito listas de disco do ano com o inventivo *Aí dentu: funk de embolada e hip-hop do mato*, Totonho está orgulhoso do disco afro-tupi lançado em 25 de julho do ano passado e reafirma a posição bem situada no espaço que sua recente obra ocupa.



Foto: Natália Di Lorenzo/Divulgação

Totonho concorre por *Aí dentu*, lançado no ano passado

o reitorado de Lynaldo Cavalcanti na UFPB. E cita ele próprio o fundador do Grupo José Honório Rodrigues, feito realizado com a parceria de grandes valores da cultura paraibana — um grupo de estudo do qual ainda faço parte até os dias atuais, por apreciação do próprio Zé Octávio.

Nessa época, eu estaria incursionando na cultura pessoense, a partir de nossas atividades cinematográficas em Santa Rita, com o meu pai Severino Alexandre. Era tempo de Cinema Novo, e muitas vezes fomos reprimidos em nossas exposições pela Polícia Federal. Época em que fiz parte da Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba (ACCP), em seguida ingressei na Universidade Federal da Paraíba, ainda na época de Lynaldo Cavalcanti.

Assim, agradecendo ao amigo e parceiro de tantas sagas culturais, esta coluna homenageia o historiador José Octávio de Arruda Mello por mais um singular lançamento paraibano; não menos, pelo seu natalício celebrado esta semana. Parabéns!

Para mais “Coisas de Cinema”, acesse o nosso blog: www.alexantos.com.br.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Solha nos 4 elementos

I

Tudo começou com *Trigal com corvos*. Ali se inaugurava uma técnica, uma metodologia, um procedimento poético. Salvador Dalí criou o método crítico-paranóico para conduzir suas faanhas pictóricas e discursivas. A vida secreta do pintor espanhol e *Diário de um gênio* trazem passagens deliciosas que comprovam a efetividade estratégica de seu modo de compor. Com Waldemar José Solha, as coisas não são diferentes. Solha criou, com a série de livros-poema ou poemas-livro que vem escrevendo e publicando, um método que chamaria de prosaico-poético ou poético-prosaico, onde a unidade de concepção se lastreia na pluralidade dos fragmentos. Conteúdo e forma, se é que tais instâncias do texto literário podem ser separadas, fundem-se num estilo caleidoscópico, erudito e espiralado. Vejo, em seus escritos, uma espécie de ansiedade do absoluto, um debate permanente e dilacerado com a herança dos conhecimentos, uma convicção subterrânea de que a palavra pode nomear, sim, o mistério do universo, porém, sem dele nunca dar conta.

II

Sobre as obras da *Terra*, seu novo livro, recupera e refina o mesmo tom e a mesma perspectiva dos investimentos anteriores. Salvo engano, eu disse, em versos do poema “A terra”, do livro *Caligrafia das léguas* (1999), que “Só a terra/ dura para sempre”. Solha a elege como personagem central de sua saga poética, dando-lhe um estatuto proeminente na ampla e variada pauta de sua sinfonia. A propósito, observem-se as subdivisões musicais que regem o movimento cadenciado do poema (os *allegros: ma non troppo, con brio, molto vivace* e *andante maestoso*). Palavra e música sempre se cruzaram na topografia textual deste sorocabano-paraibano. *Cantata para Alagamar* pode ser vista como um emblema vivo dessa vertente. Mas, no poema, as rimas, as aliterações, os paralelismos, os cortes vocabulares, os *enjambements*, os ecos, assonâncias, dissonâncias e muitos outros ingredientes da camada acústica da língua comparecem para garantir a sua musicalidade, pois o que é a poesia, senão palavra com música?

III

Mais uma vez, a descrição, a narração e a reflexão associam-se na voz lírico-épico-dramática de Solha. A estrofe inicial como que prepara o terreno das intensas experiências do homem sobre a terra ou da terra, condicionando suas descobertas, seus inventos, seus fracassos e vitórias. A dualidade entre finito e infinito, donde talvez decorra a angústia que preside a odisseia do ser. Do ser do homem e do ser da linguagem, na medida em que, tanto aquele quanto esta (esta sendo aquele e vice-versa) parecem precários e insolúveis. Leituras, personagens históricos e figuras anônimas; episódios decisivos, a arte, a ciência, a filosofia, tudo se mistura sob o olhar vigilante da terra enquanto símbolo maior da criação. Terra que se transmuta em texto, texto que se transforma em intertexto, paratexto, arquitexto.

IV

Sei que a terra é um dos quatro elementos naturais. A terra, portanto, nunca está sozinha. Com ela convivem a água, o ar e o fogo. Imagino, doravante, mais três poemas-livro ou três livros-poema, na mesma metodologia do critério poético-prosaico ou prosaico-poético, evocando as incidências semânticas desses férteis personagens. Gaston Bachelard tem pistas maravilhosas para o repouso e para os devaneios de uma nova gramática expressiva. Somente Solha, com seu arsenal de conceitos, de imagens e de fórmulas, é capaz, entre nós, de sondar o mistério dessa possibilidade. Não lhe faltam o vírus da loucura criativa, o peso da erudição, a habilidade em todas as linguagens, o desejo, quase totalitário, de tudo saber, mesmo sabendo, socraticamente, que nada se sabe, a não ser que “A imortalidade,/ que todos sentimos,/ é da/ Humanidade,/ um superorganismo para o qual ainda é um sonho de Lennon o dia em que não mais/ existam,/ a nos atormentar,/ religiões nem nações,/ pelo que morrer/ nem matar”. Este é o fecho do poema. Todo o seu corpo, no que diz e no que oculta, me parece emoção humana convertida em emoção estética. Querer mais o quê?

Colunista colaborador

LITERATURA

ALCG recebe nova imortal na quinta

Selma Vasconcelos toma posse na academia de Campina Grande, em cerimônia que será realizada no MAC

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Na próxima quinta-feira (26), a poeta, pesquisadora e médica Selma Vasconcelos tomará posse como membro da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG), ocupando a vaga de Evaldo Gonçalves de Queiroz. O evento, gratuito, acontece a partir das 19h30, no Museu de Artes e Ciências (MAC) da Rainha da Borborema, no Catolé. Na ocasião, a nova associada trará a público o seu novo livro – *João Cabral de Melo Neto: caminhos e artimanhas da linguagem*, publicação que dá continuidade a uma extensa pesquisa de Selma em torno da obra do poeta pernambucano, tema de outras obras dela.

O interesse de Selma pela literatura surgiu na juventude, por meio dos “caderninhos”, que preenchia com ensaios, poemas e outros escritos, e continuou na idade adulta, graças à publicação de artigos em veículos paraibanos, como **A União**. A primeira empreitada literária chegou a público há 20 anos — *Cio das águas*.

“Em seguida, publiquei um livro sobre Zumbi dos Palmares. Na ocasião, eu fiz uma pesquisa histórica sobre essa figura e fiz um livro

que é um misto de poesia e história. Levantei, inclusive, os documentos de época. Também tenho outro livro de crônicas, direcionadas por fatos históricos”, cita.

Logo depois, partiu para estreitar laços com seu objeto de estudo mais recorrente, a poesia cabralina. Pautada por pesquisa patrocinada pelo Fundo Cultural de Pernambuco, ela rumou para Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, e teve acesso ao arquivo do mestre.

“João Cabral inaugurou uma linguagem nova na poesia, que não é lírica, sabe? Ela se aproxima de uma prosa mais acessível. A poesia, fundamentalmente, é síntese. E os versos dele usam muitas metáforas e imagens no sentido de apresentar ao leitor o que ele menciona, exigindo um pouco de atenção e de uma proatividade”, resume.

Sobre conciliar carreiras tão distintas na medicina e na literatura, Selma destaca que, apesar de parecerem díspares, suas profissões estão unidas por um laço pouco assinalado no cotidiano: a sensibilidade, necessária para ambos os campos. Tanto a médica quanto a escritora lutam por outro desafio em comum — a desumanização.

“Apesar do avanço da tecnolo-

gia, nada substitui o olhar da medicina sobre o homem, como ser humano inteiro, com alma, físico, psique. E eu até já escrevi um poema num consultório, antes de chamar o primeiro paciente, falando sobre o sofrimento das mães sem condições econômicas”, revela.

Comentando, por fim, sobre tomar posse na ALCG, justamente no mês das mulheres, Selma Vasconcelos crava que sua conquista é ainda maior diante deste fato, razão pela qual ela tem convidado muitas colegas para prestigiar a posse, compartilhando, assim, não somente os desafios da jornada dupla ou tripla da classe feminina.

“E essa carga de trabalho doméstico, familiar, marital pesa muito na rotina da mulher. Isso pode justificar nosso ingresso lento nas várias áreas de ativismo político, intelectual, entende? Talvez seja isso, precisamos fazer esse esforço além do esperado. Mas nós estamos chegando lá”, conclui.

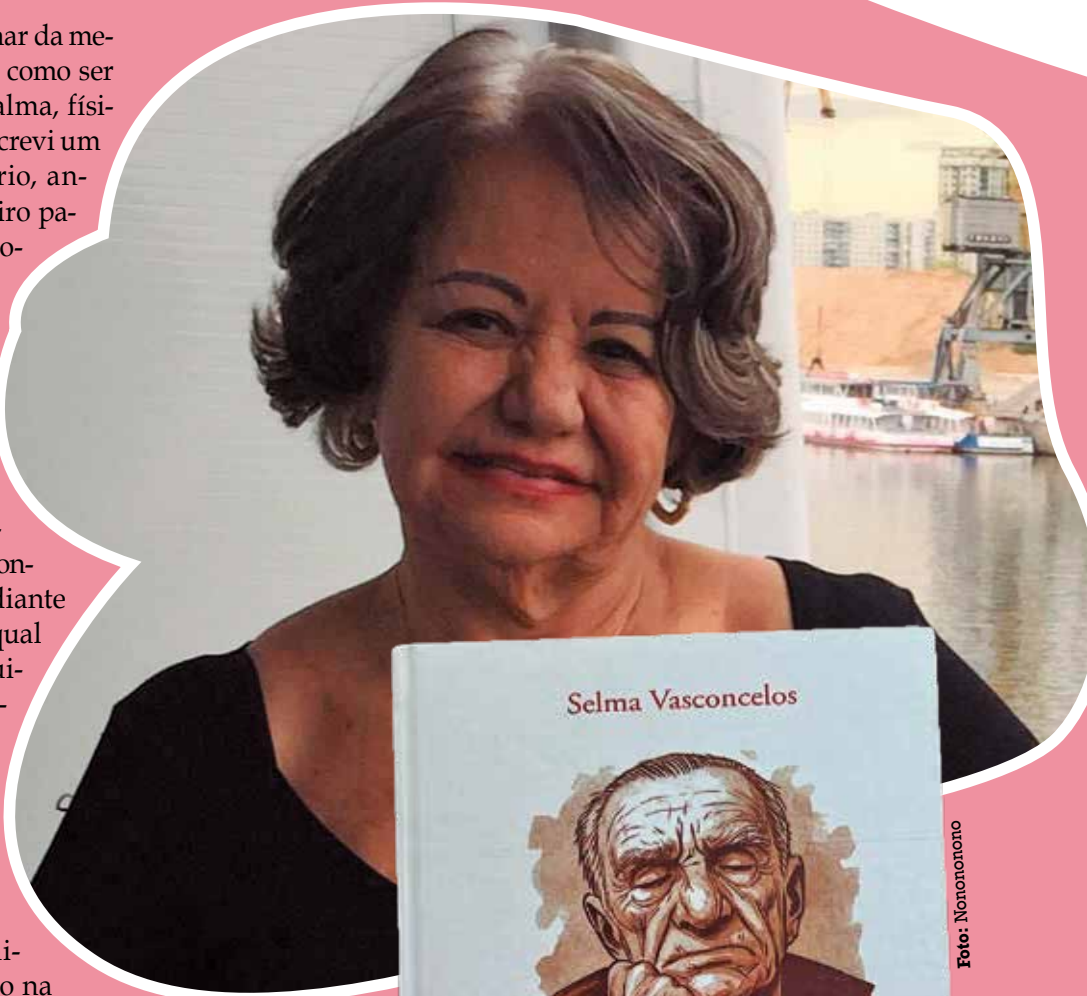


Foto: Nonatanano

Escritora também vai lançar o livro João Cabral de Melo Neto: caminhos e artimanhas da linguagem

Em Cartaz



Cinema

Programação de 19 a 25 de março, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.

* Até o fechamento desta edição, Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

ESTREIAS

BRING ME THE HORIZON: LIVE IN SÃO PAULO (*Bring me the horizon: live in São Paulo*). Reino Unido, 2026. Dir.: Circus Head e Oliver Sykes. Show/documentário. Registro do show da banda britânica de rock. 1h54. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: qui. a ter.: 17h30, 20h.

CASAMENTO SANGRENTO: A VIÚVA (*Ready or not 2: here I come*). EUA, 2026. Dir.: Matt Bettinelli-Olpin e Tyler Gillett. Elenco: Samara Weaving, Kathryn Newton, Elijah Wood, Sarah Michelle Gellar, David Cronenberg. Suspense/comédia. Mulher novamente é colocada como alvo de família poderosas em jogo mortal de esconde-esconde. 1h48. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 19h30, 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 15h45, 18h30, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 19h, 21h45. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 16h40, 18h50, 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h40, 18h50, 21h.

DEVORADORES DE ESTRELAS (*Project hail Mary*). EUA, 2026. Dir.: Phil Lord e Christopher Miller. Elenco: Ryan Gosling, Sandra Hüller, James Ortiz (voz). Ficção científica/suspense. Astronauta tenta impedir o Sol de ser destruído e recebe a ajuda de um ser alienígena. 2h36. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Átmos): dom.: dub.: 14h30; leg.: 17h45, 21h; seg. a qua.: dub.: 17h45; leg.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: 14h, 17h30, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 13h, 16h30, 20h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 14h45, 18h, 21h30. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: dom.: 14h20, 17h10, 20h; seg. a qua.: 17h10, 20h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: dom.: 14h20, 17h10, 20h; seg. a qua.: 17h10, 20h. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 18h, 20h50. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: 17h20, 20h20. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 17h50, 20h45.

UMA SEGUNDA CHANCE (*Reminders of him*). EUA, 2026. Dir.: Vanessa Caswill. Elenco: Maika Monroe, Tyriq Whitters, Lauren Graham. Drama/romance. Após deixar a prisão, mulher tenta se reaproximar da filha, mas enfrenta a resistência da família e dos amigos do namorado que morreu. 1h54. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: 16h30, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 13h30, 16h, 19h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 15h15, 17h45, 20h15. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 15h50, 18h05, 20h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 15h50, 18h05, 20h15. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 19h, 21h15. CINE GUEDES 3: dub.: 16h45. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: 18h45. **Guarabira:**

CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: 16h25, 18h50. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 16h10; seg.: 18h30; qua.: 19h.

TURBULÊNCIA (*Turbulence*). Reino Unido/EUA, 2025. Dir.: Claudio Fäh. Elenco: Hera Hilmar, Jeremy Irvine, Kelsey Grammer, Olga Kurylenko. Suspense. Presos em um balão, casal lida com mulher chantagista que coloca todos em perigo. 1h31. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 17h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: qua.: 19h, 15h30. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 16h10, 20h20.

O VELHO FUSCA. Brasil, 2026. Dir.: Emiliano Ruschel. Elenco: Caio Manhente, Tonico Pereira, Cleo Pires, Danton Mello. Comédia/romance. Jovem quer restaurar e ficar com um velho fusca de seu irascível avô. 1h37. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 13h, 15h30, 18h, 20h30. CINESERCLA TAMBIA 1: 18h20.

VIAGEM GELADA: O RESGATE DO URSO POLAR (*Huevitos congelados*). México, 2022. Dir.: Gabriel Riva Palacio Alatríste e Rodolfo Riva Palacio Alatríste. Aventura/animação. Animais ajudam filhote de urso polar a encontrar seus pais, enquanto são perseguidos pelos donos do circo do qual fugiram. 1h31. 6 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 14h30, 16h45. CENTERPLEX MAG 4: dub.: dom.: 14h30.

REAPRESENTAÇÃO

CREPÚSCULO (*Twilight*). EUA/Reino Unido, 2008. Dir.: Catherine Hardwicke. Elenco: Kristen Stewart, Robert Pattinson, Taylor Lautner, Anna Kendrick. Romance/aventura. Jovem se apaixona por um misterioso colega de classe que revela ser um vampiro. 2h02. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 15h20, 18h; leg.: 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 14h, 16h45; leg.: 19h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h, 18h30, 21h15. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: dom.: 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2 (laser): dub.: dom.: 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 15h45. CINE GUEDES 3: dub.: 19h. **PATOS MULTIPLEX 1:** sáb. a seg.: dub.: 16h, 20h; ter. e qua.: dub.: 20h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 15h, 19h; seg. a qua.: 19h. **Remígio:** CINE RT: dub.: 14h, 20h30.

O DIÁRIO DE PILAR NA AMAZÔNIA. Brasil, 2026. Dir.: Eduardo Vaisman e Rodrigo Van Der Put. Elenco: Lina Flor, Sophia Ataíde, Babu Santana, Marcelo Adnet. Aventura/infantil. Com uma rede mágica, menina viaja até a Amazônia e ajuda amiga ribeirinha a reconstruir sua comunidade. 1h30. 6 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 13h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 12h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: 12h. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 12h. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 12h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: 13h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 13h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: 13h30.

FOI APENAS UM ACIDENTE (*Yek tasadeľ sadeh*). Irã/França/Luxemburgo/EUA, 2025. Dir.: Jafar Panahi. Elenco: Vahid Mobasseri, Mariam Afshari, Ebrahim Azizi. Policial/dra-

ma. Grupo organiza plano de vingança contra homem que eles acreditam ser seu torturador. 1h43. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: dom., 22/3: 19h; ter., 24/3: 15h; qui., 26/3: 18h10; sáb., 28/3: 15h.

INCÊNDIOS (*Incendies*). Canadá/França, 2010. Dir.: Dennis Villeneuve. Elenco: Lubna Azabal, Mélissa Désormeaux-Poulin, Maxim Gaudette. Drama. Irmãos viajam para o Oriente Médio para cumprir o último desejo da mãe e descobrir revelações sobre sua família. 2h11. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: ter., 24/3: 17h; sáb., 28/3: 19h; seg., 30/3: 18h10.

CONTINUAÇÃO

O AGENTE SECRETO. Brasil/França/Países Baixos/Alemanha, 2025. Dir.: Kléber Mendonça Filho. Elenco: Wagner Moura, Tânia Maria, Carlos Franciso, Maria Fernanda Cândido, Gabriel Leone, Hermila Guedes, Alice Carvalho, Udo Kier, Thomas Aquino, Buda Lira, Joáisslon Cunha, Suzy Lopes, Cely Farias. Drama. Em 1977, durante a ditadura militar, homem chega a Recife se escondendo de perseguidores. Prêmios de melhor direção e ator em Cannes. Vencedor de dois Globos de Ouro: ator/drama e filme de língua não inglesa. 2h38. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: ter., 24/3: 19h30; dom., 29/3: 19h30.

ÁGUIAS DA REPÚBLICA (*Eagles of the republic*). Suécia/França/Dinamarca/Finlândia/Alemanha, 2025. Dir.: Tarik Saleh. Elenco: Cherien Dabis, Fares Fares, Lyna Khoudiri. Drama. Ator de sucesso no Egito cai em desgarcha com as autoridades do país. 2h09. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: qui., 26/3: 20h30.

CARA DE UM, FOCINHO DE OUTRO (*Hoppers*). EUA, 2026. Dir.: Daniel Chong. Aventura/animação. Pesquisadora usa máquina que transfere sua consciência para um castor robô, permitindo que ela interaja com animais e incite uma rebelião contra os humanos. 1h45. 6 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 15h. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 14h, 16h40, 19h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 13h30, 16h, 18h30, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 14h, 16h30. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: dom.: 14h30, 16h30, 18h30; seg. a qua.: 16h30, 18h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2 (laser): dub.: dom.: 14h30, 16h30, 18h30; seg. a qua.: 16h30, 18h30. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 3D: 14h50. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: 3D: dom.: 14h40; seg. a qua.: 15h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 15h40. **Remígio:** CINE RT: dub.: sáb., seg. e qua.: 16h15; ter.: 18h30.

FELIZ ANIVERSÁRIO EM BELGRADO (*Celts*). Sérvia, 2021. Dir.: Milica Tomovic. Elenco: Dubravka Kovjanic, Stefan Trifunovic, Katarina Dimic. Drama. Mulher que prepara uma festa para a filha tem rotina sufocante na família na Iugoslávia dos anos 1990, enquanto o país se desintegra em guerras. 1h46. 18 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: qui., 26/3: 16h; dom., 29/3: 15h.

MEMÓRIAS DE UM VERÃO (*The summer book*). EUA/Finlândia/Reino Unido, 2025. Dir.: Charlie McDowell. Elenco: Glenn Close, Emily Matthews, Anders Danielsen Lie. Drama. Menina é levada para passar o verão com a avó em uma ilha desabitada da Finlândia. 1h30. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: sex., 27/3: 16h; seg., 30/3: 16h.

MISSÃO REFÚGIO (*Shelter*). Reino Unido/EUA/Canadá, 2026. Dir.: Ric Roman Waugh. Elenco: Jason Statham, Bodhi Rae Breathnach, Bill Nighy. Aventura. Detento em remota ilha escocesa resgata uma garota do mar, desencadeando uma série violenta de eventos. 1h47. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 14h45, 17h20, 19h50, 22h15. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 18h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 18h40. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 18h15. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 21h15. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: dom.: 15h30; seg. a qua.: 15h35. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 21h20; seg. a qua.: 21h15. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom.: 18h30.

PÂNICO 7 (*Scream 7*). EUA, 2026. Dir.: Kevin Williamson. Elenco: Neve Campbell, Courteney Cox, Isabel May, McKenna Grace, David Arquette, Matthew Lillard. Suspense. Sidney Prescott enfrenta um novo assassino mascarado que surge perseguindo sua filha. 1h54. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 14h15, 17h, 19h45, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 15h30, 20h45. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 16h30, 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 16h30, 20h45. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 16h. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: 21h10. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: 21h10.

POV – PRESENÇA OCULTA (*Bodycam*). Canadá, 2026. Dir.: Brandon Christensen. Elenco: Jaime M. Callica, Sean Rogerson, Catherine Lough Haggquist. Terror. Policiais tentam encobrir vestígios de um tiroteio, mas são observados por mais do que suas câmeras corporais. 1h15. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 21h45. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 17h25; seg. a qua.: 17h10.

A SAPATONA GALÁTICA (*Lesbian space princess*). Austrália, 2025. Dir.: Emma Hough Hobbs e Leela Varghese. Comédia/animação. Princesa entra em missão intergaláctica para salvar sua ex-namorada caçadora de recompensas. 1h27. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: qua., 25/3: 18h10; ter., 31/3: 18h10.

SE EU TIVESSE PERNAS, EU TE CHUTARIA (*If I had legs, I'd kick you*). EUA, 2025. Dir.: Mary Bronstein. Elenco: Rose Byrne, Delaney Quinn, Mary Bronstein, Christian Slater, Conan O'Brien. Drama. Mulher vive crise lidando com vários problemas e sobrecargas ao mesmo tempo. 1h53. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: dom., 22/3: 17h; sex., 27/3: 18h10; seg., 30/3: 20h30.

SYRÂT (*Sirât*). Espanha/França, 2025. Dir.: Oliver Laxe. Elenco: Sergi López, Bruno Nuñez

Arjona, Stefania Gadda. Drama. Pai com seu filho viajam até o Marrocos para tentar encontrar filha que desapareceu em uma rave. Prêmio do Júri no Festival de Cannes. 1h55. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: qua., 25/3: 20h; dom., 29/3: 17h; ter., 31/3: 16h. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 17h40.

A VOZ DE HIND RAJAB (*Sawt Hind Rajab*). Tunísia/França/EUA/Reino Unido/Itália/Árabi Saudita/Chipre, 2025. Dir.: Kaouther Ben Hania. Elenco: Saja Kilani, Motaz Malhees, Amer Hlehel. Drama. Voluntários recebem a chamada de emergência de uma menina presa em um carro sob fogo cruzado em Gaza e tentam ajudá-la. Grande Prêmio do Júri no Festival de Veneza. 1h29. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: dom., 22/3: 15h; sex., 27/3: 20h30; ter., 31/3: 20h.

ZAFARI (*Zafari*). Peru/Venezuela/México/França/Chile/República Dominicana/Brasil, 2025. Dir.: Mariana Rondón. Elenco: Daniela Ramirez, Francisco Denis, Samantha Castillo. Drama. A chegada de um hipopótamo ao zoológico gera conflitos entre classes sociais de um bairro. 1h30. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: qua., 25/3: 16h; sáb., 28/3: 17h.

Teatro

HOJE

ENTRE MARGENS. Do Andarilho Coletivo de Teatro. Texto e direção: Marcelo Marques. Com: Anna Raquel Apolinário e Naíara Misa.

João Pessoa: TEATRO LIMA PENANTE (Av. João Machado, 67, Centro). Sábado e domingo, 21 e 22/3, 20. Entrada franca.

Música

HOJE

AMANDA RAINHA DA FARRA. Cantora apresenta o show de forró do projeto *Paredão 4*, com gravação de registro audiovisual.

João Pessoa: LAGOÁ (Parque Sólón de Lucena, Centro). Domingo, 22/3, 16h. Entrada franca.

CLUBE DO SAMBA + DRIKA COSTA. Grupo de apresenta às 18h e cantora às 21h.

João Pessoa: CENTRO (Praça Antenor Navarro, Centro). Domingo, 22/3, 16h. Ingressos antecipados na plataforma Sympyla.

ORQUESTRA SANFÔNICA BALAI NORDESTE. Grupo apresenta o espetáculo *Esquenta São João*.

João Pessoa: SALA VLADIMIR CARVALHO (Usina Energisa, R. João Bernardo de Albuquerque, 243, Tambiá). Domingo, 22/3, 17h. Entrada franca.

CONTROLE

Transparência é base da democracia

Órgãos públicos ampliam ações para garantir integridade na aplicação de recursos e combater a corrupção

Eliz Santos
elizsantos17@gmail.com

Cada recurso desviado da gestão pública significa menos investimento em áreas essenciais, como saúde, educação e infraestrutura. Diante desse impacto direto na vida da população, órgãos de controle e fiscalização têm intensificado, na Paraíba, uma atuação conjunta para enfrentar irregularidades e combater a corrupção.

Por trás dessa articulação, está uma rede institucional que aposta na integração entre diferentes esferas do poder público e na participação social como ferramentas centrais para garantir mais eficiência na gestão.

O procurador federal dos Direitos do Cidadão, Nicolao Dino, define bem o peso desse problema, ao afirmar que “o maior efeito da corrupção sobre a democracia é a erosão dos valores democráticos, que constituem o fundamento para a realização dos direitos fundamentais”. Durante seminário da Escola Superior do Ministério Público da União, no último dia 10 de março, ele classificou a prática ilícita como um “cupim” que corrói estruturas institucionais, enfraquece o Estado de Direito e compromete o interesse público.

Na avaliação do cientista político Lúcio Flávio, as práticas ilícitas representam uma ameaça direta ao funcionamento da democracia e à garantia de direitos fundamentais. Segundo ele, os efeitos vão além dos prejuízos financeiros, atingindo a própria relação entre Estado e sociedade. “A corrupção corrói as bases da democracia, pois retira a confiança da população nos integrantes dos Três Poderes. Além disso, suprime investimentos que seriam destinados à melhoria das

Combate às irregularidades depende de uma atuação conjunta e ética, voltada à proteção de direitos fundamentais do cidadão



Fórum Permanente de Combate à Corrupção será liderado pelo MPPB no biênio 2026–2027

condições sociais”, observa.

O especialista alerta que o avanço dessas práticas pode gerar consequências ainda mais graves. “Quanto mais corrupção, maior a descrença no regime democrático e o apelo por soluções autoritárias. No entanto, a história mostra que, em regimes ditatoriais, a corrupção é muito maior entre aqueles que detêm o poder. Ela apenas não é revelada e investigada, pois a imprensa está censurada e os órgãos de controle estão atrelados ao regime. Só nos regimes democráticos é que a corrupção é, verdadeiramente, combatida”, ressalta.

Ao analisar o cenário institucional, Lúcio Flávio destaca a importância da atuação conjunta entre os órgãos de controle no enfrentamento do problema. Para ele, a integração é um elemento-chave no combate à corrupção sistêmica, desde que respeite os limites legais e institucionais.

“É fundamental que os órgãos públicos atuem de forma integrada e dentro das leis, para evitar excessos e injustiças. Além disso, as punições têm que ser severas, para coibir reincidências. Mas o mais importante é desenvolver um trabalho educacional permanente junto à população, mos-

trando que o crime de corrupção não compensa e que, quando investigado, chegará aos responsáveis”, pontua.

Liderança e prioridades

Na prática, essa articulação materializa-se em iniciativas como o Fórum Permanente de Combate à Corrupção (Focco-PB), coordenado pelo Ministério Público da Paraíba (MPPB), que reúne instituições como o Ministério Público Federal (MPF), Tribunais de Contas e Forças de Segurança.

À frente da vice-coordenação do Focco-PB, o promotor de Justiça Arthur Magnus Dantas de Araújo destaca que a condução do colegiado exige escuta e construção coletiva. “Isso leva, necessariamente, a uma liderança com a participação dos demais integrantes, para mapear necessidades e definir os rumos das ações”, diz.

Entre as prioridades para o biênio 2026–2027, estão o fortalecimento da transparência e o aperfeiçoamento dos mecanismos de controle. “Definimos como prioridades a transparência e a rastreabilidade das emendas Pix, além de ativar a comunicação do Focco, retomar o *hackfest* e divulgar ferramentas de integri-

dade do programa Time Brasil, da Controladoria-Geral da União (CGU)”, explica Arthur Magnus.

O *hackfest* é uma iniciativa colaborativa que reúne programadores, especialistas em dados e membros da sociedade para desenvolver soluções tecnológicas voltadas à transparência e ao controle dos gastos públicos. Já o programa Time Brasil da CGU busca fortalecer a gestão pública por meio de três eixos principais: transparência, integridade e participação social, oferecendo ferramentas e orientações para prevenir irregularidades.

Prevenção

O promotor ressalta que o papel do Fórum é de articulação institucional e não de execução direta. “O Focco não investiga nem processa. Ao longo de mais de 20 anos, tem atuado na difusão da cultura de prevenção e combate à corrupção, buscando uma atuação mais uniforme entre os órgãos que o integram”, esclarece.

Apesar dos avanços institucionais, Arthur Magnus aponta desafios persistentes. “Há uma leniência histórica no país em relação ao tema, inclusive no âmbito institucional”, lamenta, ao defender a necessidade de mudanças estruturais e culturais no enfrentamento da corrupção.

Uma das principais iniciativas nesse campo é o Projeto Empodera. Lançado em 2025, o programa é voltado à capacitação para o controle social ativo e já alcança 18 municípios paraibanos. A iniciativa treina cidadãos para fiscalizar a aplicação de recursos públicos, com foco em áreas como educação, saúde e assistência social, além de orientar sobre como identificar irregularidades e apresentar denúncias fundamentadas. Somente em 2025, a ação capacitou 1.257 pessoas em todo o



Promotor Arthur Magnus é vice-coordenador do grupo

estado, reforçando o papel da sociedade como agente ativo na fiscalização e no combate à corrupção.

Cenário de alerta

Apesar dos esforços locais, o cenário nacional exige atenção. De acordo com o Índice de Percepção da Corrupção de 2025, o Brasil obteve 35 pontos, ocupando a 107ª posição entre 182 países e territórios avaliados. O resultado mantém o país em um patamar historicamente baixo, evidenciando desafios persistentes relacionados à efetividade dos mecanismos de controle, à integridade na gestão pública e ao fortalecimento das instituições.

Reação local

Como resposta a esse cenário, a Paraíba investe no fortalecimento interno por meio do Conselho de Transparência Pública e Combate à Corrupção, instância consultiva que reúne representantes dos Três Poderes, do Ministério Público, de órgãos de controle e da sociedade civil.

Nesse espaço, a Procuradoria-Geral do Estado da Paraíba (PGE) exerce papel estratégico, ao contribuir com assessoramento jurídico e análise normativa das propostas discutidas, garantindo que as medidas adotadas estejam alinhadas às boas práticas de governança pública.

O colegiado atua na definição de metas prioritárias, no aprimoramento de mecanismos de controle, no incen-

tivo à política de dados abertos e na ampliação do acesso à informação — medidas que fortalecem o controle social e ajudam a prevenir irregularidades.

De acordo com o procurador-geral adjunto, Flávio José Costa de Lacerda, a atuação da instituição no Conselho reforça o compromisso com a integridade. “A participação da PGE contribui para o fortalecimento de políticas públicas baseadas na legalidade, na responsabilidade administrativa e na ampla disponibilização de informações à sociedade”, sustenta.

A proposta é tornar a gestão pública cada vez mais acessível ao cidadão. Ao estimular o controle social e ampliar a divulgação de informações, o conselho reforça a transparência como um dos principais instrumentos de prevenção.



Quanto mais corrupção, maior a descrença no regime democrático e o apelo por soluções autoritárias

Lúcio Flávio



Para Nicolao Dino, a corrupção é responsável pela erosão de valores democráticos



Foto: Carlos Moura/Agência Senado

Conhecimento mútuo entre os países lusófonos facilita as trocas comerciais e culturais, fortalecendo a integração de nações

BARÔMETRO DA LUSOFONIA

Países de língua portuguesa são analisados por pesquisa

Estudo foi executado pelo Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas

Da Redação
Agência Senado

O Barômetro da Lusofonia foi lançado no Brasil, na última semana, em evento no auditório do Interlegis, no Senado Federal. Trata-se de uma pesquisa inédita comandada pelo Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas (Ipespe). A partir da escuta direta das populações, o Barômetro produziu dados sobre vida cotidiana, democracia, intercâmbios culturais e expectativas de cooperação entre os países que têm o português como língua oficial.

O diretor-geral da pesquisa, Antonio Lavareda, destacou que a comunidade de língua portuguesa está em quatro continentes, com histórias nacionais distintas.

“Do Brasil a Portugal, de Angola a Moçambique, de Cabo Verde a Guiné Bissau, de São Tomé e Príncipe a Timor-Leste, espalhados pela Europa, América, África e Ásia. Somos povos que não possuem fronteiras físicas entre si, mas que partilham algo igualmente poderoso que é a língua. Uma língua que não é apenas instrumento de comunicação, é também um espaço simbólico de pertencimento. Fernando Pessoa sintetizou essa ideia tão conhecida com a frase que já atravessa gerações, que todos lembramos, ‘a minha pátria é a língua portuguesa’”, lembrou.

Em seguida, Claudio Providas, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), disse que a promoção do conhecimento mútuo entre os países lusófonos facilita as trocas comerciais e culturais e aumenta a cooperação para o desenvolvimento sócio-econômico e sustentável.

“Neste momento complexo que hoje vivemos no mundo, iniciativas que congregam os países e promovem o multilateralismo por meio da compreensão e do entendimento mútuo são mais que bem-vindas, são necessárias”, pontuou.

A diretora-geral do Senado, Ilana Trombka, ressaltou que o estudo mostra as diferenças e as similaridades entre os países de língua portuguesa e suas po-

pulações. Ela lembrou que alguns desses países conquistaram a independência de Portugal apenas em 1975, como Angola, Moçambique e Cabo Verde.

“E, por isso, estão em um patamar de consolidação democrática que nós podemos contribuir. É importante que o façamos. E quando contribuímos numa consolidação democrática, não falamos apenas de um regime, de eleições que sejam frequentes, mas sim de uma maturidade social e política. E, aqui, podemos elencar algo que está à disposição no barômetro da lusofonia: a situação da mulher, a situação das maiorias minorizadas, a questão do equilíbrio social, a necessidade do esforço de criação de uma sociedade de mais equidade, tanto social como econômica. O barômetro nos traz essa possibilidade de olhar os países de língua portuguesa sobre uma visão muito diferenciada. E como disse o doutor Cláudio Providas, o multilateralismo e a ação em rede são realmente uma riqueza dos tempos em que vivemos”, afirmou.

Já o embaixador Juliano Féres Nascimento, representante do Brasil junto à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), pontuou que entre os nove países desta comunidade, o Brasil é o que tem menos conhecimento sobre os demais.

“O Brasil olha muito pouco para esses outros países, e tem uma percepção muito difusa do que são esses parceiros tão importantes e de uma formação tão semelhante à nossa. O barômetro traz à luz esse sentimento de partilha, de reconhecimento mútuo que a gente tem que alimentar”, disse o diplomata.

O estudo busca fortalecer a integração entre os países de língua portuguesa, aprofundando a compreensão sobre percepções, valores e expectativas compartilhadas e destacando o papel estratégico do português — que possui cerca de 300 milhões de falantes, uma das línguas mais faladas do mundo em número de falantes nativos. Esta primeira edição do barômetro

ouviu mais de cinco mil pessoas nos oito países que têm o português como língua oficial: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Brasil, Timor-Leste e Portugal.

Lançado em janeiro de 2026, em Lisboa, o Barômetro da Lusofonia é um dos marcos dos 30 anos de existência da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Devido a desafios logísticos, a Guiné Equatorial não está nesta primeira edição, mas estará na segunda edição, em 2028.

Otimismo

“Cidadãos de nações de língua portuguesa avaliam melhor a própria vida do que a realidade dos seus países”. Essa é uma das revelações do Barômetro da Lusofonia. A pesquisa também aponta que a maioria dos cidadãos dos países de língua portuguesa é otimista e acredita que seu país vai melhorar nos próximos 12 meses.

A maior parte dos entrevistados concorda quanto à importância de ensinar a história e os efeitos da escravatura nas escolas, declara que já recebeu *fake news* e se interessa por manifestações culturais de outros países de língua portuguesa. A maioria entende que a integração econômica e cultural entre as nações é muito importante.

O Brasil tem a maior satisfação pessoal, mas também a maior frustração com o país. Já o Timor-Leste, que se tornou independente em 2002, é o único onde a avaliação do país supera a da vida pessoal. Angola ocupa a última posição nos dois *rankings*.

Saiba Mais

De acordo com os responsáveis pelo Barômetro, a pesquisa tem relevância pelos seguintes aspectos:

- **Crescimento:** projeções indicam que, até 2100, serão mais de 500 milhões de falantes do português, consolidando-o como uma das grandes línguas globais.
- **Protagonismo:** há interesse geopolítico e cultural crescente em torno da CPLP em temas como meio ambiente, recursos naturais, diversidade cultural e inovação.
- **Produção de dados:** pesquisa e dados científicos são valorizados como base para políticas culturais e sociais.
- **Influência global:** a lusofonia está cada vez mais reconhecida como ativo estratégico global, cultural, econômico e diplomático.



Por meio do *QR Code*, acesse o Barômetro da Lusofonia

Quanto às perspectivas, prevalece o otimismo, mesmo onde o presente é mal avaliado. No total, 52% acreditam que o próprio país vai melhorar nos próximos 12 meses; apenas 21% preveem piora. Quanto à época da escravidão, 80% dos entrevistados querem que o tema seja ensinado nas escolas.

Em relação a gênero e diversidade sexual, a questão de gênero é relevante, mas não consensual. Em relação às uniões homoafetivas, predominam posições conservadoras entre a maioria dos entrevistados, que reconhecem que pessoas LGBTQIA+ sofrem discriminação, mas o reconhecimento do preconceito não se converte em apoio à ampliação de direitos.

O Barômetro revela uma comunidade marcada por otimismo resiliente — mesmo diante de dificuldades estruturais, a esperança no futuro predomina. Saúde, educação e desemprego formam a pauta comum; democracia é desejada, mas enfrenta déficits de confiança institucional. Os laços simbólicos da língua portuguesa são reconhecidos e valorizados, mas ainda há muito a fazer para transformá-los em integração concreta, mostra a pesquisa.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (36)

Em 1984, publiquei um livreto de poemas, xerocado. Trata-se da geração Xerox, sucedânea da geração mimeógrafo. Foi meu primeiro crime literário.

“A prova de que o crime, às vezes, compensa” (Stelo Queiroga).

Atualmente, autores que fazem edições de suas obras de baixo custo são os cordelistas. Não é mais poesia marginal, nem tem liberdade de forma. Ainda tentamos vender nossos folhetos nas feiras e nas ruas. Como na geração mimeógrafo.

O mimeógrafo era uma máquina usada para reproduzir textos em papel, geralmente com álcool ou tinta.

Os professores que trabalhavam com mimeógrafos a álcool viviam de porre.

Paulo Coelho vendeu 300 milhões de livros, ganhou cerca de 2,5 bilhões de dólares. Seus livros são *best seller* tanto em Israel como no Irã.

As pessoas comprem os livros de Paulo Coelho porque acreditam nas suas bobagens sobre misticismo cristão satânico. Minha dedução: a humanidade é mais idiota do que parece.

No supermercado de rico, por acaso, eu vi bananas descascadas em bandejas. Entrei nesse mundo maravilhoso dos endinheirados procurando palmitos, que é meu sonho de consumo.

Bandejas com bananas já descascadas para pessoas que não têm qualquer problema motor! Seis reais cada bandeja com duas bananas. Cada banana sai por três reais.

Antigamente, os ricos tinham escravos que descascavam suas bananas. Saía mais barato. Acredite: tem gente que sonha com a possibilidade de ter escravos.

A bruxa é uma mulher sábia, forte e intuitiva, que se conecta com a natureza através de rituais e conhecimentos.

As mulheres foram pioneiras na arte de dominar misturas de ervas e ervinhas que tratavam e curavam. Foram dominando a farmacêutica.

Mais tarde, como alguns homens perceberam que talvez dominassem bem demais, começaram a apelidá-las de bruxas e queima-las nas “fogueiras santas”.

Em 2015, tentei fundar a Associação Paraibana de Comunicação Comunitária, Alternativa e Popular — Aparte, reunindo todos os que tinham um perfil efetivamente comunitário, desde o serviço de som do bairro até o jornalzinho da escola, passando pelas autênticas rádios comunitárias e rádios web.

Eu achava que seria um marco muito importante. Todos unidos pela boa comunicação e uma democratização de verdade. Tivemos poucas adesões, entre elas o radialista comunitário José Maiton Santos, da Rádio Alternativa de Gurinhém.

Tou lendo aqui no poema de WJ Solha: “diásporas anemocróicas”. O que diabo é anemocróica?

Os diretores e diretoras da Sociedade Cultural Poeta Zé da Luz reunidos para traçar metas evolutivas. Evoluir é andar em caminhos nunca percorridos, quebrar padrões como aquele que diz: “jamais invente qualquer coisa sem ter uma base econômica para investir”.

Sem recursos monetários, esse clube de artistas vai querer levar o ano de 2026 comemorando cinquenta anos de guerrilha cultural na Paraíba.

“Você é bruxa?” “Depende. Você é dos que queimam ou dos que contratam?” “Sou dos que contratam”. “Pois, sou bruxa”. E assim foi que eu contratei a bruxa Maria dos Prazeres Gozosos dos Mistérios do Rosário, filhote de cruz credo que vai aparecer na Rádio Barata no Ar.

AMAZÔNIA

Desmatamento tem redução de 30%

Índice foi registrado em áreas atendidas pelo Programa Bolsa Verde, que incentiva a conservação ambiental

Agência Gov

Áreas da Amazônia atendidas pelo Programa Bolsa Verde registraram redução de cerca de 30% no desmatamento em assentamentos e unidades de conservação de uso sustentável, de 2012 a 2015, quando comparado a áreas semelhantes que não receberam o benefício.

Os resultados são do estudo científico realizado com a participação do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e apontam que a política pública, baseada em transferência de renda associada à conservação ambiental, evitou a perda de milhares de hectares de floresta e reduziu significativamente as emissões de gases de efeito estufa.

Criado em 2011 e retomado em 2023, após ficar suspenso durante os dois governos anteriores, o programa é gerido pelo Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA) e une distribuição de renda e conservação ambiental. A cada trimestre, paga R\$ 600 a moradores de áreas rurais que se comprometem a preservar a natureza por meio de práticas tradicionais de manejo, que também são fortalecidas por ações de assistência técnica oferecidas



Foto: Divulgação/Agência Brasil

Estima-se que 22,6 mil hectares de floresta deixaram de ser desmatados de 2012 a 2015, nos assentamentos que receberam o benefício, aponta estudo

pela iniciativa.

O resultado foi publicado em artigo na revista científica *Journal of Environmental Economics and Management*. Para realizar o estudo, os pesquisadores analisaram 317 áreas atendidas pelo pro-

grama, que reúnem cerca de 21 mil famílias, sobretudo na região conhecida como “Arco do Desmatamento”, área de aproximadamente 500 mil km² que vai do leste e sul do Pará em direção ao oeste, passando por Mato

Grosso, Rondônia e Acre.

Base de dados

A pesquisa utilizou modelagem econométrica e integrou diferentes bases de dados, incluindo informações de desmatamento dos

sistemas Prodes, Deter e TerraClass, do Inpe. Também foram considerados dados geoespaciais do Bolsa Verde, do Cadastro Ambiental Rural (CAR) e registros de infrações ambientais.

No período analisado, estima-se que 22,6 mil hectares de floresta deixaram de ser desmatados, o que evitou a emissão de aproximadamente 8,3 milhões de toneladas de dióxido de carbono (CO₂).

Política pública promove a inclusão social por meio da preservação

O programa concede transferência de renda a famílias em situação de vulnerabilidade que vivem em áreas prioritárias para conservação, como unidades de conservação de uso sustentável, assentamentos da reforma agrária e territórios de povos e comunidades tradicionais, ou seja, em locais onde a conservação já ocorre, já que a seleção exige cobertura mínima de 80% de vegetação nativa. Em contrapartida, os beneficiários assumem o compromisso de utilizar os recursos naturais de forma sustentável e preservar a vegetação nativa.

Mais de 70 mil famílias já são beneficiadas diretamente pelo programa em territórios estratégicos para a conservação. Além disso, a iniciativa mantém atualmente 150 mil famílias cadastradas e registra 470 áreas contempladas, entre unidades de conserva-

ção de uso sustentável e projetos de assentamento ambientalmente diferenciados, que somam mais de 30 milhões de hectares preservados em todo o país.

Investimento

Nos últimos dois anos, o governo do Brasil investiu R\$ 280 milhões no programa, sendo R\$ 224 milhões destinados exclusivamente ao pagamento de benefícios às famílias participantes. Os demais recursos foram aplicados em ações de assistência técnica e extensão rural (Ater), apoio à gestão nos territórios e no desenvolvimento e manutenção do sistema de gestão e do Portal do Cidadão, que reúne informações e serviços voltados aos beneficiários.

Além da redução direta do desmatamento, o estudo também apontou que o programa apresenta alto custo-

-benefício para mitigação de emissões de gases de efeito estufa. As emissões evitadas no período foram avaliadas em cerca de US\$ 199 milhões, valor equivalente a 2,8 vezes o custo total da primeira fase do programa. O custo estimado para evitar emissões foi de aproximadamente US\$ 8,6 por tonelada de CO₂, valor significativamente inferior ao registrado em diversas iniciativas de mercado voltadas à redução de emissões.

■ Mais de 70 mil famílias são beneficiadas diretamente pelo programa em territórios considerados estratégicos

Governo Federal projeta zerar a devastação florestal até 2030

A retomada e o fortalecimento do programa integram o conjunto de medidas adotadas pelo Governo Federal com o objetivo de zerar o desmatamento em todo o país até 2030.

Dados do sistema Prodes, do Inpe, indicam que a taxa de desmatamento na Amazônia caiu 11,08% de agosto de 2024 a julho de 2025, alcançando o menor índice em 11 anos. Em comparação com 2022, a queda acumulada em 2025 chegou a 50% no bioma.

O secretário extraordinário de Controle do Desmatamento e Ordenamento Ambiental Territorial do Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA), André Lima, destacou que o combate ao desmatamento exige um conjun-

to articulado de políticas públicas.

“É possível combinar proteção ambiental com inclusão social ao apoiar famílias que vivem em áreas estratégicas para a conservação da floresta. Fortalecer iniciativas como essa é fundamental para consolidar a queda do desmatamento e avançar no compromisso do Brasil de alcançar o desmatamento zero até 2030”, pontuou André.

Para a secretária nacional de Povos e Comunidades Tradicionais e Desenvolvimento Rural Sustentável da pasta, Edel Moraes, o programa representa um exemplo de política pública que reconhece o papel estratégico das populações da floresta na proteção da Amazônia. “Ao reconhecer e apoiar o modo de

vida de povos e comunidades tradicionais, o programa fortalece quem historicamente conserva a Amazônia e contribui diretamente para reduzir o desmatamento e enfrentar a crise climática”, destacou.

“
Fortalecer iniciativas como essa é fundamental para consolidar a queda do desmatamento

André Lima

Terras indígenas na região ainda enfrentam o garimpo ilegal

Além do desmatamento, a região amazônica também sofre com os garimpos ilegais, especialmente na Terra Indígena Yanomami (TIY), o maior território indígena do Brasil, abrangendo cerca de 9,6 milhões de hectares entre Roraima e Amazonas. Só nos primeiros 15 dias de março deste ano, as ações do governo para

combater esse crime revelam que o trabalho das forças de segurança e dos órgãos ambientais desarticularam estruturas e rotas logísticas da mineração ilegal.

As equipes destruíram cinco acampamentos de garimpo, 22 motores, quatro geradores usados nas frentes de mineração clandestina, três caixas se-

paradoras de minério e duas embarcações. As operações resultaram ainda na inutilização de combustível e suprimentos usados na atividade ilegal. Foram destruídos 430 litros de diesel e 575 litros de gasolina.

Paralelamente, operações de fiscalização intensificaram o controle das rotas usadas para abastecimento das frentes de

garimpo. As equipes realizaram abordagens e inspeções em áreas de acesso à terra indígena, com 80 veículos fiscalizados e 145 pessoas abordadas ao longo do período.

As ações são coordenadas pela Casa de Governo da Presidência da República e envolvem operações terrestres, aéreas e fluviais para inter-

romper a atividade garimpeira e proteger a terra indígena.

Em um recorte mais amplo das ações, desde o início das operações, em março de 2024, as equipes federais já realizaram 9.715 operações de combate ao garimpo ilegal na TIY. Nesse período, foram destruídas estruturas utilizadas pela atividade clandestina, incluín-

do 815 acampamentos, 2.078 motores e 274 embarcações. As operações também apreenderam 249 kg de ouro, em ações conduzidas pela Polícia Rodoviária Federal (PRF) e pela Polícia Federal (PF), além da apreensão de 232 kg de mercúrio e da inutilização de 243 mil litros de diesel utilizados na logística do garimpo ilegal.

NORDESTE

Seleções somam mais de 200 vagas

Editais de órgãos públicos na Paraíba, Rio Grande do Norte e Alagoas reúnem salários de até R\$ 12 mil

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Mais do que acompanhar a abertura de novos editais, quem busca uma vaga no serviço público precisa estar disposto a ampliar o horizonte, o que, muitas vezes, significa sair da própria cidade ou até mudar de estado. É nesse cenário que se encaixam os concursos desta semana, com oportunidades para profissionais de diferentes níveis de escolaridade e áreas de atuação, em diversos pontos do Nordeste. Na Paraíba, as inscrições para o certame da Prefeitura de Itatuba entram na reta final, com 83 vagas em disputa. Já a Procuradoria-Geral do Estado (PGE) do Rio Grande do Norte abriu seleção para analista jurídico, enquanto a Universidade Estadual de Alagoas (Uneal) oferece mais de cem vagas para nível superior.

Reta final

Com inscrições abertas até o próximo dia 29, o concurso da Prefeitura de Itatuba exige atenção redobrada dos concurseiros. Ao todo, são 83 vagas distribuídas entre níveis fundamental, médio, técnico e superior, em diferentes áreas da administração municipal. Há oportunidades para agentes comunitários de saúde e de combate às endemias, enfermeiros, médicos, fisioterapeutas, psicólogos, técnicos em Enfermagem e professores, além de vigilantes, fiscais de obras e merendeiras, entre outras funções. A carga horária varia de 20 a

Na Paraíba, as inscrições para o certame da Prefeitura de Itatuba entram na reta final, com 83 vagas em disputa



Foto: Divulgação/PGE-RN

40 horas semanais, com salários que vão de R\$ 1,6 mil a R\$ 12,5 mil, a depender do cargo e da titulação, podendo incluir complementações. As inscrições devem ser realizadas, exclusivamente, pelo site da Ápice Consultoria, com taxas de R\$ 40 a R\$ 60. Já a seleção será composta por prova objetiva, a ser realizada em 24 de maio, além de etapas específicas para alguns cargos, como prova prática para motoristas e eletricista, e avaliação de títulos para professores. No caso de agente comunitário de saúde, também é exigida comprovação de residência na área de atuação.



Foto: Divulgação/Uneal

A Universidade Estadual de Alagoas tem vagas para funções administrativas e estratégicas; a PGE-RN oferece possibilidade de ingressar em uma carreira jurídica no serviço público

Todas as etapas serão realizadas no próprio município de Itatuba.

Carreira jurídica

Para quem tem formação em Direito e busca uma carreira sólida no serviço público, a PGE do Rio Grande do Norte representa uma boa oportunidade. O órgão abriu 22 vagas imediatas para o cargo de analista jurídico, além de cadastro reserva. De acordo com o edital, a jornada de trabalho prevista é de 40 horas semanais, com remuneração de R\$ 8,9 mil — composta por vencimento básico, auxílio-alimentação, auxílio-

saúde e gratificação.

Os candidatos interessados têm até o dia 13 de abril para realizarem a inscrição pelo site do Centro Brasileiro de Pesquisa em Avaliação e Seleção e de Promoção de Eventos (Cebbraspe), mediante pagamento de taxa

no valor de R\$ 120. Quanto à avaliação, ela consiste na aplicação de provas objetivas e discursivas, ambas de caráter eliminatório e classificatório, além de avaliação de títulos. As etapas ocorrerão em Natal, no dia 21 de junho.



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de Itatuba



Use o QR Code para acessar o edital da PGE-RN



Use o QR Code para acessar o edital da Uneal

Psicólogo enfrenta o desafio de cuidar sem simplificar o humano

Nunca se falou tanto sobre saúde mental quanto atualmente. Nas redes sociais, relatos pessoais e conselhos generalizados dão vazão ao tema, criando um ambiente em que nem sempre é fácil distinguir “achismos” de acolhimento e cuidado profissional. Nesse contexto, o papel do psicólogo ganha ainda mais relevância ao oferecer escuta qualificada, sem recorrer a rótulos ou diagnósticos apressados — algo comum na internet. Antes de atender alguém, esse profissional precisou, inevitavelmente, ter passado por si mesmo. É esse autoconhecimento, aliado ao preparo técnico e à responsabilidade ética, que sustenta uma atuação consciente, qualificada e comprometida com o outro, como explica a psicóloga Juliana Beco.

Autoconhecimento

No caso dela, o caminho até a Psicologia não foi direto. A área chegou a ser sua primeira escolha profissional, mas acabou ficando para depois. Ainda assim, o interesse em compreender o comportamento humano seguiu presente, o que a levou até a Pedagogia. Antes de tor-

nar-se psicóloga, atuou como professora, ensinando música e religião, até que o contato com a terapia familiar abriu um novo caminho. Foi ali, de acordo com ela, que deu seus primeiros passos como psicóloga. Falta apenas o diploma. “[Fazer Psicologia] foi diferente, porque cheguei já com uma profissão. Minha postura do saber já era diferente”, relembra a especialista em Relacionamento Familiares e mestre em Psicologia da Saúde.

Embora o interesse pelas inquietudes humanas seja, de fato, um ponto de partida comum entre psicólogos, o contato com essas questões está longe de ser simples. Como Juliana explica, a Psicologia exige mais do que curiosidade: pede disposição e uma dose extra de coragem para voltar o olhar para si, antes de escutar o outro.

Não por acaso, uma das bases da profissão está, justamente, nesse movimento. Não existe escuta verdadeira sem atravessar e reconhecer as próprias dores. “O melhor psicólogo é aquele que, primeiro, soube ser paciente”, afirma.

Segundo ela, é a partir desse contato com as pró-

prias dores, das mais evidentes às mais sutis, que o profissional aprende a reconhecer limites, evitar projeções e, sobretudo, escutar de forma responsável o que o paciente tem a dizer. “O autoconhecimento é tão importante porque permite a concretização do respeito à pessoa humana. Quando eu me respeito, não vou mexer nos limites do outro de qualquer maneira”, reflete.

Ética e limites

Se, por um lado, a saúde mental ganhou espaço no debate público; por outro, essa visibilidade trouxe consigo a problemática da simplificação do que é, por natureza, mais complexo. Diante disso, Juliana faz questão de destacar dois princípios que, para ela, são inegociáveis: ética e honestidade.

O acesso à informação, sem conhecimento técnico e aprofundamento, pode levar a interpretações apressadas, o que evidencia a responsabilidade do profissional nessa relação com o paciente. “A Psicologia não é isso. Ela é muito mais ampla e muito mais complexa do que a gente imagina. Não se pode fazer de qualquer jeito”, destaca.



Foto: Arquivo pessoal

Juliana Beco: profissão é muito mais complexa do que se pensa

Ou seja, não basta abrir um livro e sair diagnosticando como se estivesse folheando uma revista. “Desconfie de quem se acha muito sabedor”, alerta.

Para Juliana, também é igualmente importante reconhecer limites. Ao contrário do que muita gente imagina, ser psicólogo não significa estar preparado para lidar com qualquer demanda em qualquer contexto. Pelo contrário: saber até onde é possível ir faz parte do compromisso ético com o paciente.

“Às vezes, eu não tenho condições de atender aquela demanda, mas, mesmo assim, vou lá me aventurar”, exemplifica. Esse tipo de pos-

tura, segundo ela, pode gerar consequências negativas tanto para o profissional quanto para quem busca ajuda.

Além do consultório

Assim como o comportamento humano é diverso, a atuação do psicólogo assume diferentes formas. De acordo com a especialista, é possível trabalhar tanto em clínicas quanto em escolas, hospitais, empresas e instituições públicas, sempre lidando com conflitos, emoções e processos de desenvolvimento.

Não à toa, essa diversidade exige do profissional não apenas um consistente conhecimento técnico, mas também a capacidade de li-

dar com diferentes cenários e compreender contextos. “Eu preciso compreender a Psicologia para além do sujeito e da sua experiência. É preciso ter um olhar sistêmico”, observa. Em outras palavras, trata-se de um trabalho que exige escuta, mas também articulação, sensibilidade e compreensão das estruturas que atravessam a vida das pessoas.

Oportunidades

Se você atua na área e busca novos caminhos dentro do serviço público, os concursos de Itatuba e da Universidade Estadual de Alagoas (Uneal) representam uma porta de entrada. No primeiro caso, há vagas para psicólogo clínico, com exigência de nível superior e registro profissional. O salário oferecido é R\$ 2 mil por uma jornada de 30 horas semanais.

Já em Alagoas, o cargo de analista administrativo na área de Psicologia oferece remuneração de R\$ 5,3 mil, para 40 horas semanais de trabalho, com atribuições que vão do acompanhamento de processos emocionais e sociais à participação em projetos institucionais e acadêmicos.

Selic Fixado em 18 de março de 2026 14,75%	Salário mínimo R\$ 1.621	Dólar \$ Comercial + 1,79% R\$ 5,309	Euro € Comercial + 1,55% R\$ 6,135	Libra £ Esterlina + 1,21% R\$ 7,086	Inflação IPCA do IBGE (em %) Fevereiro/2026 0,7 Janeiro/2026 0,33 Dezembro/2025 0,33 Novembro/2025 0,18 Outubro/2025 0,09	Ibovespa -2,25% 176.219,41 pt
--	---	---	---	--	--	--

MUDANÇA NO MERCADO

Procura por moradias individuais cresce na PB

Construtor diz que bairros turísticos têm alta demanda de unidades compactas

Nalim Tavares
nalimtavaresrdo@gmail.com

O número de pessoas que moram sós, na Paraíba, tem provocado mudanças no mercado imobiliário e na dinâmica urbana de cidades como João Pessoa. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), coletados no último censo, mostram que, em 2022, o estado registrou 225.195 domicílios com apenas um morador — quantidade que representa um aumento de 109,7% em relação a 2010. Hoje, esse tipo de residência representa 16,5% das unidades domésticas paraibanas, e se fortalece enquanto empreendimento, junto às imobiliárias e incorporadoras.

De acordo com o engenheiro civil e CEO da Bloco Construções, Riccelly Lacerda, o novo perfil de morador aumenta a demanda por unidades compactas, como apartamentos do tipo *studio* e com apenas um quarto. Como forma de complementar a metragem reduzida dos apartamentos, novos empreendimentos passam a investir em soluções que ampliem o uso dos espaços coletivos, e áreas como *coworking*, academias, espaços *gourmet* e ambientes de convivência ganham destaque. Outro fator importante é a localização desses espaços, que preza pela praticidade e busca reduzir a necessidade de percorrer longas distâncias, a fim de acessar serviços.

“Quando falamos que o aumento de moradores solteiros favorece o adensamento em bairros com infraestrutura, a ideia é simples: se mais pessoas passam a morar sozinhas, a cidade precisa acomodar mais domicílios — e faz mais sentido fazer isso onde já existe rede de serviços, transporte, emprego e comércio, como Manaíra e Altiplano, do que ‘espalhar’ a mancha urbana para áreas distantes,” explica Riccelly. Segundo ele, essa dinâmica também influencia a forma como a cidade se desenvolve: um exemplo são os projetos com fachadas ativas — térreos de edifícios projetados com comércio, serviços ou espaços culturais abertos diretamente para a calçada, que integram o privado ao público e tornam as ruas mais dinâmicas ao substituir muros por vitrines, estimulando a interação social, promovendo a sensação de segurança e a valorização imobiliária.

A popularidade de residências solo também é percebida por profissionais que atuam como intermediários na compra, venda e locação de imóveis. Conforme o diretor-tesoureiro do Conselho Regional de Corretores



Riccelly Lacerda, da Bloco Construções, aposta na ampliação do uso dos espaços coletivos

de Imóveis da Paraíba (Creci-PB), Fabiano Cabral, “hoje, em João Pessoa, já existe uma oferta crescente de unidades compactas, principalmente nos bairros turísticos e universitários. Apesar disso, em algumas regiões, a demanda ainda é maior que a oferta, principalmente para imóveis prontos e bem localizados”. Ainda, ele conta que bairros próximos à orla, como Tambaú, Bessa e Jardim Oceania, chamam a atenção de investidores interessados em locação por temporada.

“João Pessoa vive um engrandecimento do mercado imobiliário, atraindo investidores de outras regiões do país devido à qualidade de vida da cidade. Isso fortalece o modelo de *flats*, *short stay* [aluguel de imóveis mobiliados por um curto período de tempo] e locação por temporada,” explica Fabiano. De acordo com o Índice Fipezap — indicador mensal de preços de imóveis no Brasil —, a cidade registrou uma valorização de 13,49% no acumulado de 2025, dado que a coloca como a terceira capital do país com o melhor registro de crescimento. “Hoje, o corretor precisa vender conceito e estilo de vida, não apenas metragem. Isso significa apresentar rentabilidade para investidores, liquidez do imóvel, potencial de locação por temporada, mobilidade urbana e proximidade de serviços,” reflete o diretor-tesoureiro.

Tanto imobiliárias quando incorporadoras conseguem traçar um perfil entre pessoas que procuram moradias individuais: em sua maioria, são jovens profissionais (que valorizam a mobilidade urbana e rotina mais dinâmica), recém-divorciados (buscando recomeço com um imóvel mais simples de manter) e aposentados (que optam por reduzir o tamanho do imóvel e priorizar segurança, conveniência e serviços no entorno). Para Riccelly Lacerda, “o pon-

to comum entre eles é a busca por autonomia, segurança e praticidade, com boa localização e qualidade de vida”. Investidores e locatários também integram esse perfil de público: “Unidades compactas bem localizadas tendem a ter liquidez e demanda consistente, especialmente quando o empreendimento oferece diferenciais claros de operação, tecnologia e amenidades”, esclarece Riccelly.

Já Fabiano Cabral destaca que há uma busca clara por apartamentos de 20 m² a 40 m². “Além do aumento no número de moradores individuais, isso está ligado à valorização do metro quadrado em João Pessoa, que subiu significativamente nos últimos anos, tornando unidades menores uma alternativa de entrada para compradores e investidores. Com isso, a tendência é maior verticalização, uso mais eficiente do terreno, maior densidade urbana, processo que já acontece em áreas mais valorizadas da cidade”.

Para quem mora sozinho, independência e autonomia estão entre os principais fatores que motivam essa escolha. Habitante do bairro de Água Fria, Marcelo Azevedo conta que não tem parentes próximos, nem está em um relacionamento — e, portanto, a decisão de morar sozinho pareceu natural. “A vantagem é, justamente, a liberdade. Você não deve nada a ninguém, além de si mesmo”. Segundo ele, poder ditar o próprio ritmo e viver sem regras rígidas dentro de casa é gratificante, e contribui para uma vida menos tensa e mais tranquila.

As desvantagens, no entanto, existem. Mesmo gostando de passar um tempo sozinho, Marcelo reconhece que, em alguns momentos, dividir a casa com alguém pode ser mais prático: “Já precisei engessar a perna e, enquanto o gesso não secava, não podia apoiar o pé no chão e tive dificuldade, por exemplo, para

ir na cozinha pegar água. Até hoje tenho medo de ter uma crise de apendicite sozinho em casa, desmaiar e não ter ninguém para me socorrer”. Outra desvantagem que ele identifica são os custos: sozinho, a quitação de todas as despesas depende de você.

Marcelo lembra que, inicialmente, escolheu o local em que mora com base no custo-benefício. “A localização é razoável, não muito longe da principal dos Bancários, e é um conjunto de casinhas independentes, então a individualidade e privacidade de cada um fica preservada. Mas o aluguel já foi reajustado duas vezes e sempre muito acima da inflação. A gente acaba ficando refém, porque achar outro lugar bom para morar geralmente é difícil”. Outra habitante de João Pessoa, Gabriella Borges, que encontrou morada em Jardim Cidade Universitária, concorda: “Acho que, como a cidade está em alta, os preços têm subido muito. Eu morava aqui antes, mas tive que sair da cidade por um tempo e, quando voltei, os imóveis estavam bem mais caros. Mas, como a localização do apartamento é importante para mim, entendi que havia uma questão de valorização da área. Não sou uma fã do preço, mas tenho algumas prioridades”, menciona.

“Em algumas regiões, a demanda é maior que a oferta, principalmente para imóveis prontos e bem localizados

Fabiano Cabral

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

A chave da liberdade para crescer

A Lei de Liberdade Econômica (Lei Federal nº 13.874/2019) não é apenas um dispositivo jurídico; é uma mudança de paradigma na relação entre o Estado e quem produz. Para nós, economistas e gestores públicos, ela representa a transição de um modelo de desconfiança estatal para um ambiente de presunção de boa-fé. O objetivo central é claro: reduzir a asfixia burocrática que historicamente travou o empreendedorismo brasileiro, permitindo que a criatividade e o capital fluam com menos barreiras e mais eficiência. No cenário atual, onde a sociedade clama por maior liberdade, mas renda e oportunidades, o papel das capitais torna-se ainda mais estratégico para consolidar esses avanços.

Nesse contexto, João Pessoa assume uma posição de vanguarda e responsabilidade. Nossa capital é, atualmente, a única cidade do estado a possuir um decreto municipal que regulamenta e dá eficácia prática aos princípios da liberdade econômica. Enquanto o Governo do Estado ainda não avançou na regulamentação própria, João Pessoa já colhe os frutos de uma gestão que entende a desburocratização como política de Estado. Ao internalizarmos essas diretrizes, enviamos um sinal inequívoco ao mercado: a capital paraibana é um solo fértil e seguro para investimentos, especialmente nos setores de serviços e tecnologia, que são os grandes motores do nosso Produto Interno Bruto.

Entretanto, o reconhecimento do que já foi conquistado não deve nos conduzir ao comodismo. Pelo contrário, serve de base para o próximo salto qualitativo. Atualmente, o decreto municipal de João Pessoa abrange um rol de aproximadamente 200 atividades econômicas (CNAEs), classificadas como de baixo risco, o que garante a dispensa de alvarás e licenças prévias. Embora seja um avanço significativo, o horizonte de expansão é vasto. Existem municípios em outros estados que já modernizaram sua legislação para contemplar quase 1.000 CNAEs sob esse regime de facilitação. Ampliar essa lista em João Pessoa é o próximo passo lógico para democratizar ainda mais a oportunidade de empreender, reduzindo custos de transação para uma gama ainda maior de pequenos e médios negócios.

É fundamental esclarecer, contudo, que liberdade econômica não é sinônimo de ausência de regras ou de um “liberou geral”. A dispensa de atos públicos liberatórios para o início da atividade transfere a confiança para o empreendedor, mas mantém intacto o dever de conformidade. A liberdade expressa no decreto carrega consigo a responsabilidade inalienável de cumprir rigorosamente os aspectos legais, ambientais, sanitários e regulatórios, além das normas trabalhistas vigentes. O poder de fiscalização da administração pública permanece pleno e atuante, migrando de uma barreira prévia — que muitas vezes impedia o nascimento de empresas — para um acompanhamento posterior e inteligente.

Portanto, ao defendermos a ampliação da liberdade econômica em nossa capital, estamos defendendo um Estado mais inteligente e menos cortorrial. O foco deve ser a eliminação de exigências anacrônicas que não protegem a sociedade, mas apenas atrasam o desenvolvimento. João Pessoa tem o potencial e a estrutura para ser a referência absoluta em ambiente de negócios no Nordeste. Ao conciliarmos a agilidade administrativa com o rigor da responsabilidade social e ambiental, construiremos uma cidade não apenas mais livre para os negócios, mas muito mais próspera e justa para todos os seus cidadãos.

UEPB 60 ANOS

Instituição transforma vidas e impulsiona a PB

Universidade possui um papel estratégico no desenvolvimento do estado

Iluska Cavalcante
Ascom Secties

A Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) chega aos seus 60 anos consolidada como uma das principais instituições de Ensino Superior do Nordeste, responsável por gerar transformações por meio da educação, da ciência, da tecnologia e da inovação. O marco reafirma o papel estratégico da universidade no desenvolvimento social e econômico do estado, em uma atuação articulada com o Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), responsável por fortalecer políticas públicas voltadas ao Ensino Superior, à pesquisa e à permanência estudantil.

A história da instituição teve início no dia 15 de março de 1966, quando foi criada a Universidade Regional do Nordeste (Urne), idealizada por nomes como Edvaldo do Ó e Williams de Souza Arruda. Ao longo das décadas, a instituição evoluiu até se tornar a atual UEPB. Hoje, a universidade é gerida por duas mulheres, a reitora Célia Regina Diniz e a vice-reitora Ivonildes Fonseca, o que simboliza também os avanços institucionais na promoção da equidade e da inclusão.

Esse crescimento estrutural e acadêmico tem sido acompanhado por políticas públicas de fortalecimento institucional, impulsionadas pelo Governo do Estado. Nos últimos anos, a atuação da Secties tem ampliado investimentos em programas estratégicos. De 2019 a 2025, foram direcionados mais de R\$ 100 milhões da Secties à UEPB, recurso destinado a áreas de permanência estudantil, pesquisa científica, inovação e inclusão social, consolidando a universidade como um verdadeiro motor de desenvolvimento regional.

“Ao longo desse tempo, a universidade evoluiu e hoje é uma instituição de excelência acadêmica, figurando em diversos *rankings* e formando recursos humanos altamente qualificados. Essa parceria com o Governo do Estado é fundamental, porque a UEPB atua como motor de



Secretário Claudio Furtado durante a sua participação no aniversário da instituição de ensino

desenvolvimento regional, contribuindo com políticas públicas essenciais para a população”, destacou o secretário da Secties, Claudio Furtado.

Ao longo de seis décadas, a UEPB alcançou diferentes regiões do estado, democratizando o acesso ao Ensino Superior. Com oito *campi*, 12 centros e uma faculdade distribuídos em cidades como Campina Grande, Lagoa Seca, Guarabira, Catolé do Rocha, João Pessoa, Monteiro, Patos e Araruna, além da Unidade Acadêmica de Sousa e 20 polos de educação a distância (EaD). Atualmente, atende mais de 20 mil estudantes em 62 cursos presenciais e seis cursos na modalidade EaD, recebendo cerca de três mil novos alunos a cada semestre.

Para a reitora da UEPB, Célia Regina Diniz, o momento é de celebração, mas também de reconhecimento do papel transformador da instituição na sociedade paraibana.

“A sensação desse momento é ver a universidade chegar aos 60 anos de forma sólida, gigante, transformando gerações por meio da educação, da ciência, da tecnologia e da inovação. A UEPB tem uma capilaridade enorme no estado, está presente em diversas cidades e, de alguma forma, em praticamente todos os municípios há alguém que estudou ou passou pela universidade. Isso mostra o quanto ela transforma vidas”, afirmou.

A reitora também destacou a importância da parceria com a Secties para o fortalecimento das ações institucionais. “É uma relação de muito diálogo e parceria. A secretaria tem fortalecido nossos programas,

tanto na permanência estudantil quanto no apoio à pesquisa e à extensão. Por meio dessa parceria, a universidade tem avançado cada vez mais na ciência, na tecnologia e na inovação”, completou.

Secties é parceira em muitos programas

Entre as iniciativas desenvolvidas em parceria com a Secties, destacam-se programas que ampliam o acesso e garantem a permanência dos estudantes no Ensino Superior. Um dos exemplos é o programa Casa do Estudante Bolsa Permanência, que assegura apoio financeiro a estudantes em situação de vulnerabilidade, contribuindo diretamente para a redução da evasão acadêmica. Atualmente, mais de 200 bolsas foram destinadas apenas para a UEPB no último edital, com o valor de R\$ 1,5 mil.

Outro destaque é o Programa Ações Afirmativas, realizado exclusivamente com estudantes da UEPB, que amplia o acesso de grupos historicamente excluídos ao Ensino Superior. Ao todo, são oferecidas 300 bolsas no valor de R\$ 700 para incentivar a permanência de pessoas indígenas, ciganas, negras, quilombolas, pessoas com deficiência, em situação de vulnerabilidade socioeconômica, além dos transgêneros, travestis e transexuais. A ação torna-se ainda mais significativa com o fato de que a UEPB foi pioneira na adoção de políticas de cotas raciais e sociais, estabelecendo um modelo reconhecido nacionalmente.

Além disso, o Projeto Limite do Visível, desenvolvido pela Secties em parceria com a UEPB e a Fapesq, tem se consolidado como uma das principais iniciativas de qualificação tecnológica no estado. A ação oferta cursos superiores gratuitos em Análise e Desenvolvimento de Sistemas e em Ciência de Dados, e uma bolsa no valor de R\$ 1 mil para os estudantes. Os cursos têm

duração média de dois anos e certificação pela universidade. O programa alcança estudantes em cidades como João Pessoa, Campina Grande e Patos.

Outro indicador do avanço institucional está na pós-graduação. A UEPB registrou um crescimento significativo nesse campo, contando atualmente com 10 cursos de doutorado, 24 de mestrado aprovados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior (Capes) e 14 cursos de especialização, ampliando sua capacidade de produção científica e formação avançada.

Para a pró-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa, Nadja Maria Pereira, a UEPB representa um espaço de formação integral, que vai além da sala de aula. “É uma universidade de que, além da formação acadêmica, constrói relações de afeto e pertencimento. Hoje, vejo uma instituição madura, que sabe aonde quer chegar, trabalhando de forma colaborativa e com forte impacto regional, mas também alcançando o Brasil e o mundo com o que produz”, destacou.

Segundo ela, a universidade também se consolida como um espaço cada vez mais inclusivo e diverso, com políticas que valorizam a equidade e ampliam oportunidades. “A UEPB tem avançado muito na inclusão e no protagonismo das mulheres na ciência, além de políticas afirmativas que fortalecem a diversidade. Isso faz com que a instituição chegue aos 60 anos com maturidade e relevância social ainda maiores”, afirmou.

Poeira Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

A genialidade feminina na ciência

Nesta coluna de hoje, nós vamos falar sobre alguns nomes na ciência mundial que revolucionaram a ciência em suas áreas e em áreas afins, mas sofreram um preconceito fortíssimo devido ao seu gênero.

Vamos começar com a matemática alemã Emmy Noether, que Einstein já denominava, com certo preconceito, como “gênio feminino”. Essa afirmação é preconceituosa, porque gênio não deveria depender do gênero da pessoa, e sim da capacidade, da genialidade das suas descobertas ou contribuições para a ciência.

Emmy Noether era alemã e, na sua história, foi uma importante matemática, amplamente injustiçada em diversos momentos. Foi proibida de se matricular formalmente no início da carreira, podendo apenas assistir às aulas como ouvinte. Lecionou por 18 anos, muitas vezes sem receber salário ou título oficial, substituindo professores homens sem reconhecimento formal. Enfrentou barreiras fortíssimas em uma época que não permitia às mulheres ocuparem espaços acadêmicos de forma plena e precisou que as regras mudassem para conseguir concluir sua formação.

Além disso, sofreu perseguição nazista e foi obrigada a abandonar seu cargo de professora por ser judia, sendo forçada a migrar para os Estados Unidos.

Noether tem uma contribuição revolucionária para a matemática e para o desenvolvimento da física ao estabelecer o teorema que conecta simetrias da natureza às leis de conservação. Ou seja, quando você tem uma simetria, você tem uma grandeza conservada: se há simetria de translação no tempo, a energia é conservada; se há simetria de translação no espaço, o momento linear é conservado; e, se há simetria de rotação, o momento angular é conservado.

Esse princípio foi fundamental para diversas teorias da física moderna e clássica. Por isso, ela é reconhecida até hoje como a “mãe da álgebra moderna”, tendo revolucionado várias teorias tanto na matemática pura quanto na física.

Mas, mesmo com toda essa contribuição, Noether sempre lutou por reconhecimento, sendo vítima de uma grande injustiça pelo fato de ser mulher.

Outro caso bastante conhecido é o da física franco-polonesa Marie Curie, responsável por descobertas fundamentais de novos elementos químicos e ganhadora do Prêmio Nobel. Ainda assim, durante toda a sua vida acadêmica, teve que lutar contra o preconceito de gênero, muitas vezes sendo a única figura feminina em ambientes científicos.

Marie Curie foi uma força e uma lutadora em prol dos direitos das mulheres, e toda essa perseverança também se refletiu em sua trajetória familiar, com sua filha, Irène Joliot-Curie, posteriormente também sendo laureada com o Prêmio Nobel. Suas descobertas foram fundamentais para a química, a física e a radiologia, com impactos diretos na medicina, especialmente no tratamento do câncer.

Por isso, hoje, quando muitas mulheres lutam pela presença feminina na ciência, como é o caso de algumas cientistas brasileiras que mencionarei na próxima coluna, elas seguem os passos de gigantes que enfrentaram momentos muito difíceis no passado, como Emmy Noether e Marie Curie, que tiveram que lutar contra o machismo e contra a invisibilização.

Esses casos são inspiradores para que novas cientistas, novas meninas, possam ocupar esses espaços. Mas, mais do que ocupar, é preciso reconhecer. Durante muito tempo, muitas dessas mulheres estiveram nos bastidores da ciência, contribuindo de forma decisiva, mas sem o devido crédito, sem visibilidade, sem reconhecimento.

Trazer essas mulheres para a frente, dar nome, dar rosto e dar valor às suas contribuições é fundamental. Porque ciência de qualidade também se constrói com diversidade, com justiça e com reconhecimento.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba é professor e doutor em Física da UFPB.

Colunista colaborador



Reitora da UEPB, Célia Regina Diniz, nas comemorações

TECNOLOGIA

Paraíba examinará qualidade do ar

Rede orientará decisões nas áreas da saúde, planejamento urbano e controle de emissões de gases poluentes

Mirvan Lúcio
mirvanlucio.jornalista@gmail.com

O ar que você respira impacta diretamente na sua qualidade de vida e pode ter efeitos reais no seu bem-estar. A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera a poluição atmosférica como o principal risco ambiental à saúde humana e aponta que quase toda a população do planeta, cerca de 99%, esteja exposta a níveis de poluentes que excedem os padrões recomendados.

A execução de estratégias integradas para a gestão da qualidade do ar é fundamental e o tema passa a pautar debates nas esferas municipal, estadual e federal. Um evento sobre inovação climática e políticas públicas, realizado na sede do Google, em São Paulo, reuniu gestores para expor iniciativas que visam garantir uma maior eficácia no monitoramento e cuidado com os parâmetros de qualidade atmosférica.

No encontro, que contou com a presença do vice-governador da Paraíba, Lucas Ribeiro, e da secretária de Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade, Rafaela Camaraense, foi lançado o plano de atuação da Rede Estadual de Monitoramento da Qualidade do Ar da Paraíba. A proposta é que o ar que os paraibanos respiram seja monitorado com mais rigor graças à ajuda de uma tecnologia chamada “Air View+”. Desenvolvido pelo Google, o sistema faz uso de sensores, instalados em pontos estratégicos, que avaliam a situação do ar em tempo real e processam esses dados com ajuda de inteligência artificial.

A Rede Estadual de Monitoramento da Qualidade do Ar vai orientar decisões nas áreas de saúde pública, planejamento urbano e controle de emissões de gases poluentes. Em São Paulo, o vice-governador declarou:

“A Paraíba tem buscado utilizar tecnologia e dados para planejar suas políticas públicas e apoiar os municípios na construção de soluções mais eficientes. Participar deste diálogo com instituições como o Google mostra que o estado segue avançando nesse caminho”.

Na mesma ocasião, a secretária Rafaela Camaraense afirmou que a iniciativa “representa uma oportunidade importante para projetar a Paraíba como referência no uso de tecnologia aplicada à sustentabilidade e à gestão pública baseada em dados”.

De acordo com o Relatório Anual de Acompanhamento da Qualidade do Ar 2025, publicado pelo Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA), com dados consolidados referentes ao ano de 2024, o Brasil contabilizou 570 estações de monitoramento da qualidade do ar. O documento destacou, ainda, o compromisso da Paraíba de expandir o monitoramento com estações de referência.

Estruturação da rede

O estado fará a implantação de novos sensores que serão utilizados para analisar minuciosamente as condições atmosféricas. Do Litoral ao Sertão, o nível de pureza do ar será estudado, a partir de estações de monitoramento instaladas nos municípios de João Pessoa, Cabedelo, Campina Grande, Patos e Cajazeiras. É de responsabilidade da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema) a estruturação e implantação da Rede Estadual de Monitoramento da Qualidade do Ar.

“Para isso, foram adquiridas oito estações certificadas pela agência ambiental norte-americana US EPA, equipadas com mastros me-

teorológicos e sensores para medição da direção e da velocidade dos ventos, além de 14 unidades indicativas voltadas ao acompanhamento preliminar das concentrações de material particulado”, informou o engenheiro químico Raphael Cainã Santos, chefe da Divisão de Controle da Poluição da Sudema.

As estações certificadas serão instaladas aos pares para o monitoramento específico de material particulado. Já as unidades indicativas têm a função de apoiar o mapeamento inicial da qualidade do ar em áreas de interesse ambiental. “O trabalho será iniciado na Região Metropolitana de João Pessoa, onde já foram posicionados seis equipamentos indicativos, que também poderão ser redistribuídos periodicamente para outras regiões do estado”, explicou Raphael.

Os quatro conjuntos de estações certificadas terão instalação prevista nos municípios de João Pessoa, Campina Grande, Patos e Sousa, considerando critérios como densidade populacional e dinâmica urbana. Atualmente, a Sudema está finalizando acordos de cooperação com instituições que receberão os equipamentos, garantindo a segurança das estruturas, além da contratação da empresa responsável pela construção das bases de instalação. “Após a conclusão dessas etapas e a consolidação da rede de monitoramento, os dados coletados serão analisados tecnicamente e disponibilizados ao público”, garantiu o engenheiro.

Monitoramento

O controle do ar, medi-



Fotos: Divulgação/Sudema

Especialistas definirão nível de pureza atmosférica a partir de dados coletados por sensores instalados em João Pessoa, Cabedelo, Campina Grande, Patos e Cajazeiras

crônicas, incluindo câncer de pulmão, infecções respiratórias, acidente vascular cerebral e demência.

O monitoramento do ar também leva em consideração a concentração de gases poluentes, como ozônio, dióxido de nitrogênio e dióxido de enxofre. A depender do índice de poluição, o ar é classificado em uma escala de qualidade. O ar considerado “bom” apresenta índice de poluição de zero a 40, sendo seguro para a população e meio ambiente. A concentração de resíduos de 41 a 80 é tida como “moderada” e não causa danos relevantes à saúde.

De 81 a 120, a classificação é “ruim” e pode acarretar sintomas como tosse seca, cansaço e ardor nos olhos, no nariz e na garganta. No índice de poluição de 121 a 200, a qualidade do ar aproxima-se do extremo, sendo considerada “muito ruim”, acarretando falta de ar e respiração ofegante, além do agravamento de outras doenças. O último estágio de classificação, avaliado como “péssimo”, aponta poluição atmosférica de 201 a 400, com risco elevado de eventos respiratórios e cardiovasculares.

las são classificadas como “finais”, quando possuem diâmetro inferior a 2,5 micrômetros (MP2.5), e “inaláveis”, com diâmetro inferior a 10 micrômetros (MP10). As partículas inaláveis, quando absorvidas no processo de respiração, podem penetrar nos pulmões. Já as finais, por serem menores, são consideradas mais perigosas, com potencial para atingir os alvéolos pulmonares e chegar à corrente sanguínea.

O Relatório Anual de Acompanhamento da Qualidade do Ar considera inaláveis as partículas sólidas ou líquidas suspensas no ar, como poeira, neblina, aerossol e fuligem. A emissão

de MP10 são a suspensão da poeira do solo, o tráfego de veículos, obras, indústrias, queimadas e incêndios florestais. A exposição a essas partículas pode provocar o agravamento de doenças respiratórias como asma e doença pulmonar obstrutiva crônica (Dpoc), afetando principalmente grupos sensíveis, como crianças, idosos e pessoas com doenças respiratórias.

Já a MP2.5, partículas finas, são formadas principalmente pela queima de carvão e outros combustíveis fósseis, emissões veiculares, processos industriais e queima de resíduos e biomassa. A exposição contínua reduz o crescimento da função pulmonar em crianças e aumenta o risco de doenças



Atletas paralímpicos realizam as atividades na pista de atletismo da UFPB e no ginásio do Instituto dos Cegos da Paraíba

ESCOLINHA PARALÍMPICA

Inclusão transforma vidas

Projeto desenvolvido pelo Comitê Paralímpico Brasileiro busca democratizar o acesso às modalidades

Pedro Alves
pedroalvesjp@yahoo.com.br

Em João Pessoa, uma iniciativa vem transformando vidas por meio do esporte e da inclusão. Trata-se da escolinha paralímpica vinculada ao Centro de Referência Paralímpico da capital, um projeto desenvolvido pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) que busca democratizar o acesso às modalidades adaptadas e revelar novos talentos.

Na capital paraibana, as atividades acontecem em dois espaços relevantes. Um deles é a pista de atletismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que oferece estrutura adequada para treinamentos e iniciação esportiva. O outro é o Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha (Icpac), instituição que se tornou referência no atendimento e inclusão de pessoas com deficiência visual e que, desde 2021, é oficialmente um Centro de Referência Paralímpico (CRP).

A proposta funciona em duas importantes dimensões. É a porta de entrada para o universo do paradesporto, onde crianças, adolescentes e adultos com deficiência têm a oportunidade de vivenciar, muitas vezes pela primeira vez, práticas esportivas adaptadas, em um ambiente acolhedor e estruturado. Mais do que formar atletas de alto rendimento, o projeto prioriza a inclusão social, o desenvolvimento motor e o fortalecimento da autoestima dos participantes.

Com o passar do tempo, os técnicos vão percebendo as maiores potencialidades e orientando também na formação de novos atletas que podem atingir o alto rendimento, buscando trazer resultados importantes para o esporte brasileiro, a partir de carreiras que po-



Se você visse como chegaram algumas crianças e como essas crianças estão hoje... Você não tem ideia da minha satisfação

Pedro Almeida

dem ainda gerar oportunidades melhores de vida para os atletas e para as suas famílias.

É o caso de Ararrubia Alonso e da sua filha, Hilary Esmeralda, que são de Itabaiana. Atualmente, Ararrubia mora em João Pessoa para investir na carreira da filha, um dos grandes talentos do arremesso de peso do país, aos 18 anos. O início, no entanto, não foi simples. O que evitencia a importância de estruturas de formação esportiva como a financiada pelo CPB e comandada por Pedro Almeida, consagrado técnico de atletismo, na UFPB.

“Nós somos do interior. A primeira oportu-

nidade que Esmeralda teve, infelizmente, não foi muito legal, porque foi com um técnico que não tinha um bom trato. Aí conhecemos Pedrinho [técnico e coordenador da escolinha] e tudo mudou. Esmeralda chegou aqui de uma forma, tímida, cabisbaixa. Então o Pedrinho conversou comigo e disse que ela ia ficar. Me disse: ‘Mãe, eu prometo à senhora que, daqui a três meses, sua filha vai ser outra pessoa’. E, com um mês, minha filha já era outra pessoa”, relembra.

Esmeralda hoje é uma das principais atletas brasileiras da modalidade e é recordista brasileira na sua categoria. Ela ressal-



É muito bom estar aqui treinando. Gosto muito de competir também. Quero muito disputar competições importantes e chegar à Seleção

Hilary Esmeralda

ta como se sente bem em viver neste mundo esportivo e destaca a importância da escolinha na sua formação como atleta e também na construção de sonhos. “É muito bom estar aqui treinando. Gosto muito de competir também. Quero muito disputar competições importantes e ser convocada para a Seleção Brasileira. Sonho com os Jogos Olímpicos de Los Angeles em 2028 e com o Parapan. Estou aqui desde os meus 14 anos”, comentou a atleta.

Interiorização do esporte

Os centros de referência fazem parte de uma estratégia nacional do CPB para expandir o esporte paralímpico em todo o país, utilizando parcerias com instituições locais e oferecendo desde a iniciação até o treinamento de alto nível. Nesse contexto, a escolinha em João Pessoa cumpre um papel fundamental ao aproximar a comunidade do esporte e ampliar as possibilidades para pessoas com deficiência.

O coordenador do trabalho na UFPB é Pedro Almeida, o Pedrinho, treinador dos medalhistas olímpicos Petrucio Ferreira e Cícero Nobre. Na pista de atletismo da instituição federal, a palavra de ordem é “inclusão”. São atletas paralímpicos profissionais, corredores amadores, pessoas que moram nas proximidades da universidade e jovens atletas iniciando no paradesporto e construindo sonhos, todos juntos no mesmo ambiente, convivendo em admirável harmonia.

Na estrutura da UFPB, são oferecidas todas as modalidades de atletismo, como lançamentos de dardo, de disco e de peso, além das provas de velocidade e os saltos.

Acostumado a edificar conquistas de medalhas no alto rendimento, Pedrinho explica que alcança também o ouro quando contribui com a melhora de vida de pessoas com deficiência que chegam até ele com um horizonte meio turvo e que conseguem, a partir do projeto, encontrar maneiras de resenificar sentidos.

“Se você visse como chegaram algumas crianças e como essas crianças estão hoje... Você não tem ideia da minha satisfação. Só quem sabe o quanto que ele evoluiu sou eu, os professores, eles e os pais. Tudo o que os pais querem é que os filhos possam dispor de qualidade e de pessoas capacitadas e com disposição para ajudar na formação dos filhos. Fazer parte disso não tem preço. E é a contribuição do alicerce, aquilo que eles levarão para o resto da vida. Nem todos têm condição de atingir o alto rendimento, mas proporcionar uma vida melhor para eles, para mim, já é uma medalha de ouro”, comenta Pedrinho.

No Icpac, por exemplo, são desenvolvidas modalidades como golbol, futebol de cinco e bocha. Essa integração entre diferentes espaços amplia o alcance do projeto e permite atender públicos diversos, respeitando as especificidades de cada deficiência.

Mais do que resultados em competições, o impacto maior está na transformação social. A iniciativa promove autonomia, autoestima, inclusão e qualidade de vida, mostrando que o esporte é uma ferramenta poderosa para o sentimento da cidadania estar na ordem do dia. Em João Pessoa, a escolinha paralímpica não apenas revela futuros atletas, mas também ajuda a construir uma sociedade que respeita e convive com as diferenças, como tem que ser.

Projeto é a porta de entrada para o universo do paradesporto, onde crianças com dificuldades têm acesso às práticas esportivas



LIBERTADORES

Campeão receberá R\$ 208,8 milhões

Valor considera o desempenho do clube durante a competição, com premiações acumuladas em todas as fases

Agência Estado

O campeão da Libertadores 2026 pode receber até US\$ 40 milhões (cerca de R\$ 208,8 milhões), a depender de seu desempenho na competição. O prêmio pelo título é de US\$ 25 milhões (R\$ 130,5 milhões), que vão se somar à premiação acumulada das fases anteriores, incluindo o bônus por vitórias durante a fase de grupos, no valor de US\$ 340 mil (R\$ 1,7 milhão).

“O crescimento da Conmebol Libertadores se reflete em fatos concretos: hoje oferecemos uma das maiores premiações do futebol mundial, com US\$ 25 milhões para o campeão. Continuamos investindo para que nossos clubes possam competir no mais alto nível e fortalecer o desenvolvimento do futebol sul-americano”, afirmou o presidente da Conmebol, Alejandro Domínguez.

A premiação total ultrapassará US\$ 220 milhões (R\$ 1,1 bilhão), em conta que inclui também os prêmios distribuídos durante as fases preliminares do torneio: US\$ 400 mil (R\$ 2 milhões) na primeira, US\$ 500 mil (R\$ 2,6 milhões) na segunda e US\$ 600 mil (R\$ 3,1 milhões) na terceira.

O Brasil tem cinco representantes na Libertadores deste ano: Corinthians, Cruzeiro, Flamengo, Fluminense e Mirassol. Os times conheceram seus adversários da fase de grupos na última quinta-feira (19). A primeira rodada da fase de grupos será disputada de 7 a 9 de abril. A conclusão desta etapa está agendada para a semana dos dias 26, 27 e 28 de maio. A grande final terá como palco a cidade de Montevideu, capital do Uruguai, no dia 28 de novembro.



Foto: Gilvan de Souza/Flamengo

O Flamengo conquistou o título no ano passado ao vencer o Palmeiras por 1 a 0, na final disputada no Peru

Grupos
■ Grupo A: Flamengo, Estudiantes de la Plata-ARG, Cusco-PER e Independiente Medellín-COL
■ Grupo B: Nacional de Montevideu-URU, Universitario-PER, Coquimbo Unido-CHI e Deportes Tolima-COL
■ Grupo C: Fluminense, Bolívar-BOL, La Guaira-VEN e Independiente Rivadavia-ARG
■ Grupo D: Boca Juniors-ARG, Cruzeiro, Universidad Católica-CHI e Barcelona de Guayaquil-EQU
■ Grupo E: Peñarol-URU, Corinthians, Santa Fe-COL e Platense-ARG.
■ Grupo F: Palmeiras, Cerro Porteño-PAR, Junior de Barranquilla-COL e Sporting Cristal-PER
■ Grupo G: LDU-EQU, Lanús-ARG, Always Ready-BOL e Mirassol
■ Grupo H: Independiente del Valle-EQU, Libertad-PAR, Rosario Central-ARG e Universidad Central-VEN

Premiação de cada fase da Libertadores

- **Fase de grupos:** US\$ 1 milhão (R\$ 5,2 milhões).
- **Vitória na fase de grupos:** US\$ 330 mil (R\$ 1,7 milhão).
- **Oitavas de final:** US\$ 1,25 milhão (R\$ 6,53 milhões).
- **Quartas de final:** US\$ 1,7 milhão (R\$ 8,8 milhões).
- **Semifinal:** US\$ 2,3 milhão (R\$ 12 milhões).
- **Vice-campeão:** US\$ 7 milhões (R\$ 36,55 milhões).
- **Campeão:** US\$ 25 milhões (R\$ 130,53 milhões).

AYRTON SENNA

Evento cultural em Interlagos marcará aniversário de morte

Marcos Antomil
Agência Estado

Os fãs de automobilismo poderão desfrutar de uma experiência imersiva sobre a trajetória de Ayrton Senna na Fórmula 1 no próximo dia 1º de maio. A data entrou na memória do brasileiro por um evento trágico, a morte do ídolo nacional durante o Grande Prêmio de Ímola, em 1994. Desde então, o dia é marcado por homenagens e exaltação ao legado deixado pelo tricampeão mundial.

O Autódromo de Interlagos vai abrigar o “Senna Experience”, evento cultural planejado para atingir as diferentes gerações que cultavam idolatria por Ayrton. A entrada será franca, sendo necessário realizar um cadastro na plataforma disponível no site: <https://sennaexperience.com.br/>. O número de ingressos é limitado.

O evento começará às 10h e vai se estender até 17h. Estarão expostos itens do acervo oficial de Senna, incluindo carro de Fórmula 1, obras de arte inspiradas na trajetória

do piloto na categoria, apresentações musicais inspiradas nas *playlists* que marcaram momentos importantes, além de espaço temático do Senninha.

Um lounge para encontro dos fãs, praça de alimentação e ativações de marcas parceiras serão montados no autódromo. De acordo com a organização, experiências

sensoriais estarão disponíveis para conectar o público com a história e os valores do piloto.

A Senna Brands realizou em 2025 uma pesquisa que mostrou que seis em cada 10 brasileiros se inspiram no legado de Senna atualmente. Esses dados incluem jovens de 18 a 29 anos, que não viram o piloto nas pistas. Nessa

faixa etária, 95% consideram que o tricampeão mundial de F1 é uma referência no mundo dos esportes.

Ana Simões, diretora de marketing da Senna Brands, explica como a marca Senna busca se envolver com fãs de outras gerações, habituados a consumir produtos de forma singular e conectada à realidade das redes sociais.

“A Fórmula 1 é um esporte tradicional e as nova audiências que chegam têm um hábito curioso: além de se aproximar dos pilotos, elas querem conhecer as principais referências desse esporte e querem fazer parte dessa comunidade global. Nesse movimento, eles descobrem Ayrton Senna como um ícone, o herói desses pilotos que

eles admiram. Nós usamos os canais e falamos a linguagem desse público para projetar a história de um homem que é mais que um piloto. Ele possui valores atemporais e uma trajetória que se conecta com as pessoas, independentemente da idade”, reflete Ana.

Apesar de o dia 1º de maio simbolizar uma tragédia nas pistas, a Senna Brands busca “transformar a tristeza em um momento de reforçar os valores”, conforme explica Ana Simões. “Valorizamos a trajetória e a mensagem de inspiração de sempre buscarmos ser a nossa melhor versão, em cada aspecto da vida”.

Marcos Yano, CEO da Vega Sports, responsável pela organização do evento, revela que estão planejadas surpresas para os fãs que forem a Interlagos no dia 1º de maio. “Estamos preparando várias surpresas para que todos possam vivenciar e relembrar cada história e apresentar este legado fantástico que ele nos ensinou aos que não tiveram a oportunidade de vê-lo correr”.



Foto: Reprodução/X @F1

Ayrton Senna a bordo da McLaren, carro que deu dois títulos ao brasileiro, que morreu em acidente no dia 1º de maio

IGOR THIAGO

Atacante tem a sua primeira chance

Ele comemora convocação à Seleção e relembra momentos difíceis da vida antes de tornar-se jogador profissional

“Quando eu tinha 13 anos, meu pai morreu. Comecei a trabalhar na feira carregando frutas. Também fui pedreiro. Tive vários trabalhos antes de entrar no futebol profissional e ter a oportunidade de jogar em outros países”.

Igor Thiago conta sua história com o orgulho de alguém que sabe que precisou vencer muito para chegar até aqui. O atacante de 24 anos do Brentford, que foi convocado pela primeira vez para a Seleção Brasileira nesta segunda-feira (16), teve que superar muitas adversidades na vida, mas levou cada uma delas como motivação para se manter de pé até mesmo nos momentos mais difíceis.

“Isso me ajudou como homem e como ser humano. Eu aprendi a desfrutar das pequenas e grandes coisas da vida. Hoje, olho para minha vida e vejo o privilégio por ter tudo que tenho”, disse ao *site* do clube.

A temporada atual tem sido mágica para Igor Thiago. A prova mais recente foi o fato de ter balançado a rede mais uma vez poucas pelo Brentford poucas horas depois de ter recebido a notícia da convocação, num empate por 2 a 2 com o Wolverhampton.

Agora com 19 gols, ele é o brasileiro que mais marcou em uma única edição da Premier League na história. Na artilharia de 2025-26, ele fica atrás apenas de Erling Haaland, do Manchester City. Mas, se hoje o futebol é sua vida, há uma década ele não passava de um sonho distante. O esporte, na verdade, entrou no coração de Igor através de seu irmão, Maycon.

Com 15 anos a mais do que Igor, foi ele quem conseguiu uma oportunidade para o caçula na base do Grêmio Ocidental, em Goiás. De lá, ele recebeu um convite para jogar no Verê, do Paraná. Mas tudo mudou mesmo quando olheiros do Cruzeiro o observaram e decidiram levar Igor para Belo Horizonte.

Em Minas Gerais, Igor Thiago enfim se profissionalizou, realizando um sonho de infância e mudando de vez a vida da família e de Dona Maria Diva.

Artilheiro

Temporada atual tem sido mágica para o jogador que já marcou 19 gols e fica somente atrás do norueguês Erling Haaland, do Manchester City

“Eu tenho muito orgulho da minha mãe, porque ela sempre conseguiu nos dar não apenas as necessidades básicas, mas também

coisas boas, por maior que fosse a dificuldade. Ela é a mulher mais forte do mundo”, declarou o atacante.

“Sou muito orgulhoso de poder ter ajudado minha família e a próxima geração com coisas que outras gerações não tiveram, porque elas não tinham basicamente nada”.

Sua estreia com o profissional veio em janeiro de 2020, aos 18 anos de idade. Em um Cruzeiro passado por dificuldades financeiras e políticas, Igor Thiago não conseguiu se firmar, mas jogou o suficiente para mostrar seu talento e ser vendido para o Ludogorets, da Bulgária.

“Foi uma mudança cultural enorme. O futebol também é mais técnico e rápido. Foi uma aprendizagem para mim. Aprendi uma cultura diferente, uma língua diferente. Foi difícil, mas muito importante”.

“

O futebol impactou a minha família e tudo ao meu redor. E meu sonho é disputar uma Copa do Mundo

Igor Thiago

Em 55 jogos, foram 21 gols que ajudaram o time a conquistar a Primeira Liga e a Supercopa da Bulgária em 2022. Não demorou para que ele atraísse os do Club Brugge, da Bélgica, onde seu faro artilheiro seguiu em dia. Foram 29 gols em 53 jogos na sua única temporada no futebol belga, que seria sua última parada antes de desembarcar em Londres.

É uma trajetória incomum, mas que alguém com a história de Igor Thiago aprende a trilhar. “A minha vida mudou diretamente o jeito como eu jogo. Eu também sou muito focado nas coisas que quero fazer. Por exemplo, eu sempre corria de dez a 15 quilômetros (trabalhando na adolescência). Agora, é fácil para mim, porque eu sempre fiz isso”.

Toda vez que Igor Thiago marca um gol para o Brentford, a torcida das Abelhas canta a plenos pulmões uma música inspirada no sucesso ‘Gold’, do grupo Spandau Ballet. No fim, o verso que ecoa diz: “Sempre acredite em Thiago!”.



Igor Thiago está confiante em se firmar no time de Ancelotti

A rima com a realidade é clara, já que Igor Thiago sempre acreditou. E precisou mostrar essa fé mesmo na sua chegada ao Brentford. A primeira temporada foi marcada por lesões que o limitaram a menos de 180 minutos em campo e nenhum gol marcado.

O início ruim poderia desmotivar qualquer jogador, mas ele sabe que não entra em campo apenas por si, mas que, desde sempre, carrega a sua família a cada partida.

“O futebol impactou a minha família e tudo ao meu redor. Eu fiquei mais forte, porque tenho duas crianças e elas me veem como uma inspiração e exemplo. Isso me faz querer ser melhor. É uma motivação para seguir jogando, me transformou em um filho melhor, um marido melhor e um pai melhor”.

Não por acaso, ele conseguiu uma grande reviravolta em sua carreira. Com 22 gols em todas as competições até aqui, ele não só se firmou como um dos atacantes mais perigosos do futebol europeu, como conseguiu a sua primeira convocação para a Seleção Brasileira, que vai disputar dois amistosos do mais alto nível neste mês, contra França e Croácia.

A pouco menos de três meses para a estreia na Copa do Mundo da FIFA 2026, ele se vê cada vez mais perto da chance de defender o Brasil no torneio mais importante do futebol mundial.

“É o meu maior sonho”, afirmou à TNT Sports Brasil. “Poder vestir a camisa do meu país, representar o meu país em uma Copa do Mundo. Isso vai me dizer que tudo aquilo, de onde Deus me tira, para onde Deus me traz... Se não for Deus, quem mais?”.

Curtas

Filipinas e Coreia garantem vagas no Mundial Feminino

As Filipinas e República Democrática da Coreia garantiram vitórias na repescagem da Copa Asiática Feminina e, com o prêmio, asseguraram classificação para a Copa do Mundo Feminina da Fifa de 2027, que vai acontecer no Brasil.

Esses países vão se juntar às semifinalistas continentais — Austrália, China, Coreia do Sul e Japão — no maior evento do futebol feminino, no ano que vem.

As Filipinas vão para sua segunda participação na Copa de Futebol Feminino, três anos depois de sua estreia. Já as norte-coreanas retornam ao torneio após 15 anos de ausência.

Por fim, Uzbequistão e Taipé Chinesa representarão a AFC (Confederação Asiática de Futebol) no Torneio Classificatório para a Copa feminina, uma repescagem intercontinental que poderá elevar para oito o número de representantes asiáticos no Mundial.

Fifa lança álbum oficial da Copa do Mundo 2026

O lançamento do álbum oficial da Copa do Mundo da Fifa 2026 começou na última sexta-feira (20) com a divulgação do *single* “*Lighter*”, de Jelly Roll e Carín León, produzido por Cirkut, pela Def Jam Recordings. “*Lighter*” marca o primeiro capítulo de um álbum inovador criado para a Copa mais inclusiva da história e já está disponível em todas as principais plataformas de *streaming*. Uma colaboração entre três artistas de referência dos países anfitriões do torneio — Jelly Roll (EUA), Carín León (México) e Cirkut (Canadá), vencedor do Grammy de Produtor do Ano de 2026 na categoria Não Clássica. Um combinando de raízes *country* de Jelly Roll com a influência regional mexicana de Carín León, a faixa une gêneros, refletindo a energia cultural compartilhada da América do Norte e a paixão global pelo futebol. “A Copa é um daqueles raros momentos em que o mundo inteiro se move no mesmo ritmo”, disse o presidente da Fifa, G. Infantino.

Comitê anuncia edital para o Festival Paralímpico

O Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), por meio da sua diretoria de Desenvolvimento Esportivo, lançou o edital para seleção das sedes do Festival Paralímpico Loterias Caixa de 2026. Estados e municípios interessados em receber a iniciativa poderão inscrever-se até o próximo dia 31 no *site* da CPB. Neste ano, o Festival Paralímpico será realizado em edição única, marcada para o dia 19 de setembro, às vésperas do Dia da Nacional de Luta da Pessoa com Deficiência (21) e Dia do Atleta Paralímpico (22). O Festival promove uma vivência lúdica e inclusiva em modalidades paralímpicas para crianças com e sem deficiência (até 20% do total), iniciativa que contribui para a difusão do Movimento Paralímpico em todo o território nacional. Podem participar crianças e jovens de sete a 23 anos, respeitando o limite de até 20% de inscritos sem deficiência por núcleo.

CBDV convoca 16 jogadores para Campo de Treinamento

A Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais (CBDV) anunciou, nesta semana, a convocação para o I Campo de Treinamento da Base de futebol de cegos. Os atletas da equipe masculina participarão de uma programação de atividades e treinamentos que será realizada de 12 a 19 de abril. Ao todo, 16 atletas estarão reunidos na Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos (ANDEF), que será o local de realização do Campo de Treinamento. A Paraíba tem na convocação seis atletas, sendo dois da Associação Paraibana de Cegos (Ytalo Mikael e Yago Lima) e quatro do Icenô, de Campina Grande (João Pedro, Renner Pietro, Ryan Pablo e Pedro Henrique). Além desta etapa, o calendário da CBDV inclui outros quatro compromissos voltados às seleções de base ao longo do ano, reforçando o trabalho contínuo de desenvolvimento esportivo e acompanhamento dos jovens atletas.



Na última vez em que se defrontaram, pela Supercopa Rei, o Corinthians levou a melhor e venceu o Flamengo por 2 a 0

BRASILEIRÃO

Corinthians enfrenta o Flamengo

Além do clássico que reúne as duas maiores torcidas do Brasil, mais seis jogos estão programados para hoje

Da Redação

A oitava rodada do Brasileirão será finalizada hoje, tendo sete partidas movimentando o domingo de futebol. Às 16h, ocorrem quatro jogos: em São Januário, Vasco e Grêmio (Globo); no Mineirão, Cruzeiro e Santos (Premiere); na Arena da Baixada, Athletico-PR e Coritiba (Premiere); e no Mangueirão, Remo e Bahia (Premiere e geTV). Às 18h30, acontecem dois confrontos: no Beira-Rio, Internacional e Chapecoense (Premiere); e no Barradão, Vitória e Mirassol (Premiere). Mais tarde, às 20h30, jogam, na Neo Química Arena, Corinthians e Flamengo (Cazé-TV e Record).

O principal jogo do dia envolve as duas equipes de maiores torcidas do Brasil. Depois do duelo da Supercopa Rei, quando o Timão levou a melhor (2 a 0), Corinthians e Flamengo voltam a se enfrentar, agora, pelo Brasileirão. O clube carioca reencontra o rival sem Filipe Luís e com novo treinador, Leonardo Jardim.

As agremiações duelam, hoje, vivendo momentos distintos. O Corinthians vem de um empate sem gols diante da Chapecoense e acumula seis jogos sem vitórias. Dorival Júnior vive seu pior momento à frente da equipe, mas não desanima e se mostra otimista quanto ao futuro do seu time. Ele ressaltou que a oscilação tem a ver com a rotação do elenco. Na partida da última quinta-feira (19), o treinador escalou uma equipe mista.

“Avisei lá no começo da temporada que esse ano seria muito difícil para a gente. Estamos acelerando agora os processos para disputarmos todos os jogos com a melhor equipe possível. Alterações vão acontecer em praticamente todas as rodadas, eu falei no início do ano. Por isso também falei que gostaria de ter um elenco um pouco mais composto”, disse.

Do lado flamenguista, a equipe carioca chegou à terceira vitória

consecutiva sob o comando de Leonardo Jardim após o 3 a 0 sobre o Remo, também na última quinta-feira (19), no Maracanã. O português falou sobre a partida contra os paulistas e sobre a escalação para o duelo em São Paulo.

“Temos muito respeito pelo Corinthians como clube. O Flamengo,

onde joga, tem que ter no seu DNA um espírito vencedor. Vamos trabalhar para escalar uma equipe competitiva. [...] Um elenco como o do Flamengo, todos os que entram têm que mostrar por que estão no Flamengo. Se não me engano, na final da Libertadores tinha um ou dois jogadores menos utilizados, um até

fez gol decisivo. Não podemos pensar que temos 11 jogadores para jogos importantes e outros para jogos menos importantes”, disse.

Série B

Hoje, cinco jogos fecham a primeira rodada do Campeonato Brasileiro Série B. Às 16h, ocorrem duas

partidas: na Ressacada, Avaí e Juventude; e nos Aflitos, Náutico e Criciúma. Às 18h, acontecem outros dois confrontos: na Arena Sincredi, Athletic Club e Ponte Preta; e no Hailé Pinheiro (Serrinha), Goiás e América-MG. Mais tarde, às 20h, jogam, no Jorge Ismael de Biasi, Novorizontino e Londrina.

Copa do Brasil

A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) realizará, amanhã, a partir das 14h, o sorteio da quinta fase da Copa do Brasil, em sua sede no Rio de Janeiro. O evento terá transmissão ao vivo da CBF TV, no YouTube. Depois de quatro fases, restaram 12 equipes que se juntam aos 20 clubes da Série A do Campeonato Brasileiro, totalizando 32 times.

O sorteio dividirá os clubes em dois potes, conforme o Ranking Nacional de Clubes (RNC), em que os times do Pote 1 enfrentam os do Pote 2. A cota de participação para cada uma das equipes presentes na quinta fase da Copa do Brasil é de R\$ 2 milhões, e a classificação para as oitavas de final renderá uma premiação de R\$ 3 milhões.

No Pote 1, estão Flamengo, Corinthians, Palmeiras, Atlético-MG, São Paulo, Fluminense, Botafogo, Athletico-PR, Bahia, Vasco, Cruzeiro, Grêmio, Fortaleza, Internacional, Red Bull Bragantino e Santos. Já no Pote 2, têm Juventude, Atlético-GO, Vitória, Ceará, Goiás, Coritiba, CRB, Mirassol, Operário-PR, Chapecoense, Paysandu, Remo, Athletic, Confiança, Jacuipense e Barra-SC.



Foto: Raul Baretta/Santos FC

Jogos de hoje

■ **BRASILEIRÃO**

- 16h
Vasco x Grêmio
Cruzeiro x Santos
Athletico-PR x Coritiba
Remo x Bahia
- 18h30
Internacional x Chapecoense
Vitória x Mirassol
- 20h30
Corinthians x Flamengo

■ **SÉRIE B**

- 16h
Avaí x Juventude
Náutico x Criciúma
- 18h
Athletic Club x Ponte Preta
Goiás x América-MG
- 20h
Novorizontino x Londrina

Neymar tem presença no jogo contra o Cruzeiro, hoje, no Mineirão. O jogador segue ansioso para estar no melhor de sua condição física para conquistar uma vaga para a Copa do Mundo

RIQUEZA

Fundação é o cofre dos legados de José Américo

Veja como a casa do escritor e político, na orla da capital paraibana, transformou-se em um dos mais importantes centros históricos, artístico-culturais e de lazer do estado

Local preserva o mesmo terraço em que o autor de A bagaceira recebia amigos, intelectuais, populares e autoridades

Foto: Arquivo A União

Fátima Farias
Especial para A União

Localizada na orla do Cabo Branco, em João Pessoa, a Fundação Casa de José Américo (FCJA) completou 45 anos, em dezembro de 2025, enquanto instituição. Presidente desde dezembro de 2019, o jornalista e escritor Fernando Moura avalia as potencialidades institucionais da entidade. “Gerir uma instituição como a Fundação Casa de José Américo é uma missão de extrema responsabilidade. Exige compromisso com a história e com o patrimônio público, material e imaterial. Trata-se de uma instituição incumbida de salvar e guardar o legado de um homem das letras e da história”.

Para Moura, a FCJA é “a guardiã da memória, da tradição, do valor, do exemplo, da influência, da contribuição, da marca, do saber, da cultura, da lição, dos princípios e do conhecimento de uma das principais personagens da vida contemporânea da Paraíba e do Brasil”.

Com toda a sua riqueza histórica e cultural que iremos listar mais adiante, o jornalista e escritor aponta que, na prática, a fundação é o cofre dos legados de José Américo. “Legados histórico, político, administrativo e literário. A FCJA é uma caixa-forte onde estão preservados os acervos de um homem que, já na década de 1930, nutria uma visão de futuro. Ele guardou seu acervo a vida inteira. E, com base nesse material preservado, é que surgiu o museu, sob a tutela de uma fundação. Tudo que fazemos hoje, na fundação, tem um laço com José Américo”.

Fernando Mouro completa: “Zé Américo é um homem para ser estudado permanentemente. E o papel da fundação que leva seu nome é fazer esse estudo e abrir para que as pessoas tenham acesso a esses dois milhões e meio de documentos existentes aqui. Nossa responsabilidade é enorme”, frisa o presidente.

Potencialidades turístico-culturais

Ao longo do tempo, suas potencialidades transformaram a instituição num importante centro histórico, artístico-cultural e de lazer, proporcionando a visitação às suas diversas unidades culturais e o acesso à pesquisa. Com localização privilegiada, na orla do Cabo Branco, precisamente entre o mar e a Mata Atlântica, todo cenário ao redor serviu de inspiração ao seu patrono-escritor, o que se soma à riqueza de suas dependências interiores. Além disso, permite aos visitantes contemplarem todo potencial de beleza natural em seu entorno.

Museu Casa de José Américo

Cartão de visita, foi nessa casa onde José Américo viveu as três décadas finais de sua vida (faleceu aos 93 anos). A morada preserva a sua originalidade, abrigando mobiliário original da época, obras de arte, objetos de uso pessoal, comendas, biblioteca e arquivo fotográfico.

Dentre os atrativos, uma estátua de corpo inteiro de José Américo veste o fardão, empunhando a espada da Academia Brasileira de Letras (ABL). O terraço conta com as mesmas cadeiras com as quais José Américo recebia amigos, intelectuais, jornalistas, populares e autoridades.

Mausoléu

O monumento, que guarda os restos mortais de José Américo e da sua esposa, dona Alice, é um outro cartão de visita da fundação.

Projeto do arquiteto indiano Bahram Khorramchachi, está instalado no pomar. O monumento mede 11 m de comprimento por 7 m de largura, com 55 cm de profundidade. Destaca-se da base triangular um obelisco, com escultura em bronze da face do escritor José Américo. O espelho d’água simboliza a luta de José Américo contra a seca, retratada em suas obras e na sua atuação política.

Retrata também o seu profundo amor pela Paraíba e a devoção à sua esposa. Os epítafios presentes no monumento expressam esses sentimentos: “Minha Paraíba amada: vi tantas coisas grandes e mesquinhas, vi o bem e o mal, vi ascensões e vi abismos. Agora, só quero ver-te a ti. Só quero o regaço maternal que será, depois de tantas lutas, o meu final e doce repouso”.

Arquivo e documentação

Reúne milhares de documentos da vida privada de governadores, escritores, intelectuais e políticos paraibanos. O local desenvolve projetos de pesquisas em torno da vida e obra de José Américo, em parceria com a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq-PB).

Biblioteca Durmeval Trigueiro Mendes

Dispõe de um acervo estimado em mais de 50 mil títulos: enciclopédias, dicionários, coleções especiais, obras raras, periódicos e plaquetes das diversas áreas do conhecimento humano. Dispõe de diversos livros doados à instituição.

Hemeroteca

A coleção de periódicos guarda a memória da imprensa paraibana e nacional. O espaço de pesquisa conta com coleções de diversos jornais de circulação no esta-

do e de alguns países. Há também edições raras como: *Diário Oficial do Império do Brasil* (ano de 1868) e partes de *O Libertador* (ano de 1896).

Memorial da Democracia da Paraíba

Depositário dos documentos da Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória.

Núcleo de Estudos Arqueológicos

Abriga pesquisas e reservas técnicas de coleções arqueológicas, advindas de pesquisas realizadas na Paraíba.

Acesso Cidadão

Projeto tem como objetivo promover a inclusão social e permitir a acessibilidade às pessoas com deficiências ou mobilidades reduzidas, com atividades simultâneas de esporte, cultura e lazer.

Cineclube O Homem de Areia

Oferece exposições cinematográficas, seguidas de comentários com especialistas e debates com o público. Acontece todas as primeiras quartas-feiras do mês, em sessão única e com entrada gratuita.

Unidade Tambaú

Inaugurada no dia 28 de março de 2025, marca uma nova página na história da FCJA, com a sua primeira unidade externa. O novo equipamento está localizado à Avenida Nossa Senhora dos Navegantes, 122, no bairro de Tambaú.

O objetivo da expansão física é acomodar os acervos existentes e os que chegam, para atender pesquisadores. Outro aspecto é incentivar o acesso mais lúdico e interativo dos seus serviços. Entre as atrações, estão a GibiZeca e a Cordelteca, além dos acervos de Simeão Leal, negativos fotográficos do Palácio da Redenção e também outros acontecimentos históricos.

GÊNESE DA FUNDAÇÃO

A ideia inicial da criação da Fundação Casa de José Américo foi anunciada já no velório do patrono, no dia 10 de março de 1980, no Palácio da Redenção, em João Pessoa. Segundo cobertura do jornal **A União** (11/3/1980), definiu o então governador Tarcísio Buritry: “A residência do ex-ministro José Américo de Almeida, que lhe serviu de refúgio, durante vários anos, na praia de Tambaú, será transformada em museu, com o objetivo de preservar o nome e todo acervo cultural deixado pelo ‘Homem de Areia’”.

O então governador informou ainda que a instituição seria presidida pelo professor Milton Paiva e já citou o objetivo institucional: “Haverá um local destinado à leitura, onde os frequentadores terão acesso à documentação histórica, arquivada há várias décadas pelo ministro”. E justificou a iniciativa: “Trata-se de uma homenagem das mais justas a um homem que sempre procurou servir ao seu povo com dedicação e projetou a Paraíba da melhor forma no cenário político e cultural da nação. Em breve, o fabuloso arquivo, contando os principais fatos históricos dos últimos 50 anos, estará à disposição de estudantes e intelectuais para pesquisas”.

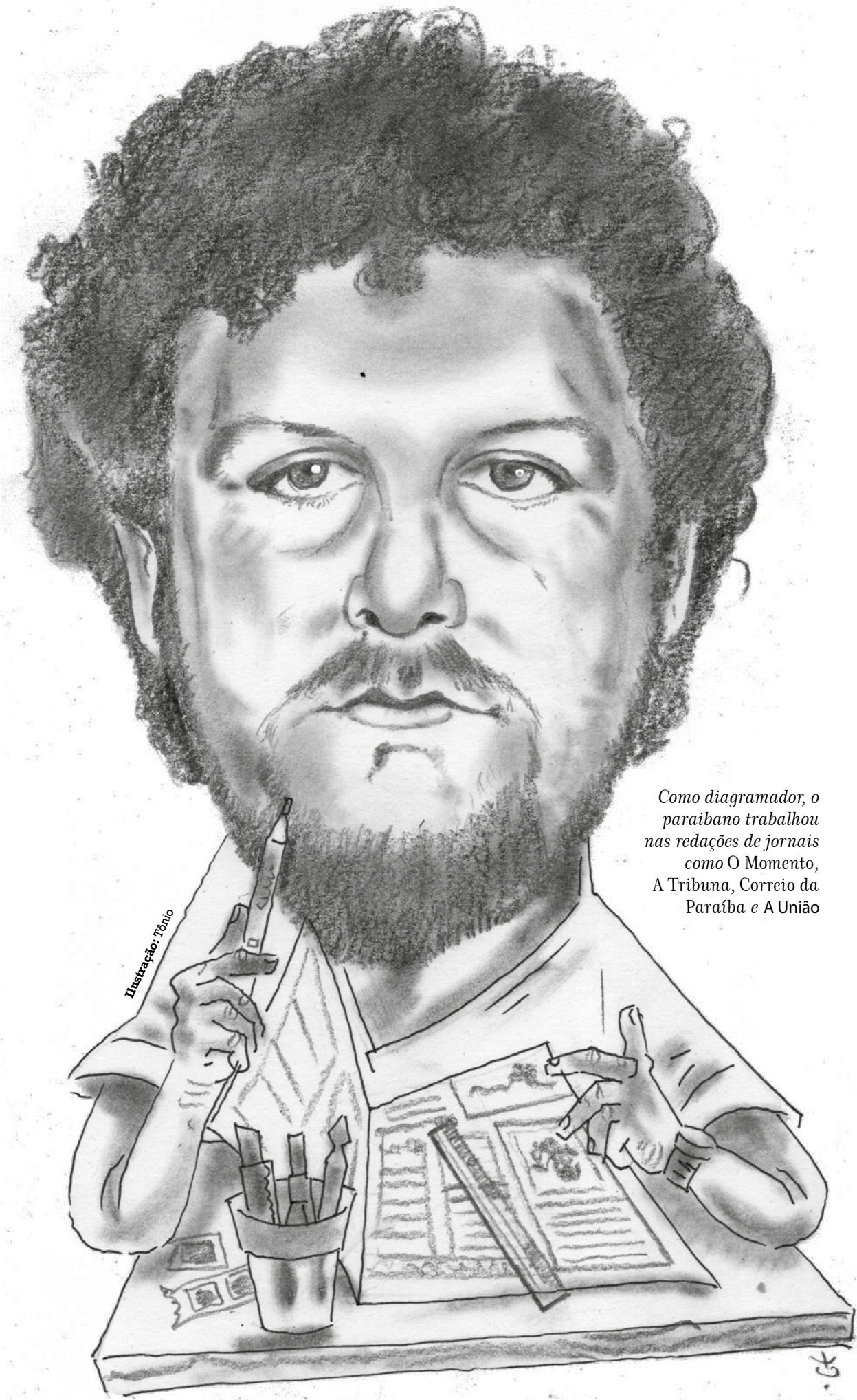
Começaria ali, então, a semente da imortalidade e expansão da memória do polivalente paraibano, que fincou sua marca como literato, político, educador e humanista, com repercussão além-fronteiras. O acervo de fotografias da FCJA documenta que, dois dias depois do falecimento (12/3/1980), o Buritry já começou a acertar a compra da casa com o general Reynaldo Almeida, filho de José Américo, com as presenças de Ivan Bichara Sobreira e Lourdinha Luna, secretária do patrono.

Na sequência, legendas de fotos de uma solenidade no Palácio da Redenção indicam que, em 18 de dezembro de 1980, o governador e o general criam a Fundação Casa de José Américo (Lei nº 4.195, de 10 de dezembro de 1980). E, coincidindo com o primeiro aniversário de morte, no dia 10 de março de 1981, o governador Tarcísio Buritry assina o ato constitutivo da FCJA, na então residência: Av. Cabo Branco, nº 3.336.

Ao longo do tempo, foi dirigida por 11 presidentes, sendo que Flávio Sátiro Filho teve dois mandatos. Cada um contribuiu com ações em prol do desenvolvimento da instituição, em seus períodos de gestão.

Foto: João Redrosa

Residência onde José Américo viveu as três décadas finais de sua vida abriga mobiliário original da época, obras de arte, objetos pessoais, comendas, biblioteca e arquivo fotográfico



Como diagramador, o paraibano trabalhou nas redações de jornais como O Momento, A Tribuna, Correio da Paraíba e A União

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Credibilidade profissional não vem com registro do Ministério do Trabalho

“Qualquer pessoa hoje pode ir a uma unidade do Ministério do Trabalho e adquirir o registro de jornalista”. Ouvi essa frase do jornalista João Marcos Rainho durante um evento *on-line* e fiquei matutando sobre o tema. A informação de que “qualquer pessoa” pode se tornar um jornalista não é nova. A obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão de jornalista no Brasil acabou em 17 de junho de 2009, por decisão do Supremo Tribunal Federal (STF). A partir daí, tomou-se possível alguém obter o registro profissional (ou DRT) sem nunca ter feito graduação em Comunicação Social ou Jornalismo. A fala de Rainho chamou minha atenção porque soube, recentemente, de instituições que ofertam cursos rápidos para quem deseja a habilitação. Uma delas, cujo nome não citarei, oferece um curso *on-line* de 60 horas e divulga que o valor inclui “todo o suporte” para a obtenção do registro junto ao Ministério do Trabalho. Sou bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde também cursei mestrado. Dediquei-me tanto aos bancos acadêmicos quanto às redações para me tornar a profissional que sou. E continuo estudando. Por isso, considero um absurdo que esse tipo de cursinho seja ofertado, bem como uma afronta a todos os profissionais



Federação Nacional dos Jornalistas mantém campanha pela aprovação da PEC do Diploma

da área. Desde 2023, a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) mantém uma campanha pela aprovação da chamada “PEC do Diploma”, na Câmara dos Depu-

tados. Em 2012, uma proposta com esse foco foi aprovada no senado por ampla maioria, mas dorme em berço esplêndido na Câmara.

De 2009 para cá, a categoria vem enfrentando mais e mais desafios, inclusive com a acelerada revolução digital na área de comunicação. Para refrescar a memória de quem me lê: naquela época, nem sequer existiam Facebook ou Instagram. A inteligência artificial (IA) generativa só se popularizou com a criação do ChatGPT, em 2022. E hoje inúmeros aplicativos oferecem recursos de IA. Com tal evolução, parece ter ficado fácil ser jornalista. Atualmente, qualquer um pode ser um profissional de imprensa, com cursos de 60 horas ou formação nenhuma. Afinal, a inteligência artificial está aí para escrever pelas pessoas... Será mesmo? Onde fica a responsabilidade com o fazer jornalístico? E as questões deontológicas? Reduzir a profissão a um cursinho de 60 horas não é democratizar a informação, é precarizar a verdade. O jornalismo não se resume ao domínio de ferramentas ou à capacidade de redigir textos mecanizados. Ele exige critério ético, apuração rigorosa e, sobretudo, o compromisso social que só uma formação sólida e humanística pode proporcionar. Enquanto a PEC do Diploma não recebe a devida atenção no congresso, aumenta a demanda no balcão de registros do Ministério do Trabalho. O preço dessa desprofissionalização, porém, será pago por toda a sociedade.

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

A busca pelo sentido da vida pode conduzir o ser humano por caminhos inesperados, e às vezes radicalmente transformadores. O paraibano Rosenberg Silva é prova disso. Deixou para trás as régua e calculadoras com as quais desenhava visualmente as páginas dos jornais, para se dedicar a canções, terapias e rituais sagrados. Entre a diagramação e o xamanismo, construiu uma trajetória marcada pela criatividade e sensibilidade, deixando rastros de sua presença naqueles com quem conviveu. Rosenberg Silva Araújo nasceu em João Pessoa, em 10 de maio de 1962, mas viveu uma parte da infância em Minas Gerais. De volta à capital paraibana, o filho de Mirian Araújo e Levy Araújo, técnico em eletrônica bastante conhecido no bairro Jaguaribe, estudou na Escola Oscar de Castro, no bairro Cruz das Armas, e também no Liceu Paraibano. Ainda jovem, começou a trabalhar em setores administrativos do *Correio da Paraíba*, até que sua habilidade para desenhos chamou atenção e foi convidado para trabalhar na redação do jornal. As informações são do irmão e também diagramador Ricardo Araújo, que primeiro ocupou a vaga deixada por Rosenberg no trabalho administrativo, até que foi aprender com ele, que já estava na redação, as primeiras lições da profissão. “Nos anos 1980, o jornal era completamente analógico, um trabalho de arquitetura visual. As ferramentas de um diagramador eram lápis e caneta, uma folha de papel, chamada ‘diagrama’, do tamanho do jornal, que era todo quadriculado, na qual a gente desenhava o jornal usando calculadora e uma régua específica de pica, uma unidade de medida tipográfica. E tam-

bém tesoura, depois estilete, com os quais a gente cortava as fotos”. Além de definir o projeto gráfico das páginas, os diagramadores eram responsáveis por calcular o espaço para o texto escrito pelo repórter e o espaço para as fotografias. A rapidez na precisão dos cálculos e a criatividade dentro das regras de visualização das notícias eram habilidades desejadas para um diagramador que Rosenberg possuía, graças às atividades como produção de desenhos e artesanatos que desenvolvia ainda na adolescência. Berg trabalhou em outros periódicos, como *O Momento*, que funcionava onde hoje é a TV Cabo Branco; *A Tribuna*, semanário do grupo político do ex-governador Wilson Braga; e no jornal *Dois pontos*, impresso focado na comunidade universitária, do qual fazia parte o jornalista Dalmo Oliveira. Ao mesmo tempo, não deixava de se envolver em movimentos sindicais e políticos. Participou da greve e de manifestações pelo direito dos trabalhadores. “Conheci Berg durante nossa atuação no Coletivo Anarquista de João Pessoa [CAJP], em 1988. Um grupo com universitários, *punks* e outros alternativos. Ele já era jornalista nessa época. O coletivo alugou uma sala no primeiro andar dum prédio, que ficava na Praça 1817. Embaixo funcionava uma loja do Pão de Açúcar. Era como um QG onde tínhamos reuniões, encontros etc. Berg instalou uma serigrafia lá. Em 1991, trabalhei alguns meses com ele num jornal impresso que se dedicava a assuntos da UFPB, uma iniciativa do jornalista Sérgio Bopelto. O jornalista Nonato Bandeira nos coordenava. O informativo se chamava ‘*Dois pontos*’, recorda Dalmo, mencionando também o quanto Berg era brincalhão, mas também era brigão.

Rosenberg Silva

Paixão unia música, espiritualidade e editoração

Berg foi também diagramador do jornal *A União* nos anos 1990, quando a redação ainda funcionava no bairro Jaguaribe e ainda era feito de forma desenhada em *grids* (diagramas). Não chegou a trabalhar com editoração eletrônica. Eram poucos metros de lá até a sua casa. Dessa época, o então editor do caderno de cultura, William Costa, lembra da boa e longa convivência e dos trabalhos que realizaram juntos. “Berg era um diagramador criativo. Gostava de usar, sem desobedecer, por puro descaso, as quatro linhas do projeto gráfico do jornal. Era no tempo da régua de paicas, do lápis grafite, da borracha, do papel milimetrado. Ainda tenho na memória algumas das capas de caderno projetadas por ele. Berg tinha uma forte personalidade, olhar muito crítico, mas que não excluía o bom-humor, muito pelo contrário. Ríamos muito com as narrativas e brincadeiras que tornavam o dia a dia das redações mais suportável”, comenta o atual diretor de Mídia Impressa da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC). Rosenberg Silva e seu irmão, Ricardo, trabalharam juntos por uma década na Meios Comunicação, agência de produção de *design* editorial, fundada em 1997, e que atendia instituições públicas e privadas, sindicatos, conselhos, partidos políticos, assessorias de comunicação e imprensa. Nesse período, estiveram responsáveis pelo projeto gráfico e pela diagramação do jornal independente *Contraponto*, do jornalista João Manoel de Carvalho. “Foi a primeira agência de João Pessoa que trabalhava para suprir a falta de processos editoriais, com informativos, por exemplo. Não era agência de publicidade. A Meios tinha a capacidade de produzir tudo muito rápido. Em 2010, Berg chegou para mim e disse que



Foto: Arquivo da família

Berg era músico percussionista e tocava ritmos africanos e caribenhos na banda Mamma Jazz

não queria mais trabalhar com a produção editorial, então ele se afastou”, relata Ricardo Araújo. **Xamanismo** A forte ligação com as artes nunca havia sido deixada de lado e falou mais alto. Rosenberg Silva era músico percussionista e tocava ritmos africanos e caribenhos na banda Mamma Jazz, de João Pessoa, paixão que procurou associar à busca espiritual, iniciada pela participação na Igreja do Santo Daime de Lucena, no Litoral Norte da Paraíba,

onde passou a morar. Aprofundou-se no xamanismo, tornando-se conhecido também como “Montanha de Rosas”, sentido original do nome “Rosenberg”, e desenvolveu uma técnica, a taporritmia, que aliava os métodos terapêuticos da tapotagem às batidas do tambor xamânico, maracás, apitos com sons de pássaros e outros instrumentos, utilizando-se basicamente de vibrações sonoras para processos de cura. “Ele deixou a trajetória de jornalista e mudou completamente de vida a partir de 2012, quando ele virou um lí-

der religioso, um guru de muita gente. Ele falava que tinha sonhado com o som que curava, e passou a usar o canto e os tambores para esse tipo de terapia. Nos últimos anos de vida, ele estava começando uma mudança, inclusive financeira. Lembro que ele foi convidado para ir à Bahia e ele ficou muito encantado por ser a primeira vez a viajar de avião, na idade que ele tinha, e relatou as visões fantásticas que ele teve das nuvens”, conta Ricardo Araújo, que descobriu, após a morte do irmão, que fizeram um monumento em homenagem a ele, na Praia do Forte, na Bahia. Berg cultivava uma forte relação com a natureza e foi criador de um instrumento, o mangará, um maracá feito com caroços de manga, esculturalmente ornamentado com símbolos e visões das mirações ayahuasqueiras, assim como de canções xamânicas que organizava em seu caderno de *Cânticos e todas do astral — montanha de rosas da selva*. Era iniciado na “ciência dos encantados” da Jurema, estudiosos dos Juremeiros de Juramidam e participava ativamente das atividades do Encontro da Nova Consciência, realizado atualmente em Campina Grande. Rosenberg Silva faleceu em 26 de julho de 2016, com 54 anos, em João Pessoa, vítima de infarto ocasionado por sequelas na saúde após ter contraído *chikungunya*, deixou órfã a única filha. O jornalista William Costa ainda lembra o dia do sepultamento, ocorrido na capital paraibana. “A chuva caía de um céu limpo, sob o império do sol. Uma saudação da natureza, ou de seu criador, àquele que deixava o nosso mundo para ingressar naquele desconhecido, que, talvez, nos espere de portas celestiais abertas, quando da hora de nossa partida”.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Ainda falando sobre chuvas

O filme é de 1952 e marcou época, sendo que, depois de quase 75 anos, ainda hoje é visto e louvado por cinéfilos. Estamos falando sobre o clássico *Singin' in the rain* ou, mais especificamente sobre o genial ator, cantor, diretor, produtor, roteirista e coreógrafo Gene Kelly (Pensilvânia, 1912–Califórnia, 1967), que contracenou com o engraçado Donald O'Connor (Chicago, 1925–Califórnia, 2003) e a bela Debbie Reynolds (Texas, 1932–Califórnia 2016). Entre nós, como pelo mundo todo, o filme *Cantando na chuva* arrastou multidões que se embeveceram com a execução e interpretação icônica da canção homônima que faz da chuva, normalmente um símbolo associado à melancolia e à tristeza, uma transformação em liberdade e alegria. Não somente a coreografia, mas o próprio poema que a inspirou nos fala disso: “*I’m singin’ in the rain / Just singin’ in the rain / What a glorious feeling / I’m happy again...*” (“Estou cantando na chuva / Apenas cantando na chuva / Que sensação gloriosa / Estou feliz outra vez”). Melhor sensação do que a associação música e dança, a cena não poderia deixar em quem a conhece... Sensação de liberdade e felicidade semelhante nos traria, em 1963, o nosso então Jorge Ben, hoje Ben Jor (Jorge Dullio Lima Menezes, Rio, 1942), compositor, cantor e violonista, com o seu álbum praticamente autoral *Samba esquema novo*, com destaque para a faixa “Chove, chuva”, que embalou romances adolescentes no começo dos festejados e musicais anos 1960. (A título de curiosidade: o “Ben” ele herdou de sua mãe,



Foto: Reprodução/Metro-Goldwyn-Mayer Inc.

Ícônica sequência de ator e codiretor Gene Kelly no musical Cantando na chuva (1952)

a etíope Sílvia Saint Ben Lima; já o “Jor” foi acrescido ao nome artístico ‘Jorge Ben’, em 1989, a fim de que, iniciando ele uma carreira internacional, não tivesse seu nome confundido com o do cantor norte-americano George Benson, em atendimento, inclusive a interesses da gravadora de ambos).

De simples pandeirista e cantor de grupos escolares, somente aos 18 anos ganhou o seu primeiro violão e, com a ajuda dos famosos e tradicionais “métodos para principiantes”, começou, em momento oportuno, a trocar bossa nova e *rock and roll*, ritmos então na moda. Embora iniciante, logo foi conquistando o seu

espaço, contratado que foi pelo já então famoso Beco das Garrafas (Rio), onde já demonstrava o seu poder criativo, interpretando suas próprias canções com um sotaque bem pessoal: “Quero esquecer você”, “Por causa de você”, “Mas que nada”, “Balança pema” e, sem dúvidas, o maior sucesso do seu início de carreira: “Chove, chuva”, cuja letra traz uma espécie de solicitação para que a chuva parasse, não por temor, como acontece, atualmente, pelo Sul do país, mas por precauções de natureza sentimental... “Chove, chuva / Chove sem parar / chove, chuva / chove sem parar / pois eu vou fazer uma prece pra Deus, nosso Senhor / pra chuva parar / de molhar o meu divino amor”. O reconhecimento internacional veio a partir de sua primeira visita aos EUA, a convite do Ministério das Relações Exteriores, quando então teve algumas de suas músicas gravadas por lá. O sucesso maior viria com as gravações de “Mas que nada” e “Chove, chuva”, por Sérgio Mendes; “Zazoeira”, por Herp Albert, e “Nena Naná”, por José Feliciano. Mas outros sucessos viriam: “Charles anjo 45”, “Cadê Teresa”, “Que pena”, “Fio Maravilha”, entre tantos outros. Dentre os intérpretes que gravam canções dele, além dos acima citados, alguns se destacam: Pery Ribeiro, Tamba Trio, Ella Fitzgerald, Dizzie Gillespie, Al Jarreau, Trini Lopez, Júlio Iglesias, Elis Regina, Ney Matogrosso, Os Mutantes, Tim Maia, Marisa Monte... Antes que me esqueça: o dia 19 de março, dia de São José, feriado em alguns municípios brasileiros, é tido como um dia emblemático para quem acredita: chovendo na data, o inverno será bom...

TECNOLOGIA

Val Kilmer participará de filme por meio de IA

Iniciativa teve aprovação dos filhos do ator norte-americano, morto em 2025

Bia Cardoso
Agência Estado

Val Kilmer está presente no elenco do filme *As deep as the grave*. No entanto, o artista estava muito doente à época das gravações, em tratamento de um câncer na garganta, que o vitimou em 2025. Com a ajuda de inteligência artificial (IA), no entanto, o ator pôde fazer parte do longa.

Em entrevista à *Variety*, o diretor Coerte Voorhees comentou que idealizava Kilmer no papel de padre Fintan em seu filme. O cineasta, então, utilizou-se de uma inteligência artificial generativa, com a aprovação dos filhos do ator.

“A família dele não parava de dizer o quanto achavam que o filme era importante e que o Val queria muito fazer parte disso”, diz o diretor. “Ele realmente achava que era uma história importante na qual ele queria colocar o seu nome. Foi esse apoio que me deu a confiança para dizer: ‘Ok, vamos fazer isso’. Apesar do fato de que algumas pessoas possam considerar controverso, era isso que o Val queria”.

As deep as the grave narra a história real dos arqueólogos Ann e Earl Morris. Na trama, os estudiosos trabalham nas escavações do Canyon de Chelly, na Arizona, e tentam entender a história do povo Navajo.

Como será usada?

Voorhees comentou que a participação de Kilmer é significativa. Para o trabalho, foram utilizadas fotos mais antigas e gravações



Kilmer “ressuscitado” digitalmente como o padre Fintan, no longa-metragem *As deep as the grave*

novas, fornecidas pela família do astro. A voz do ator, que havia sido um procedimento, também foi reconstituída.

John Voorhees atua como produtor do longa. Ele explicou a forma como o personagem é retratado: “O personagem no filme também sofre de tuberculose. Mais uma vez, esse personagem histórico espelhava a condição real de Val quando ele estava sofrendo de câncer de garganta. E, assim, quando se trata da voz, esta é uma oportunidade realmente única para o personagem refletir a condição que o ator estava realmente sofrendo, criando, assim, uma espécie de ponte”.

O diretor ainda afirmou que “este era o elemento que faltava”. Ele chegou a cortar as cenas que envolveriam o padre Fintan, mas percebeu que

elas eram necessárias para a narrativa; ele ainda cogitou encontrar outro ator, porém, por tratar-se de um filme de um estúdio pequeno, o orçamento também era mais escasso.

“Normalmente, nós apenas escalaríamos outro ator. Eu prezo muito pelo trabalho com nossos atores, e temos atuações bri-

lhantes ao longo de todo este filme”, refletiu. “Mas não podemos rodar a câmera novamente. Não temos orçamento para isso. Não somos um filme de um grande estúdio. Então, tivemos que pensar em formas inovadoras de fazer isso. E percebemos que a tecnologia está à nossa disposição.”

Charada

Resposta da semana anterior: Lá (2) = ali + procure (2) = cate. Solução: ferramenta (4) = alicate.

Charada de hoje: O policial (2), por seu discernimento (2), acabou por torna-se um presunçoso (4).

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br



Ilustração: Bruno Chiozzi



Foto: Rep./Acervo Itaú Cultural

Eita!!!!

Mais mulheres que fizeram história

São muitas as grandes mulheres que marcaram a história do mundo. Por isso, vamos dar continuidade à lista da semana passada, com importantes nomes que atuaram como cientistas, escritoras, revolucionárias, médicas, astronautas e tantas outras funções. São mulheres que servem de exemplo e de inspiração para todas as pessoas ao redor do globo.

Nise da Silveira (1905–1999)

Uma das personalidades brasileiras mais relevantes na psiquiatria, Nise (foto acima) desenvolveu métodos de trabalho com os pacientes que incluíam o processo artístico e um tratamento mais humano e eficaz, revolucionando a maneira como a saúde mental é encarada no país. Isso porque, na época, era costume usar recursos invasivos e violentos como eletrochoque, lobotomia e grande quantidade de remédios. Sua história inspirou a adaptação cinematográfica *Nise: o coração da loucura* (2015), de Roberto Berliner, mesmo diretor do documentário *A pessoa é para o que nasce* (2003), sobre as Ceguinhas de Campina Grande.

Dandara (?–1694)

Um dos símbolos femininos de maior força para o movimento negro no Brasil é Dandara. Casada com Zumbi dos Palmares, ela foi uma guerreira no período colonial do país. Não há muitos registros sobre sua vida e seus feitos. Entretanto, especula-se que ela conhecia as técnicas de capoeira e lutou bravamente para defender o Quilombo dos Palmares. Morreu em 1694 ao cometer suicídio, pois não tolerava retornar à condição de escravizada.

Tia Ciata (1854–1924)

Hilária Batista de Almeida era o nome de batismo de Tia Ciata, uma brasileira que entrou para a história do país como uma das maiores influências para o surgimento do samba carioca. Cozinheira, ela era também mãe de santo e recebia diversos músicos em sua casa para compor e tocar samba. Isso em uma época que as manifestações culturais do povo negro eram estritamente proibidas pela polícia. Também ficou marcada como uma das principais animadoras da cultura afro-brasileira, sobretudo na região central carioca. Há um documentário intitulado *Tia Ciata — A mãe do samba* (2017), de Mariana Campos e Raquel Beatriz.

Bertha Lutz (1894–1976)

Figura de destaque no movimento feminista brasileiro, Lutz foi uma das mulheres grandes na história do país. Ela lutou pela conquista do voto feminino no Brasil e pela liberdade das mulheres. Além disso, foi educadora, diplomata e dedicou parte da sua vida à política. Como cientista, Bertha especializou-se em anfíbios e, em 1919, tornou-se secretária e pesquisadora do Museu Nacional do Rio de Janeiro, sendo a segunda mulher a fazer parte do serviço público do país.

9diferenças

Antonio Sá (Tônio)

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Solução

1 – brinco; 2 – banco; 3 – quadro; 4 – quadra; 5 – livro; 6 – dente do rato; 7 – cabelo da empregada; 8 – boca; 9 – pingo.

LEGADO INVISÍVEL

Cicatrizes talhadas no próprio DNA

Traços da psique, criados pelo conjunto de experiências, traumas e padrões afetivos não elaborados são repassados aos descendentes

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

As narrativas da Grécia Antiga legaram uma quantidade significativa de arquétipos e imagens simbólicas que, ao longo dos séculos, continuam a ser recuperados para ajudar a compreender os mistérios da mente, do comportamento e da cultura. O mito de Édipo, por exemplo, do filho que, sem saber, cumpre o oráculo de matar o pai e casar com a mãe, repetindo a sina de tragédias e maldições da família real de Tebas, foi utilizado por Sigmund Freud para explicar os desejos e conflitos existentes na relação entre pais e filhos. Psicanaliticamente, a estória também remete à noção de herança emocional, que consiste na repetição de padrões afetivos e comportamentos familiares internalizados e transmitidos entre as gerações.

Acontecimentos traumáticos, como guerras, lutos não elaborados, abusos e escassez vividos por pais, avós ou bisavós, podem deixar cicatrizes invisíveis que se manifestam como uma “sina”, repetida por filhos e netos, como é o caso de Juliana Teixeira, neta da líder camponesa Elizabeth Teixeira. Apesar de não ter passado por um processo de terapia que lhe desse condições de identificar com precisão os traumas herdados da família, a professora reconhece o quanto o histórico de tragédias sofridas, como o assassinato do avô, João Pedro, a perseguição a Elizabeth durante o governo militar, assim como a fuga dela e a separação dos filhos para evitar que fossem encontrados, tem impacto, ainda hoje, na sua vida. Toda essa saga gerou um dos maiores documentários do cinema nacional, *Cabra marcado para morrer* (1984), de Eduardo Coutinho (1933–2014).

“Eu tenho baixa autoestima e, por mais que eu tente lutar contra isso, me expressar sempre foi uma barreira, sabe?! Eu me sinto insegura, tenho muito medo, e eu sei que eu precisava tratar disso. No meu dia a dia, faço as coisas, mas eu não me sinto capaz. Tem momentos que vejo as pessoas todas juntas, como na sala de aula do meu mestrado, por exemplo, e eu geralmente começo a suar, a ficar muito nervosa, porque é como se aquilo não me pertencesse. Eu já me superei em muitas coisas, mas tudo é muito difícil. Eu me sinto como se fosse uma pessoa incapaz de ser amada”, confessa Juliana.

Ela associa esses comportamentos e sensações ao que sua mãe, Maria das Neves, ainda hoje experimenta. Adotada pelo tio e obrigada a mudar de nome, Juliana relata que a mãe tem mania de perseguição, é extremamente assustada e vive com medo de tudo que acontece, por mais natural que seja, achando que vai fazer algo para atingi-la. A professora considera que todos da família Teixeira deveriam passar por algum tipo de terapia, pois os traumas vão se perpetuando.

“Eu percebo que meu filho, de 11 anos, é muito inseguro, como eu. Ele nunca se acha bom o bastante. Ele entra num esporte, por exemplo, mas logo sai, porque não se acha bom. Depois que passou dois anos na terapia, ele melhorou bastante, mas ainda é uma criança que tem medo dele mesmo de enfrentar as coisas”, relata Juliana. Na fa-

mília, ainda é difícil falar abertamente sobre tudo que aconteceu no passado. “Tem muita coisa guardada”, completa.

Do mesmo modo que traços físicos são transmitidas às gerações seguintes, traços da psique, formados pelo conjunto de experiências, traumas, segredos e padrões afetivos não elaborados, são repassados aos descendentes, segundo a psicologia. Esse legado invisível não implica uma determinação da personalidade do indivíduo, mas repercute em muitas de suas atitudes diante da vida.

Até que ponto sentimentos, medos e comportamentos podem ser considerados uma herança emocional? Como romper esse ciclo de traumas? Seria esse legado apenas algo negativo? Como as crenças e práticas religiosas influenciam na forma como lidamos com emoções como culpa, medo ou esperança? É possível falar de uma herança emocional associada à dimensão social, especialmente ligada aos valores, às visões de mundo e aos comportamentos vinculados ao poder ou patrimônio acumulado pelas famílias? Essas são algumas das questões que levantamos aos especialistas ouvidos nesta edição do *Pensar*.

Ilustração: Bruno Chiossi

Fatos traumáticos, como lutos inacabados, abusos e escassez, vividos por pais, avós ou bisavós, podem deixar marcas que se manifestam como uma “sina”, repetida e semeada pelas próximas gerações

HERANÇA TRANSGERACIONAL

Como se passam as chagas psíquicas?

Na terapia, é possível aprofundar em que medida as questões emocionais podem estar relacionadas ao assunto

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

A ideia de que a pessoa já nasce carregando dores emocionais, medos e traumas de outras gerações parece determinista, mas, se considerarmos que características físicas, a exemplo da cor da pele e dos olhos, ou mesmo a predisposição para algumas doenças hereditárias, como diabetes e hipertensão, podemos pensar que as marcas da psique familiar podem exercer alguma influência nas emoções e no comportamento de seus descendentes.

“Nós nascemos com as emoções básicas, que, segundo os estudos do campo da emocionalidade, são seis — alegria (felicidade), tristeza, raiva, medo, nojo (repulsa) e surpresa. Ancestralmente, a gente é hábil para lidar com medo, que é uma emoção para nos proteger de algum perigo e mostrar que algo ruim pode acontecer, então uma experiência de dor pode ser transmitida também para todas as minhas gerações futuras, como forma de proteção. Um medo excessivo, uma ansiedade patológica ou mesmo uma depressão podem ser algo que vem de gerações anteriores, de situações que podem levar a pessoa a uma tristeza profunda”, explica a psicóloga Cinthia Galiza, alertando que é preciso avaliar cada caso para não generalizar.

A autora do livro *Herança transgeracional*, fruto de aproximações com o tema, tanto no atendimento clínico como na sua pesquisa de doutorado, relata que esse processo se manifesta no cotidiano, em casos de excessiva insegurança, angústias ou conflitos familiares que não apresentam uma causa aparente. Na terapia, é possível aprofundar em que medida tais questões podem estar relacionadas a uma herança transgeracional recebida de um trisavô, bisavô ou avô que passou por experiências traumáticas e não conseguiu elaborá-la bem.

“A gente percebe alguns padrões repetidos, como, por exemplo, de mulheres que foram violentadas e sofreram uma traumatização muito grande ou de pessoas excluídas do sistema familiar, que pode provocar dificuldade nos relacionamentos porque foram rejeitadas ou negligenciadas emocionalmente, e esses sentimentos foram repassados de modo transgeracional”, elucida a psicóloga.

Ela cita o caso de uma jovem que tinha muita dificuldade de se relacionar com a mãe e, ao longo da psicoterapia, descobriu que a genitora tinha perdido um bebê um ano antes de ela nascer. Por estar grávida, a mãe não conseguiu vivenciar bem a perda e o luto, pois tinha que se preocupar com os preparativos da nova criança que chegaria. Utilizando ferramentas tanto somáticas quanto cognitivas, a profissional conduziu um processo terapêutico visando integrar essa experiência intergeracional, isto é, transmitida de pais para filhos.

Em relação à herança propriamente transgeracional, transmitida de modo inconsciente entre mais de uma geração, Cinthia relembra o caso de alguém que relatava dificuldades na administração financeira. O paciente empreendia em diversos ramos de negócios, mas sempre entrava em falência. Após investigar a árvore genealógica, descobriu que seu tataravô havia sido assaltado, enquanto viajava de uma cidade para outra,

na Europa: ele teve roubado todo o dinheiro que guardava dentro da roupa. “Levaram tudo dele, e a família passou um bom tempo com dificuldades financeiras. E todo mundo ficou chateado porque ele não colocou o dinheiro em outro lugar. Quando a gente identificou essa história, meu paciente relatou como tudo parecia fazer mais sentido e que a sensação era semelhante quando ele perdia tudo nos negócios e sofria a exclusão da família. Ai, ele teve a oportunidade de elaborar melhor essa história e integrá-la em sua vida”, conta.

Sepultamento psíquico

Os segredos de família são um dos fatores que contribuem para a perpetuação de traumas entre as gerações. Na perspectiva da psicanálise, cunhou-se o termo “cripta” para representar o sepultamento psíquico de experiências dolorosas e de difícil abordagem, enquanto o “fantasma” seria o retorno desse segredo nas gerações seguintes, provocando repetições e sofrimentos. Na abordagem da psicologia



Foto: Arquivo pessoal

Um medo excessivo, uma ansiedade patológica ou mesmo uma depressão podem ser algo que vem de gerações anteriores

Cinthia Galiza

sistêmica, com a qual Cinthia Galiza trabalha, há um enfoque interdisciplinar que considera aspectos individuais familiares e sociais. Nessa visão, busca-se superar uma relação simplista de causa e efeito para considerar o ser humano a partir da complexidade dos vários sistemas que o envolvem, agregando, inclusive, estudos no campo da epigenética.

“Quando acontece essa experiência traumática dentro da nossa família,

às vezes as pessoas não têm estrutura, o aparelho psíquico não tem estrutura para elaborar aquele trauma e ele é passado para gerações futuras. Geralmente, são lutos bloqueados, perdas de filhos pequenos ou jovens, que são tratados como inconcebíveis para a natureza humana. As gerações que vêm depois trazem essa consequência. Os estudos recentes da epigenética apontam que é pelo grau de estresse que o trauma foi provocado que ele fica consolidado, marcado no corpo e geneticamente por uma mudança do cortisol. As pesquisas mostram alterações no funcionamento do sistema nervoso e como a regulação emocional foi sendo desestruturada, gerando ansiedade, depressão e outros transtornos mentais”, destaca a especialista.

Tomada de consciência

Os instrumentos utilizados para identificar padrões herdados transgeracionalmente vão desde a construção da árvore genealógica, passando pela genograma familiar, representação gráfica das gerações utilizando símbolos específicos para mapear relações afetivas, estruturais e de saúde, até a psicogenealogia, abordagem terapêutica transdisciplinar, focada na história familiar e nos legados emocionais herdados de antepassados. Cinthia Galiza alerta, no entanto, que não basta conhecer, é preciso tomar consciência das experiências por meio de exercícios terapêuticos que, do mesmo modo que os exercícios físicos recomendados para cuidar do corpo, precisam ser executados com regularidade para manter a saúde mental.

No livro que lançou em 2019, a psicóloga apresenta fases, técnicas e reflexões que auxiliam as pessoas a melhor desenvolver autocuidado, autoconhecimento e autoaceitação. Com uma abordagem integrativa, a autora enfatiza o cuidado completo do ser em suas dimensões biológica, emocional, mental, social e espiritual, estimulando o entendimento da linguagem corporal como expressões das sensações e emoções.

Os passos para percorrer esse caminho começam com a identificação das emoções e sentimentos, aos quais se segue a necessidade de investigar o cuidado de si e do outro. Essa é, segundo a terapeuta, a etapa que demanda mais tempo, pois envolve reorganização de hábitos de trabalho, alimentares e de atenção ao próprio corpo, de aprendizado e de acolhimento, respeitando seus próprios limites sem medo de julgamentos, sentimentos de culpa ou vitimização.

A tomada de consciência transgeracional é o passo seguinte, por meio do qual se entende a própria história.

“De onde eu vim? Como eu vim? Como eu nasci? Como foi o meu parto? Como é meu nome? Qual o significado do meu nome? Quem foi que escolheu meu nome? Quando foi?” são perguntas que a profissional recomenda para aprofundar as heranças que a pessoa traz sem saber. Segundo ela, gostar ou não gostar do nome pode ser um recado importante da árvore genealógica.

Depois de acessar as experiências de dores familiares, é preciso lançar um novo olhar sobre elas para ressignificá-las, conferindo-lhes nova roupagem. Daí surge a gratidão, fase que Cinthia Galiza considera bem mais avançada, pois implica uma mudança de chave para perceber, por exemplo, que o abraço não recebido dos pais não era a única forma de afeto possível. “É como pegar um limão e fazer uma limonada. Tem coisas no passado que não é possível mudar, então a gente revisita o passado para entender e volta para o presente para ressignificar e agradecer o que tem para poder seguir em frente”.



Ilustração: Bruno Chioesi

No viés da psicandlise, o termo “cripta” representa o enterro psíquico de experiências dolorosas, enquanto o “fantasma” seria a volta desse segredo nas gerações seguintes, gerando repetições e sofrimentos

CRENÇAS E VALORES

Religião é um dos elementos que moldam as gerações

Legado imaterial também consiste o ambiente doméstico e as referências socioculturais

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

A transmissão de valores, emoções, crenças e comportamentos entre as gerações não pode ser compreendida pelo compartilhamento de códigos genéticos. Os modos de se relacionar aprendidos ainda na infância, o ambiente doméstico e as referências socioculturais, inclusive as religiosas, também são parte do legado invisível que recebemos. É justamente essa a compreensão que Fabrício Possebon, professor aposentado do curso de Ciências das Religiões, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), enfatiza ao tratar da herança emocional. Para o pesquisador, os estímulos dados pelos pais podem gerar emoções e marcas de temperamento semelhantes nos filhos.

“Essa herança emocional é da mesma natureza de qualquer outra herança. Popularmente se diz: ‘Fulano puxou a inteligência de seu avô, ou outro exemplo: ‘É dorminhoco como sua tia’. Evidentemente é muito difícil fazer a demonstração, em termos científicos, dessas constatações da sabedoria popular, mas de modo algum ela deve ser desprezada”, ressalta Possebon. Trata-se de uma herança ampla que abrange diferentes aspectos da vida, desde os modos de se relacionar afetivamente, no trabalho, na vida em comunidade e até nas práticas religiosas.

O professor enfatiza o valor social da religião, como um elemento que molda a vida das pessoas, passado de geração em geração. As crenças e práticas em torno dessa esfera da vida envolvem um conjunto sistematizado de conhecimentos: a doutrina propriamente dita, que possui modos padronizados para sua transmissão, a partir de hierarquias e lideranças institucionalizadas. Para ajudar a compreender essa dimensão, ele compara o sistema religioso com o sistema alimentar, no qual aprendemos a gostar ou não de certos alimentos, a partir dos pratos que são preparados no ambiente familiar.

“Numa escala mais ampla, toda uma cidade, um estado, um país aprecia determinados sabores, sendo inclusive uma marca cultural expressiva, um verdadeiro patrimônio. A religião é da mesma natureza. Normalmente, vamos continuar no mesmo sistema religioso de nossos pais; as mudanças são principalmente a exceção do que a regra. Igualmente, as respostas emocionais. [...] Perceba a aproximação da religião com a emoção: se, com dado estímulo, eu me emociono com, por exemplo, a raiva, o medo etc. é porque aprendi e interiorizei determinados valores; igualmente, em determinada circunstância, darei respostas religiosas que aprendi e interiorizei — por exemplo, faço determinado gesto, ou me coloco a orar, ou dou certa explicação teórica”, explica Possebon.

Ritos domésticos, como a prática de rezar antes das refeições ou em momentos específicos ao longo do dia, ou tradições, como acender uma vela e fazer promessas, são formas invisíveis de transmitir a herança religiosa pela emoção. O docente recorda que um dos argumentos utilizados para justificar a crença em determinada religião faz referência à tradição familiar, o que demonstra como o envolvimento emocio-

nal é superior ao racional, como já afirmou Aristóteles em sua definição de emoção: “aquilo que altera o juízo”.

Lares

Para destacar a importância do culto doméstico, Fabrício Possebon lembra que o termo “lar”, derivado do latim, refere-se a divindades da antiga Roma, os Lares, invocadas como protetoras das famílias, para as quais se faziam pequenos altares com estátuas e uma chama acesa (donde vem o termo “lareira”). Muito dessa expressão de religiosidade familiar dos antigos latinos chegou aos nossos dias, como se percebe no culto cristão, mas também em outras manifestações religiosas.

“Em certo sentido, chegamos a pensar que o culto doméstico pode ser mais potente do que o público, porque a intimidade do lar pode ser até mais autêntica, já que não precisa ser ostensiva e não precisa ser vista por outros. É a expressão do que, de fato, algo sente e vivencia em sua crença particular e íntima”, argumenta o pesquisador, sem desconsiderar o valor do culto público. “Imagine-mos, por exemplo, uma casa, ou melhor, um lar, em que um pequeno altar contém as estátuas ou objetos sagrados dos antepassados, passados de geração em geração. Quando alguém diante deles se põe a fazer os ritos estabelecidos, toda essa tradição antiga é resgatada e reatualizada, é novamente vivenciada e evidentemente fortalecida”, ilustra. E pontua que, mesmo as expressões religiosas que não utilizam objetos ostensivos, buscam a força da tradição nas narrativas e memórias dos fatos considerados notáveis.

O saber dos antepassados é outro aspecto bastante valorizado e reverenciado em sociedades tradicionais. A ancestralidade, compreendida enquanto linhagem tanto genética quanto cultural, exerce um significativo impacto nas diferentes dimensões da vida de uma pessoa ou de grupos aos quais pertence, por isso o respeito aos mais antigos e aos antepassados costuma ser cultivado, tanto em contextos sociais como religiosos.

Possebon chama atenção para como as tradições religiosas de



Foto: Arquivo pessoal

Em certo sentido, chegamos a pensar que o culto doméstico pode ser mais potente do que o público, porque a intimidade do lar pode ser até mais autêntica

Fabrício Possebon

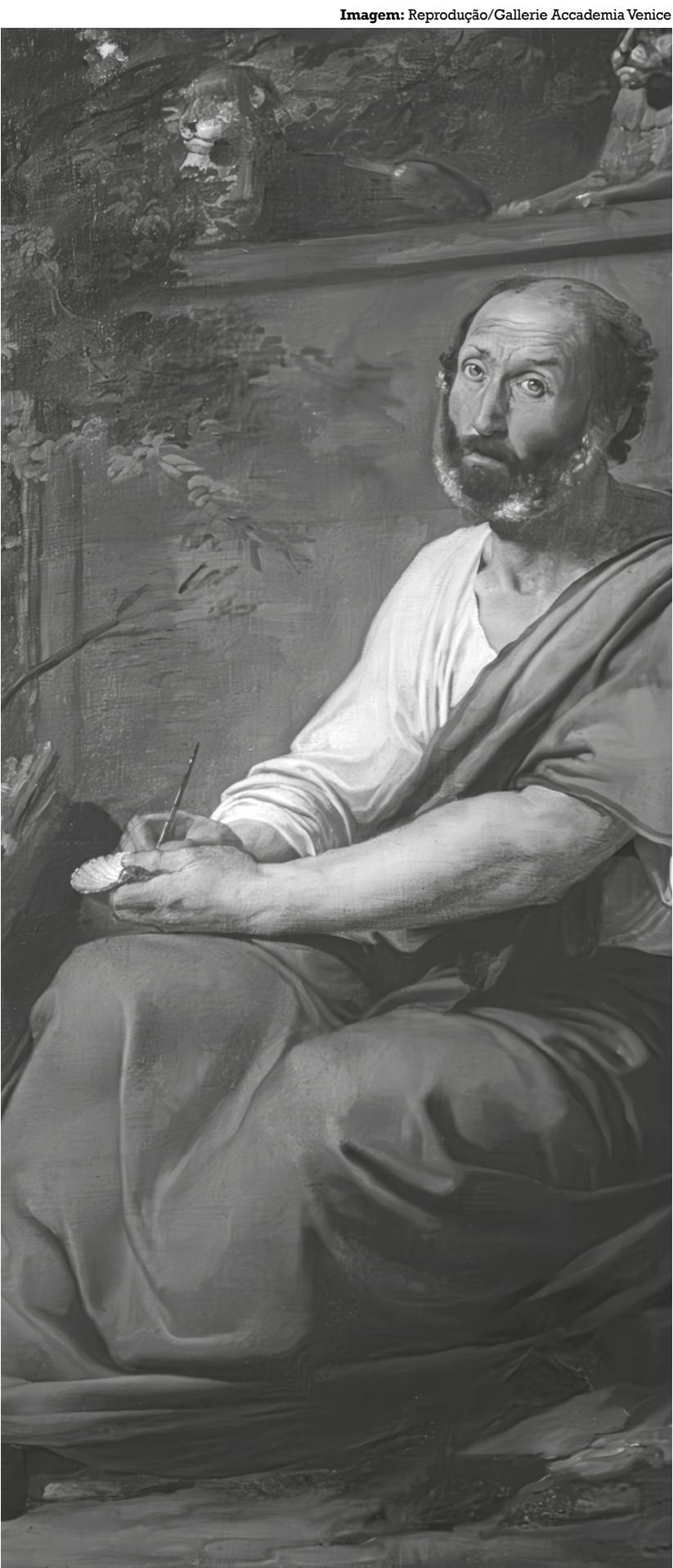


Imagem: Reprodução/Gallerie Accademia Venice

Para o filósofo Aristóteles (384–322 a.C.), emoção é “aquilo que altera o juízo”

matriz afro e indígena cultivam uma relação mais forte com quem veio antes a ponto de o saber produzido por eles exceder o saber dos homens atuais. Nessa dinâmica de orações, narrativas e rituais, a fé acaba atravessando gerações e a memória dos antepassados contribui para fortalecer o vínculo com uma determinada identidade, que representa um modelo de sentir e interpretar o mundo.

O pesquisador defende que, mesmo em contexto profano, ou seja, fora dos cultos e ritos de religiões, as pessoas que não têm crença podem, caso sintam necessidade e queiram, restabelecer vínculos perdidos com seus ancestrais. Para isso, indica a educação emocional e aponta dois exercícios simples que podem ser feitos em casa.

O primeiro consiste em escrever numa folha de papel os nomes dos pais, avós paternos e maternos e bisavós. Se, por alguma razão, faltar algum nome, ele recomenda inventar algum que gostaria que ele ou ela tivesse. “Estando com essa lista, cante os nomes lentamente, criando uma melodia. Repita várias vezes esse cantar. Irá perceber que, talvez, com um ou outro nome, o canto não flui tão bem. Esse é o diagnóstico de que tal vínculo precisa ser fortalecido com esse antepassado. Cantar os nomes é tanto o diagnóstico como a própria terapia. O exercício não

é dizer os nomes, mas cantar. O canto evoca principalmente o universo das emoções, daí sua força como exercício da educação emocional”, sugere.

A segunda atividade que pode ser feita envolve algum registro fotográfico. Trata-se de organizar fotografias dos pais e outros antepassados numa prateleira, por exemplo, contando que seja acima da altura da cabeça, de modo que, ao observá-las, precise levantar o olhar. “Essa posição simbólica dos filhos olhando os pais, de baixo, reforça a condição de honrá-los, colocando cada um em seu devido lugar: os pais vieram antes — estão em cima; os filhos vieram depois — estão embaixo. Se tiver uma foto dos avós, coloque-a em posição acima da dos pais, pelo mesmo motivo, também para honrá-los no lugar que devem estar”, orienta o especialista em educação emocional, que criou com a esposa, Elisa Possebon, uma plataforma *on-line* voltada para professores planejarem aulas, oficinas e encontros visando desenvolver as habilidades socioemocionais.

Ele indica, ainda, conhecer técnicas como psicomagia, psicodrama e constelação familiar, bem como práticas de ioga, bioenergética e biodança pela potencialidade que apresentam para restaurar vínculos deteriorados e fortalecer a identidade.

“HERANÇOCRACIA”

Um novo termo para um velho sistema

Remetendo às monarquias, o modelo consiste no patrimônio familiar herdado, que pesa mais do que o mérito como forma de mobilidade social

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

A ideia de “herançocracia”, livre tradução do termo inglês *“inheritocracy”*, cunhado pela historiadora britânica Eliza Filby para se referir a um sistema social no qual a herança pesa mais que mérito como forma de mobilidade social, não é uma realidade nova. Ele remete às monarquias, nas quais os tronos eram hereditários, mas também ao poder de uma elite econômica de origem burguesa, cuja riqueza é passada às futuras gerações. A transmissão patrimonial acumulada, no entanto, não vem despida de valores, visões de mundo e comportamentos ligados ao poder ou ao *status*.

Ao investigar a formação da elite política paraibana, o cientista social e professor universitário José Marciano Monteiro conclui que muitas famílias estudadas constroem uma estrutura de poder político e econômico que se perpetua ao longo do tempo pela transmissão de capitais simbólicos e materiais entre as gerações. “O capital político-familiar é o distintivo simbólico e material que se transmite pelo ‘nome de família’ e pelo patrimônio

material e simbólico do grupo familiar. Trata-se de uma espécie de capital político que se desdobra simbolicamente pela força exercida pela ‘palavra de ordem’ da família”, argumenta.

Assim, bens, dinheiro e propriedades vêm acompanhados de uma herança invisível atrelada a eles: a relação formal em como lidar com o dinheiro — poupando ou gastando —, a compreensão de trabalho, o modo como exercer autoridade e a rede de contatos que estimula vínculos em determinados círculos sociais, assim como rivalidades ou expectativas e pressões pela continuidade profissional ou do “negócio” familiar, muitas vezes ligado à política.

“Quanto mais o agente se encontra vinculado e/ou pertencente ao núcleo da família política ou das novas famílias políticas, maior a chance de exercer cargo de comando em postos superiores da administração pública. Não se trata de um fenômeno novo, principalmente quando a referência é a Região Nordeste”, pontuou Marciano Monteiro, em sua pesquisa.

Para manter o legado familiar, seja político, econômico ou social, muitas vezes as novas gerações têm que suportar uma carga emocional silenciosa,

marcada por expectativas rígidas e medo do fracasso. Os bens e posições herdados vêm acompanhados de obrigações sobre a perpetuação de uma identidade construída, limitando o poder de escolhas pessoais e profissionais. Nesse sentido, a “herançocracia” precisa ser considerada não somente a partir dos privilégios, mas também das pressões psicológicas, que dificultam a autonomia do indivíduo. O legado patrimonial carrega consigo também um fardo emocional.

Essas questões evidenciam o que a psicologia sistêmica propõe, de que a compreensão do indivíduo não pode ser dissociada do contexto social no qual ele está inserido. Famílias e sociedades formam um sistema interligado que molda comportamentos, emoções e crenças ao longo das gerações. Padrões sociais, como as limitações historicamente impostas à mulher, impactam nas emoções e nas formações familiares e atravessam o tempo, influenciando subjetividades. Questões como sofrimento psíquico ou dependência química não podem ser analisadas isoladamente. Na perspectiva da psicologia sistêmica com enfoque transgeracional, são expressões de dinâmicas herdadas coletivamente.

Legado patrimonial precisa ser considerado não somente a partir dos seus privilégios, mas também das pressões psicológicas, que dificultam a autonomia do indivíduo

Ilustrações: Bruno Chiossi

“Banco da mamãe e do papai” foi tomado como símbolo do fenômeno

O termo “herançocracia” foi cunhado pela historiadora Eliza Filby em oposição à ideia de meritocracia, na qual o sucesso e o fracasso são justificados moralmente pelo talento e esforço individuais. Essa característica só foi possível com o crescimento econômico europeu do pós-guerra, que permitia formas de mobilidade social àqueles que tivessem acesso à educação superior.

No cenário atual, sem a garantia de bons resultados para todos, a pesquisadora britânica volta a destacar o papel familiar como fonte de estabilidade financeira. “A família está intervindo porque o Estado se retirou e o mercado ficou disfuncional em áreas fundamentais”, explica Filby, autora de *Inheritocracy*:

it’s time to talk about the bank of mum and dad (“‘Herançocracia’: está na hora de falar do banco da mamãe e do papai”, em tradução livre).

Outros aspectos que entram na conta dessa transformação são as mudanças de interesse das novas gerações. Muitos jovens não veem a universidade como uma opção, sobretudo pelo valor monetário que tem sido atribuído a essa titulação. O fracasso econômico não é, segundo a autora do livro, o único fator desse processo. A rigidez em torno da ideia limitada daquilo que constitui inteligência e sucesso, herdada do século 19, é extremamente problemática em tempos de inteligência artificial.

A expressão “banco da mamãe e do papai”, surgida

no Reino Unido pelos idos de 2013, foi tomada como símbolo da “herançocracia” pela historiadora, por representar o modo como o patrimônio dos pais e avós tem sido usado para ajudar seus filhos e netos a pagar estudos e outras despesas básicas de sobrevivência, como aluguel.

O impacto dessas mudanças tem reconfigurado a forma como as pessoas vivem seus relacionamentos, planejam suas vidas e buscam segurança, como, por exemplo, a escolha de parceiros entre pessoas com origens e condições econômicas similares. Eliza Filby aponta levantamentos que indicam que mais da metade dos jovens da geração Z consideram a compatibilidade financeira um fator central em uma relação.

“Herançocracia” foi cunhado em oposição à ideia de meritocracia, na qual o sucesso e o fracasso são justificados moralmente pelo talento e esforço individuais